

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Psicologia



Programa de Doutoramento em Migrações

POR VEZES SOMOS "UNS" E POR VEZES SOMOS "OUTROS":  
O IMPACTO DA INCLUSÃO SOCIAL NA COMPLEXIDADE DO  
SELF

Nádia Sofia Palma Cristino

Orientadores: Prof. Doutor José Manuel Palma Oliveira

Prof. Doutor Leonel Garcia-Marques

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Social

2025

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Psicologia



Programa de Doutoramento em Migrações

**POR VEZES SOMOS "UNS" E POR VEZES SOMOS "OUTROS": O  
IMPACTO DA INCLUSÃO SOCIAL NA COMPLEXIDADE DO SELF**

Nádia Sofia Palma Cristino

Orientadores: Prof. Doutor José Manuel Palma Oliveira

Prof. Doutor Leonel Garcia-Marques

Júri:

Presidente: Doutor Mário Augusto de Carvalho Boto Ferreira, Professor Catedrático e membro do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Vogais:

- Doutor Rui Filipe Gaspar de Carvalho, Professor Associado da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa;
- Doutora Maria de Fátima Campos Bernardo, Professora Auxiliar do Departamento de Psicologia da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora;
- Doutora Maria Lucinda Cruz dos Santos Fonseca, Professora Catedrática Aposentada do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa;
- Doutor José Manuel Palma-Oliveira, Professor Auxiliar Aposentado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (orientador).

Tese financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia PD/BD/135444/2017

2025

A investigação reportada nesta tese foi financiada pela

Fundação para a Ciência e Tecnologia

PD/BD/135444/2017



## **Agradecimentos**

O percurso que culminou nesta tese foi mais longo que o previsto, e exigiu mais do que eu esperava.

Agradeço aos meus orientadores, Professor Doutor José Manuel da Palma Oliveira e Professor Doutor Leonel Garcia-Marques, ambos da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, pela sua preciosa orientação e compreensão com os imprevistos pessoais que ocorreram neste percurso.

Com a Professora Doutora Maria Lucinda Fonseca, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, e todo o corpo docente envolvido no Doutoramento em Migrações Internacionais, tive a oportunidade de expandir os horizontes, compreender a riqueza da investigação em Migrações e como a Psicologia deve estar presente nos desenvolvimentos futuros. Naturalmente o meu agradecimento à Fundação da Ciência e Tecnologia que, para além do financiamento, promoveu o surgimento de um Programa de Doutoramento Interuniversitário que me permitiu desenvolver este projeto no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade e na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Um enorme agradecimento à minha mãe e à Vânia Bruno que, neste longo e complexo percurso, sempre presentes e que me ajudaram a chegar à sua conclusão.

Agradeço também à Câmara Municipal de Oeiras, e em particular à Professora Doutora Patrícia Gonçalves Costa e à Doutora Maria Júlia Marques que sempre compreenderam o esforço envolvidos na conciliação entre o trabalho e a conclusão da dissertação de doutoramento. Os meus agradecimentos são vários, e incluem também os colegas com que trabalho e que nos momentos de maior stress e desorientação estão lá para apoiar.

Agradeço a todos os Professores que tive ao longo do meu percurso académico, todos contribuíram para este momento, bem como, os meus colegas, amigos, ao Sea, e todos os elementos envolvidos no núcleo de investigação em que estive.

## Resumo

A Psicologia Social possui um amplo corpo de investigação sobre a tendência do indivíduo a perceber o seu grupo como mais variável, heterogêneo, e o grupo externo como menos variável, homogêneo. Todavia, poucos estudos analisam o efeito da complexidade do self na percepção de variabilidade de grupos sociais. Esta dinâmica de homogeneidade do grupo externo, cujas consequências psicossociais são muito estudadas, nomeadamente na percepção de migrantes, poderá ser qualificada pela complexidade do self.

Na presente investigação, em três experimentos, testamos como a indução de complexidade do self altera a percepção individual de variabilidade de grupos sociais (Linville, 1982). Os resultados sugerem que os participantes induzidos à menor complexidade do self exibem maior extremidade do julgamento, percebendo o grupo interno como heterogêneo e o grupo externo como homogêneo. Por sua vez, os participantes induzidos à maior complexidade do self evidenciam menor extremidade no julgamento, ou seja, percebem maior variabilidade no grupo externo comparativamente aos participantes induzido à baixa complexidade do self. Estes resultados destacam a importância da complexidade do self como um preditor de comportamento relevante para futuras investigações.

Para além do efeito da complexidade do self na variabilidade percebida, a nossa investigação também explora experimentalmente a interdependência entre a complexidade do self (i.e., nível pessoal da representação do self) e a complexidade da identidade social (i.e., nível do self coletivo). Segundo Linville (1982), a complexidade do self varia na quantidade de aspetos do self e na redundância entre esses aspetos. Deste modo, se perante o mesmo número de aspetos do self existe alta redundância, resultará na baixa complexidade do self. Porém, se existir baixa redundância para esse mesmo número de aspetos do self, evidenciar-se-á a alta complexidade do self. A complexidade da identidade social (Roccas & Brewer,

2002) reflete o grau de sobreposição percebida entre os grupos. Quando a sobreposição dos vários grupos de pertença é percebida como elevada, o indivíduo mantém uma estrutura de identidade relativamente simplificada através do qual as associações a grupos diferentes convergem para formar uma única identificação com o grupo interno. Os resultados demonstram que os participantes induzidos à menor complexidade do self evidenciam menor complexidade da identidade social, percebendo baixa sobreposição entre o seu grupo e os grupos de imigrantes. Por outro lado, os participantes induzidos à maior complexidade do self evidenciam maior complexidade da identidade social, o que se traduz numa maior percepção de sobreposição entre o seu grupo e os grupos de imigrantes. A nossa investigação é inovadora ao testar e analisar, no mesmo indivíduo, a complexidade do self e a complexidade da identidade social, que se adaptam de forma síncrona, quando, tradicionalmente, estes dois níveis de representação do self são analisados separadamente. Os resultados salientam a importância de serem desenvolvidas mais investigações com foco nestes dois níveis de representação, assim como, as respetivas medidas para uma melhor compreensão da percepção e do comportamento intergrupar, num mundo cada vez mais global.

*Palavras-chave:* complexidade do self; complexidade da identidade social; variabilidade percebida; extremidade do julgamento; percepção de migrantes.

## Abstract

Social Psychology has a broad body of research on the individual's tendency to perceive their own group as more variable, heterogeneous, and the external group as less variable, homogeneous. However, few studies analyse the effect of self-complexity on the perception of variability in social groups. This dynamic of out-group homogeneity, whose psychosocial consequences are widely studied, particularly in the perception of migrants, can be qualified by the complexity of the self.

In the present research, across three experiments, we tested how the induction of self-complexity changes the individual perception of social group variability (Linville, 1982). The results show that participants induced to lower self-complexity exhibit greater extremity in judgment, perceiving the ingroup as heterogeneous and the outgroup as homogeneous. Conversely, participants induced to higher self-complexity show less extremity in judgment, perceiving greater variability in the outgroup compared to participants induced to lower self-complexity. These results highlight the importance of self-complexity as a predictor of behaviour relevant to future research.

In addition to the effect of self-complexity on perceived variability, our research also experimentally explores the interdependence between self-complexity (i.e., the personal level of self-representation) and social identity complexity (i.e., the level of the collective self). According to Linville (1982), self-complexity varies in the number of aspects of the self and the redundancy between these aspects. Thus, if the same number of aspects of the self has high redundancy, it will result in low self-complexity. However, if there is low redundancy for that same number of aspects of the self, it will show high self-complexity. Social identity complexity (Roccas & Brewer, 2002) reflects the perceived degree of overlap between groups. When the overlap of the various belonging groups is perceived as high, the individual maintains a relatively simplified identity structure through which associations to different

groups converge to form a single identification with the ingroup. The results show that participants induced to lower self-complexity exhibit lower social identity complexity, perceiving low overlap between their group and immigrant groups. On the other hand, participants induced to higher self-complexity exhibit greater social identity complexity, which translates into a greater perception of overlap between their group and immigrant groups. Our research is innovative in testing and analysing, in the same individual, self-complexity and social identity complexity, which adapt synchronously, when traditionally, these two levels of self-representation are analysed separately. The results emphasize the importance of developing more research focusing on these two levels of representation, as well as the respective measures for a better understanding of intergroup perception and behaviour in an increasingly global world.

*Keywords:* self-complexity; social identity complexity; perceived variability; extremity of judgment; perception of migrants.

## Índice

### Por Vezes Somos "Uns" E Por Vezes Somos “Outros”: O Impacto Da inclusão Social

<b>Na Complexidade do Self .....</b>	<b>1</b>
Perceção do mundo social .....	2
<i>Variabilidade percebida</i> .....	4
<i>Subtipagem e subgrupo</i> .....	7
Tipicidade .....	10
O self .....	13
<i>Self contextual, adaptação e representação</i> .....	14
<i>Self individual</i> .....	15
Complexidade cognitiva .....	19
<i>Complexidade do self</i> .....	21
Self coletivo .....	26
<i>Identidade social</i> .....	29
<i>Autocategorização</i> .....	32
<i>Teoria da distintividade ótima</i> .....	38
<i>Complexidade da identidade social</i> .....	42
A presente investigação .....	47
<b>Estudos .....</b>	<b>49</b>
Estudo I .....	49
<i>Método</i> .....	50
Materiais e Medidas .....	50
Participantes .....	52
Procedimento .....	53
<i>Resultados</i> .....	53
Verificação da indução experimental da complexidade do self. ....	54
Complexidade da identidade social. ....	55
Complexidade da descrição de alvos sociais. ....	55
<i>Discussão</i> .....	57
Estudo II .....	59
<i>Método</i> .....	62
Materiais e Medidas .....	62

Participantes.....	64
Procedimento. ....	65
<i>Resultados</i> .....	65
Verificação da indução experimental da complexidade do self. ....	66
Complexidade da identidade social. ....	68
Complexidade da descrição de alvos sociais. ....	68
Inclusão do outro no self.....	70
Análise de contrastes.....	71
<i>Discussão</i> .....	72
Estudo III.....	75
<i>Método</i> .....	78
Materiais e medidas. ....	78
Participantes.....	79
Procedimento. ....	79
<i>Resultados</i> .....	80
Verificação da indução experimental da complexidade do self. ....	80
Verificação de efeito do tamanho relativo do grupo.....	81
Assimilação. ....	82
Análise de contrastes.....	84
Diferenciação. ....	85
Complexidade da identidade social. ....	86
Análise de contrastes.....	87
Complexidade da descrição de alvos sociais. ....	88
Análise de contrastes.....	90
Inclusão do outro no self.....	91
Análise de contrastes.....	92
<i>Discussão</i> .....	93
<b>Discussão Geral</b> .....	<b>94</b>
<b>Limitações e estudos futuros</b> .....	<b>98</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>102</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>122</b>
Anexo A - Pré-teste para grupos de imigrantes que integram os itens da medida da Complexidade da Identidade Social.....	122

Anexo B – Pré-teste traços utilizados na tarefa complexidade da descrição de alvos sociais .....	124
Anexo C – Instruções Estudo I.....	127
Anexo D – Pré-teste alvos sociais .....	131
Anexo E – Instruções Estudo II.....	136
Anexo F – Instruções e materiais Estudo III .....	143

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> <i>Esquema ilustrativo do conjunto de características utilizados na avaliação de um candidato do grupo do interno e do grupo externo a um emprego .....</i>	22
<b>Figura 2</b> <i>Representação do self independente e do self interdependente .....</i>	28
<b>Figura 3</b> <i>Estruturas alternativas das múltiplas representações do grupo interno e complexidade .....</i>	44
<b>Figura 4</b> <i>Extremidade do julgamento após avaliação de seis ou dois atributos .....</i>	54
<b>Figura 5</b> <i>Complexidade da identidade social após indução de alta ou baixa complexidade do self.....</i>	55
<b>Figura 6</b> <i>Complexidade na descrição de alvos sociais após indução de alta ou baixa complexidade do self.....</i>	56
<b>Figura 7</b> <i>Complexidade na descrição de alvos sociais para os alvos português e imigrante legal a residir em Portugal .....</i>	57
<b>Figura 8</b> <i>Escala de resposta utilizada pelos participantes para indicar a inclusão do outro no seu self.....</i>	64
<b>Figura 9</b> <i>Extremidade do julgamento após avaliação de seis ou dois atributos .....</i>	67
<b>Figura 10</b> <i>Complexidade da identidade social nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self.....</i>	68
<b>Figura 11</b> <i>Complexidade da descrição de alvos sociais nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self.....</i>	69
<b>Figura 12</b> <i>Inclusão do outro no self nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self, para o Alvo João ou Abdel .....</i>	71
<b>Figura 13</b> <i>Extremidade do julgamento após avaliação de seis ou dois atributos .....</i>	81
<b>Figura 14</b> <i>Necessidade de assimilação para Alta e Baixa complexidade do self.....</i>	82
<b>Figura 15</b> <i>Necessidade de assimilação para Grupo pequeno e Grupo grande .....</i>	83
<b>Figura 16</b> <i>Interação significativa entre a Complexidade do self (alta vs. Baixa) e o Tamanho relativo do grupo (Pequeno vs. Grande) na necessidade de assimilação .....</i>	84
<b>Figura 17</b> <i>Necessidade de diferenciação para Grupo pequeno e Grupo grande .....</i>	85
<b>Figura 18</b> <i>Complexidade da Identidade Social nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do Self, para Grupo pequeno e Grupo grande .....</i>	87
<b>Figura 19</b> <i>Complexidade da descrição de alvos sociais nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self, para Grupo pequeno e Grupo grande .....</i>	90

<b>Figura 20</b> <i>Inclusão do outro no self nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do Self, para alvo Português nascido em Lisboa e Filho de imigrante nascido em Lisboa</i> .....	92
<b>Figura 21</b> <i>Efeito do Número de atributos (Seis vs. Dois) na extremidade do julgamento</i> .....	132
<b>Figura 22</b> <i>Efeito da Complexidade do Self Induzida (CSI) (Alta vs. Baixa) na Complexidade da Identidade Social</i> .....	133
<b>Figura 23</b> <i>Efeito do Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante lega a residir em Portugal) na Complexidade da descrição de alvos sociais</i> .....	134
<b>Figura 24</b> <i>Efeito da Complexidade do Self Induzida (Alta vs. Baixa) e do Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante lega a residir em Portugal) na variável Complexidade da descrição de alvos sociais</i> .....	135

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> <i>Análise descritiva das respostas à identificação com cada um dos dezoito grupos de imigrantes.....</i>	122
<b>Tabela 2</b> <i>Frequência da escolha de cada um dos traços pelos participantes.....</i>	125

## **Por Vezes Somos "Uns" E Por Vezes Somos "Outros": O Impacto Da inclusão Social Na Complexidade do Self**

Na sala de espera de um consultório médico, ao observar as outras pessoas, na sua maioria idosos, um jovem percebe-as de uma forma simplista, inferindo que idosos preferem o sossego e são desajeitados com a tecnologia. Contudo, um idoso, na mesma sala de espera, nota que um senhor está profundamente envolvido na leitura de um livro de ficção científica, e que uma senhora usa o seu telemóvel para realizar compras online, revelando grande familiaridade com a tecnologia. No jovem destaca-se a tendência a perceber o grupo ao qual não pertence como homogéneo, ou seja, com baixa variabilidade, enquanto o idoso, ao pertencer ao mesmo grupo etário do alvo, evidencia a tendência a perceber o seu grupo como heterogéneo, ou seja, percebe maior variabilidade entre os membros do seu grupo.

A variabilidade percebida consiste na perceção de diferenças e semelhanças entre os membros de um grupo social. Este conceito tem motivado diversas investigações que geram um robusto corpo de evidências sobre o seu impacto nos estereótipos e relações intergrupais. Estas investigações tradicionalmente seguem duas linhas de investigação independentes: os processos psicológicos do self individual e os processos psicológicos do self coletivo.

Na nossa investigação, propomos demonstrar que estes dois níveis do self são complementares e influenciam a perceção de variabilidade de alvos sociais. Recorremos, para tal, a uma abordagem metodológica inovadora, que testa a complementaridade da complexidade do self individual, a diversidade das representações cognitivas, a complexidade da identidade social, e as múltiplas afiliações grupais de um indivíduo, que funcionam em espelho. Consideramos que estas formas de complexidade são interdependentes, e variações no nível individual conduzem a variações no nível coletivo, influenciando a perceção de homogeneidade ou heterogeneidade de alvos sociais. Testamos experimentalmente variações

dos dois tipos de complexidade, utilizando um método inovador ao induzir e analisar variações na variabilidade percebida de alvos sociais, aspecto pouco explorado na literatura existente. Diversos estudos evidenciam que incluímos no self os que são relevantes para nós (e.g., pais, par romântico, colegas de trabalho). Desta inclusão resultam aprendizagens armazenadas em estruturas cognitivas. Quanto mais aprendemos sobre os outros, mais complexas e diferenciadas são as estruturas cognitivas acerca dessas informações e maior a percepção de heterogeneidade, e quanto menos informação possuímos, mais simples e menos diferenciadas são essas estruturas cognitivas, resultando numa percepção de homogeneidade do alvo social. Deste modo, a complexidade cognitiva refere-se à capacidade de um indivíduo em discernir diversos atributos em si e nos outros, bem como, nas situações em que se encontra.

No nosso estudo são considerados dois níveis de representação do self, o pessoal e o coletivo, e testamos como as variações de complexidade cognitiva no nível individual têm efeitos no nível coletivo. Para tal, adaptamos a metodologia de indução de complexidade cognitiva do self individual proposta por Linville (1982, experimento 3). Este método permitirá analisar a relação de complementaridade entre a complexidade do self individual (identidade pessoal), a complexidade do self coletivo (identidade social), e as adaptações cognitivas perante os requisitos do contexto. A mensuração destas adaptações ocorre pelo uso de duas métricas: a complexidade do self, que consiste na complexidade dos atributos associados a membros de determinadas categorias sociais, e a complexidade da identidade social, referente à complexidade na percepção da prototipicidade dessas categorias.

### **Percepção do mundo social**

Suponhamos que estamos numa loja de mobiliário, na secção de mesas. Verificamos que existem mesas com pé de galo, com 4 pernas, e que outros modelos têm 6 pernas. Os modelos de mesa variam, porém reconhecemos sempre que estamos a observar mesas, e este

conhecimento é organizado através da categorização. Uma das teorias mais proeminentes neste domínio é a teoria do protótipo, proposta por Rosch (1973). Esta teoria sugere que, dentro de uma categoria específica, certos atributos podem ser mais emblemáticos ou típicos do que outros, facilitando a identificação de objetos como pertencentes a essa categoria. Interessantemente, a típica representatividade de um item não é necessariamente determinada pela sua frequência, mas sim pela sua semelhança com outros itens da mesma categoria e pela distinção em relação a itens de categorias diferentes (Rosch & Mervis, 1975; Rosch, Simpson & Miller, 1976).

Para ilustrar, consideremos o exemplo das aves. Enquanto um pardal é rapidamente identificado e categorizado como uma ave, um kiwi pode não ser tão prontamente associado a essa categoria, dada a sua incapacidade de voar, um atributo frequentemente associado às aves. Esta distinção ilustra a ideia de que existem diferentes níveis de abstração nas categorias. De facto, a pesquisa sugere a existência de três níveis de categorização: superordenado, básico e subordinado, organizados hierarquicamente. Por exemplo, sob o nível superordenado "mamífero", temos o nível básico "cão", e no nível subordinado, existem especificidades como "bulldog" ou "labrador".

A categorização não se restringe apenas a objetos ou animais, mas estende-se também ao domínio social. A categorização social refere-se ao processo pelo qual agrupamos indivíduos com base em características percebidas como semelhantes, permitindo-nos navegar num mundo social multifacetado de forma mais eficiente (Fiske & Neuberg, 1990; Macrae et al., 1994). Este mecanismo de categorização atua como um atalho cognitivo, ajudando-nos a interpretar, explicar e prever comportamentos sociais com um esforço cognitivo reduzido. Por exemplo, ao ouvirmos um sotaque específico, podemos inconscientemente categorizar alguém como pertencente a uma determinada região geográfica ou grupo cultural. Estas categorizações, embora úteis, são sensíveis ao contexto e

podem ser influenciadas por vários estímulos, desde a roupa que alguém usa até características físicas como a cor da pele (Fiske et al., 2002; Mackie & Hamilton, 1993).

Ao longo da nossa existência, acumulamos uma vasta quantidade de informações sobre nós mesmos e sobre os outros, sendo a sua organização e processamento influenciados pela categorização, como proposto por Fiske e Neuberg (1990). De acordo com os autores, o processamento de informação sobre alvo sociais ocorre num continuum, que oscila entre a categorização baseada em atributos individuais e aquela fundamentada em categorias sociais (Fiske & Neuberg, 1990).

Imaginemos uma conferência onde estão várias pessoas desconhecidas. Se, ao observar a audiência, notar uma predominância de mulheres sobre homens, é provável que, numa primeira análise, recorra a categorias sociais (i.e., "mulher" e "homem") para formar uma impressão inicial. Esta categorização simplifica o processo cognitivo, evitando a análise minuciosa dos atributos individuais (e.g., traços de personalidade) de cada participante. A importância da categorização tem conduzido à criação de abordagens explicativas sobre o uso de categorias para navegar no mundo social, como o modelo de Fiske e Neuberg (1990), segundo o qual a decisão de categorizar ou individualizar é influenciada pela relevância percebida do alvo social. Ou o modelo de Brewer (1988), segundo o qual a informação é processada primeiro com base numa categoria geral e avança para detalhes, ou tem início em detalhes específicos e termina numa categoria social. Ou seja, estes dois modelos clássicos evidenciam que o uso de categorias sociais para interpretar os objetos sociais tem resultados distintos. Porém, as categorias podem ser percebidas como homogêneas ou heterogêneas, o que influencia o julgamento, como desenvolvemos em seguida.

### ***Variabilidade percebida***

A variabilidade percebida do grupo ocorre tanto para o grupo interno, como para o externo, e traduz-se na tendência em perceber os membros do grupo interno como mais

variáveis, diferenciados entre si, e os membros do grupo externo como menos variáveis, mais semelhantes entre si (Jones, Wood, & Quattrone, 1981; Park & Rothbart, 1982; Quattrone & Jones, 1980). O efeito de homogeneidade do grupo externo tem sido encontrado em diferentes grupos sociais, como grupos religiosos (Hewstone, Islam, & Judd, 1993), e grupos que têm por base a categoria nacionalidade (Haslam, Oakes, Turner, & McGarty, 1995), ou promovido pela maior amostra de informação sobre o grupo interno, comparativamente ao externo (Konovalova, & Le Mens, 2020).

Um dos estudos mais importantes sobre o efeito da homogeneidade do grupo externo é o de Quattrone e Jones (1980). Os autores verificaram que os indivíduos tendem a realizar generalizações a partir do comportamento de um membro de um determinado grupo, e que esta tendência é proporcional à percepção de homogeneidade do grupo (Quattrone & Jones, 1980). Os participantes percebiam os membros do grupo externo como mais semelhantes entre si, homogêneos, enquanto percebiam os membros do seu grupo como mais variados entre si, heterogêneos (Quattrone & Jones, 1980). Noutro estudo, Wood e Quattrone (1980), pediram a quatro grupos de alunos que descrevessem o seu grupo e os restantes três grupos em dimensões de personalidade (e.g., introvertido-extrovertido, arrogante-humilde). Os alunos tendiam a classificar os membros do seu próprio grupo de uma forma mais variada, enquanto os membros dos restantes três grupos eram classificados de uma forma pouco variada, ou seja, o grupo interno foi percebido como heterogêneo e o grupo externo foi percebido como homogêneo (Jones, Wood, & Quattrone, 1981).

O efeito de homogeneidade do grupo externo depende de como os membros de uma categoria se dispersam em torno da média dos atributos, a variação de consistência avaliativa sobre o alvo social (Konovalova & Le Mens, 2020). Deste modo, quando os membros da categoria se dispersam em torno da média dos atributos há percepção de homogeneidade, porque o indivíduo percebe os membros da categoria como semelhantes nos atributos, sendo

os membros do grupo percebidos com base na generalização (i.e., padrão de recurso coocorrentes de um conjunto de dados), que reduz a quantidade de informação necessária para realizar o julgamento (Elio & Anderson, 1981). Ao generalizarmos o atributo ou característica ao grupo, significa que tratamos indivíduos como membros intercambiáveis de uma categoria social, assumindo que todos os membros do grupo partilham as características típicas desse grupo (Bodenhausen, Todd, & Becker, 2007; Garcia-Marques & Mackie, 1999), existindo percepção de homogeneidade. Por outro lado, a percepção de heterogeneidade resulta da integração de atributos na categoria e aumenta a probabilidade dos membros da categoria serem percebidos como diferenciados nos seus atributos (Konovalova & Le Mens, 2020, Linville, 1982; Linville, Fischer, & Salovey, 1989). Deste modo, o indivíduo consegue incluir exemplares atípicos, resultando na menor sobreposição de atributos na categoria, e diminuindo a proporção de recursos compartilhados (Tversky & Gati, 1978). Neste cenário, a informação do alvo social é processada com base na diferenciação, efeito que ocorre quer exista ou não filiação do percipiente a um grupo social (Rubin & Badea, 2012).

Na investigação sobre o efeito de homogeneidade do grupo externo, este efeito foi interpretado como uma tendência etnocêntrica de favorecer o grupo interno, o favoritismo dentro do grupo (Billig & Tajfel, 1973; Tajfel, 1970; Tajfel, 1978), ocorrendo em contexto intergrupar, com o objetivo de manter uma identidade social positiva e distinta, discriminando o grupo externo (Tajfel & Turner, 1986). Os resultados de Park e Rothbart (1982) são bastante ilustrativos dos efeitos da aprendizagem na percepção de homogeneidade do grupo externo, ao nível da memória. Os autores verificaram, no quarto estudo, que os participantes tinham maior probabilidade de recordar detalhes quando liam informações sobre um indivíduo específico do que quando liam informações sobre os membros do grupo externo. De acordo com os autores, o baixo contacto com membros do grupo externo resulta em estruturas cognitivas pouco diferenciadas (i.e., simples). Isto significa que o indivíduo possui

uma categoria de nível superior que contém informação genérica sobre o grupo externo, mas essa estrutura cognitiva não possui níveis subordinados que contenham informação específica, ao contrário do que acontece com membros do grupo interno, com os quais realizou aprendizagens que permitiram a complexificação da estrutura cognitiva usada para codificar e recuperar informação sobre os mesmos (Park & Rothbart, 1982), apoiando a noção de que o efeito de homogeneidade do grupo externo é influenciado pela complexidade das estruturas cognitivas e subsequente representação mental usada para avaliar o alvo social.

Estas evidências estimularam estudos que procuraram compreender que fatores influenciam o recurso à generalização ou diferenciação para pensar e avaliar alvos sociais, sobretudo no âmbito dos estereótipos.

### ***Subtipagem e subgrupo***

Evidências sobre a variabilidade percebida têm surgido no âmbito dos estereótipos, que se definem como uma crença generalizada sobre uma categoria de pessoas que contém expectativas sobre a personalidade, aparência, e habilidades desse grupo (Myers, 2013), sendo alguns resistentes à integração novas informações sobre o grupo.

Suponhamos que iniciamos hoje um trabalho em equipa, sendo um dos elementos de nacionalidade alemã. Com base no estereótipo que temos sobre alemães, possivelmente, vamos esperar interagir com alguém relacionalmente distante e bastante pragmático, porém observamos que o comportamento do novo colega é incongruente com o nosso estereótipo. Se não integramos a informação incongruente sobre o novo colega de trabalho, ocorre a subtipagem, porque essas exceções não são consideradas representativas do estereótipo geral, preservando o estereótipo (Linville, Fischer, & Salovey, 1989). Weber e Crocker (1983) verificaram que a subtipagem tem maior probabilidade de ocorrer quando a informação incongruente com o estereótipo é dispersa por alguns membros do grupo, do que quando é dispersa por muitos membros do grupo, o que favorece a avaliação de membros atípicos da

categoria geral, criando subgrupos. Assim, a informação incongruente é considerada exceção à categoria geral, que é descartada por não ser representativa e, por isso, não alterando o estereótipo.

O subtipo é também influenciado pela familiaridade e pelo estatuto do grupo interno versus o grupo externo. Linville, Fischer, e Yoon (1996) verificaram que os indivíduos jovens que tinham mais contactos com idosos possuíam mais subtipos, maior variabilidade percebida, sobre os idosos, descrevendo-os de forma mais complexa, com base em características positivas e negativas, o que não ocorre quando os indivíduos têm pouca familiaridade com membros do grupo externo. De acordo com os autores, tal ocorre porque os indivíduos tendem a superestimar o grau de correlação entre os recursos que descrevem outras pessoas, pelo que, à medida que têm maior familiaridade com membros do grupo externo, maior é a predisposição a superestimar a covariação entre as características que descrevem os subtipos dos grupos (Linville, Fischer, & Yoon, 1996). Ou seja, os indivíduos tendem a possuir expectativas padrão que os levam à superestima da covariação entre as características dos membros do grupo, porém, quando o indivíduo possui maior familiaridade com membros do grupo, vai obtendo informações incongruentes com essa expectativa padrão, e, ao incluir essa informação na sua representação mental, reduz a covariação de características dos membros do grupo (Linville, Fischer, & Yoon, 1996). Por exemplo, percebemos menor covariação entre características dos membros de um grupo ao qual pertencemos, mas, por outro lado percebemos maior covariação entre as características dos membros de um grupo externo, porque estamos menos familiarizados com os membros desse grupo, percecionando-os como menos variáveis (Linville, Fischer, & Yoon, 1996).

Por outro lado, o subgrupo refere-se à integração de informação incongruente com o estereótipo. Segundo Richards e Hewston (2001), subgrupos são importantes para compreender como a complexidade das percepções intergrupais varia, e como percebemos os

grupos como mais ou menos estereotipados. O trabalho de Maurer, Park e Rothbart (1995) comparou diretamente os dois processos, subtipo e subgrupo, considerando a tipicidade dos elementos que formam as categorias, sendo os elementos atípicos excluídos da categoria. Para Maurer, Park e Rothbart (1995), a percepção de tipicidade influencia a formação de subgrupos, resultando na maior variabilidade percebida do grupo. Maurer, Park e Rothbart (1995), dividiram os participantes em três condições: não classificado, na qual foi solicitado que os participantes desenvolvessem uma impressão; subtipo, onde os participantes agrupavam os voluntários com base no critério de pertencerem ou não ao grupo; e classificação (i.e., subgrupo), onde era pedido que os participantes classificassem os voluntários em tantos agrupamentos quantos desejassem, com base nas semelhanças e diferenças dos membros do grupo. Os autores verificaram que o grupo foi percebido como mais homogêneo, menos variável, na condição subtipo, e percebido como heterógeno, mais variável, na condição subgrupo (Maurer, Park, & Rothbart, 1995). De acordo com os dados obtidos, no processo de subgrupo há divisão dos membros do grupo entre os que são semelhantes entre si, num subgrupo, e distintos dos membros de outro subgrupo, o que permite a integração de informação que desconfirma a categoria superordenada, promovendo a percepção de variabilidade do grupo (Maurer, Park, & Rothbart, 1995).

Segundo Richards e Hewston (2001), além dos mecanismos cognitivos, também as instruções dos estudos podem induzir à criação de subgrupos e subtipos. De acordo com os autores, as instruções de tarefas de subgrupo podem incentivar a inclusão do subgrupo, ou seja, membros desconfirmadores do estereótipo são percebidos como menos atípicos e os confirmadores percebidos como menos típicos, esbatendo-se as diferenças entre típicos e atípicos (Richards & Hewston, 2001). Para os autores, as diferenças entre subtipos e subgrupos começa por os subtipos serem compostos por desconfirmadores que não surgem automaticamente na resposta dos indivíduos, ao contrário dos subgrupos que incluem

confirmadores e desconfirmadores do estereótipo superordenado, o que operacionalmente depende da instrução dada no estudo (Richards & Hewston, 2001). Como exemplo disto, temos os resultados do estudo de Bauer e Er-rafiy (2011), que investigaram como o aumento de percepção de variabilidade, pela saliência de instruções para subgrupo, influencia relações intergrupais. Bauer e Er-rafiy (2011), verificaram que, para participantes expostos a subgrupos de opiniões diversificadas sobre marroquinos, o grupo minoritário, a percepção de heterogeneidade sobre marroquinos aumentou e diminuiu o preconceito. Noutro estudo, os autores verificaram que 91% dos participantes induzidos à percepção de heterogeneidade sobre árabes ofereceram ajuda ao comparsa árabe dos investigadores, enquanto, na condição de controlo, apenas 59% dos participantes ajudaram o comparsa dos investigadores (Bauer & Er-rafiy, 2011). No último estudo, numa tarefa de avaliação do curriculum vitae de dois candidatos, um deles árabe (i.e., grupo externo) e o outro francês (i.e., grupo interno), os autores pediram que os participantes pensassem nas diferenças entre candidatos observando fotos (i.e., condição heterogeneidade), que pensassem nas semelhanças entre candidatos observando fotos (i.e., condição homogeneidade), ou que apenas observassem fotografias de candidatos (i.e., condição de controlo). Os resultados obtidos indicam que o candidato francês foi avaliado positivamente nas três condições experimentais, porém o candidato árabe foi avaliado como mais positivo na condição heterogeneidade, eliminando a discriminação de um candidato árabe a um emprego (Bauer & Er-rafiy, 2011). Os resultados obtidos por Bauer e Er-rafiy (2011) apoiam a perspectiva de que o aumento de variabilidade percebida sobre um grupo social tem influência nos julgamentos e interação com membros desse grupo, promovendo uma representação mental inclusiva e diferenciada do alvo social.

### **Tipicidade**

A tipicidade tem efeitos na generalização de traços do grupo, assim como as atribuições ao grupo ocorrem em função do que é percebido como típico, sendo o julgamento

influenciado por exemplares da categoria e por informações ao nível de grupo. A tipicidade percebida induz o indivíduo a perceber uma maior sobreposição de recursos (i.e., características, atributos) na categoria, aumentando a proporção de atributos compartilhados (Tversky & Gati, 1978) e resultando na percepção de homogeneidade. Exemplo disto são os resultados do estudo conduzido por Park e Hastie (1987). Os autores obtiveram evidências de que a variabilidade percebida de grupos é influenciada pela tipicidade dos traços característicos dos grupos, ou seja, os indivíduos tendem a generalizar características individuais que são típicas (i.e., mais frequentes entre os membros do grupo), e evitam a generalização quando as características são atípicas (i.e., mais infrequentes entre os membros do grupo; Park & Hastie, 1987). Se a maioria dos membros do grupo for percebido como simpático e uma minoria desse mesmo grupo for percebida como hostil, o percipiente tende a generalizar o traço simpático porque é o mais típico no grupo, não generalizando o traço hostil porque é um traço atípico no grupo, o que significa que a tipicidade de traços influencia a homogeneidade percebida e percebemos o grupo como homogêneo no traço simpatia (Park & Hastie, 1987)

Garcia-Marques e Mackie (1999) investigaram como a exposição a informação incongruente com o estereótipo influencia a variabilidade percebida do grupo, indicando que muitas das investigações sobre estereótipos analisavam apenas o efeito do estereótipo incongruente sobre a variabilidade percebida, ignorando a influência que a informação incongruente tem na percepção de variabilidade do grupo. Na investigação, os autores analisaram o efeito da carga cognitiva no processamento de informação incongruente, verificando que os participantes da condição sem carga cognitiva processaram a informação incongruente de forma deliberada e sistemática na criação de concepções sobre o grupo-alvo, usando um conjunto mais amplo de informações. Ou seja, os participantes desta condição experimental, ao disporem de mais recursos cognitivos, conseguiram codificar e recuperar a

informação incongruente, integrando-a na representação da categoria superordenada (Garcia-Marques & Mackie, 1999). As conclusões de Garcia-Marques e Mackie (1999) indicam que, embora usemos categorias sociais como atalhos cognitivos para perceber o mundo, a cognição humana é adaptável ao contexto e integra informação incongruente com o conhecimento prévio, a categoria, aumentando a diferenciação das representações mentais sobre grupos.

Outros estudos evidenciam que a tipicidade dos membros do grupo permite que façamos inferências e atribuições sobre se a decisão foi influenciada pelo grupo ou por atitudes individuais. Allison e Messick (1985) realizaram um estudo onde apresentavam aos participantes informações sobre o apoio dos cidadãos a decisões políticas em grupo, a nível local, estadual e nacional. Quando os participantes foram informados que mais de 90% dos cidadãos votaram a favor de uma política, atribuíram essa decisão ao grupo, ou seja, consideraram que o cidadão típico apoiou essa medida, e o mesmo aconteceu quando a política foi aprovada com 54%. Porém, quando os participantes foram informados de que uma proposta foi aprovada com uma maioria de 57%, sendo necessários 50% dos votos, os participantes inferiram mais atitudes individuais neste resultado do que quando foram informados que a proposta foi aprovada com uma maioria de 57%, sendo necessários 65% dos votos, tendo esta última decisão sido atribuída ao grupo (Allison & Messick, 1985).

Analisamos até aqui um conjunto de estudos inovadores e que marcaram os avanços na compreensão e método da percepção de variabilidade. Nos próximos capítulos apresentamos os dois níveis de representação de informação do self, individual e coletivo, e como a complexidade das suas representações mentais condicionam a percepção de variabilidade.

## O self

A Psicologia Social tem historicamente dedicado atenção ao conceito de self, impulsionada inicialmente pelas obras cognitivas de William James (1890, 1892; citado por Oppenheimer, 1990) e pela ênfase de Mead (1934) na influência do contexto social. A evolução da compreensão do self para uma perspectiva multifacetada ampliou significativamente os métodos de pesquisa, enriquecendo o nosso entendimento sobre as suas funções (Gecas, 1982; Craven & Marsh, 2008). Atualmente, o self é reconhecido não apenas como um organizador e processador de informações derivadas da interação social, mas também como guia para atender às necessidades individuais, mitigando a ansiedade e a rejeição social (Epstein, 1973).

A motivação para manter uma visão positiva de si mesmo está intrinsecamente ligada à filiação a grupos sociais, indicando que o self ocupa uma posição central tanto nas investigações sobre identidade pessoal quanto social (Gecas, 1991; Stets e Burke, 2003; Rosenberg, 1979; Shrauger, 1975; Swann, 1990). Essencialmente, o self é formado por experiências e aprendizagens individuais, organizadas em estruturas cognitivas que se adaptam às variadas normas sociais e culturais (McConnell & Strain, 2007).

Considerado dinâmico, o self é influenciado por variáveis contextuais, individuais, sociais e culturais, e estruturado em níveis de representação que vão do individual ao coletivo. Este último nível destaca-se particularmente em indivíduos que, ao emigrarem, absorvem e integram novos sistemas culturais ao seu self, sublinhando a necessidade de conexão e pertença a grupos sociais (Baumeister & Leary, 1995; Brewer, 1991; Brewer & Gardner, 1996). Portanto, o self não só influencia como é moldado pela interação social, ressaltando a complexidade da aprendizagem sobre si mesmo e os outros em diversos contextos, resultando em representações mentais usadas na avaliação, julgamento e interação com o mundo social.

### *Self contextual, adaptação e representação*

A investigação desenvolvida sobre o self e a percepção dos outros tem revelado que o self se adapta e opera de acordo com normas, papéis e circunstâncias sociais relevantes (Sedikides, Gaertner, & Erin, 2011). Markus (1977) introduziu o conceito de "esquemas do self", estruturas cognitivas que acumulam conhecimento, refletindo crenças e sentimentos que influenciam como interpretamos informações. Markus e Wurf (1986) expandiram essa ideia, distinguindo o self total das representações mentais acessíveis em determinado contexto, que variam entre ativação automática ou controlada (Shiffrin & Schneider, 1977).

Essa dinâmica adaptativa do self, conforme descrita por Markus e Wurf (1987), sugere que diferentes contextos evocam distintas facetas do self. Essa flexibilidade é comparável à memória de trabalho, onde informações de longo prazo tornam-se acessíveis e processáveis conforme a necessidade (Cantor & Kihlstrom, 1987; Higgins & King, 1981; Spencer, 2020).

A relevância do self funcional na percepção e avaliação de ações próprias e alheias é fundamentada na ideia de que o self contém todas as representações pessoais, ativadas conforme o contexto (Markus & Wurf, 1986). Estudos como os de Ross, Xun, e Wilson (2002) e Hong, Morris, Chiu, e Benet-Martínez (2000) exemplificam como o contexto cultural influencia a ativação de representações mentais específicas, afetando a interação social e o processamento de informações.

A investigação sobre o self funcional destaca a sua influência na percepção social e na interpretação do comportamento alheio (Markus, Smith, & Moreland, 1985; Markus & Wurf, 1987), onde a descrição de outros pode refletir atributos pessoais, evidenciando a interação entre self funcional e percepção social (Lewicki, 1983).

Sui e Humphreys (2015) propõem uma visão integradora do self, enfatizando o seu papel central na cognição, desde a associação de memórias até à modulação da atenção e

tomada de decisão. Este enfoque sugere que o self não é uma mera representação estática, mas uma entidade dinâmica que influencia ativamente a cognição e o comportamento. Este modelo está em consonância com quadros teóricos onde o self é analisado como mutável ao longo do tempo e por efeitos do contexto, desencadeando novas investigações sobre o self e o julgamento social dos outros, como por exemplo, Sedikides, Alicke, e Skowronski (2021), sendo esta uma linha de investigação em desenvolvimento.

A adaptabilidade cognitiva do self evidencia como diferentes situações ativam diversas representações do self, seja a nível individual ou coletivo, destacando a sua influência na interação social e no processamento de informações (Fiske & Taylor, 2017), em cada nível de representação do self.

### ***Self individual***

O self individual refere-se à representação que cada indivíduo tem de si mesmo, abrangendo traços de personalidade, experiências e comportamentos que o diferenciam dos outros (León, 2023; Johnson et al., 2002; Sedikides, Gaertner, & Erin, 2011), ou seja, a representação única que cada pessoa tem de si mesma, compreendendo traços de personalidade, experiências e comportamentos que a distinguem dos demais. Esta singularidade é ilustrada quando dois indivíduos descrevem as suas individualidades de maneiras distintas, refletindo as suas personalidades e interesses únicos. A maneira como processamos informações sobre nós mesmos e sobre os outros é profundamente influenciada por este autoconceito, um fenómeno conhecido como efeito de autorreferência (Rogers, Kuiper, & Kirker, 1977). Este efeito demonstra que tendemos a recordar informações que se alinham com nossa autopercepção mais facilmente do que informações que descrevem outros. Este fenómeno sugere que o autoconceito funciona como uma estrutura organizacional para novas informações, alterando a maneira como processamos e recordamos dados (Rogers, Kuiper, & Kirker, 1977). Estudos subsequentes verificaram que a codificação

autorreferencial facilita a recuperação de informações relacionadas com o self, destacando a interação entre o autoconceito e a memória (Klein, Loftus, & Burton, 1989).

Markus (1977) investigou a forma como processamos informações sobre nós mesmos e o efeito de autorreferência. Utilizando a teoria dos esquemas cognitivos, a autora verificou que a informação relevante para a descrição do indivíduo não possui um tratamento cognitivo diferentes das outras informações. Para a autora, o aparente tratamento preferencial de informações deve-se às "generalizações cognitivas sobre o self, derivadas de experiências passadas, que organizam e orientam o processamento de informações auto-relacionadas contidas nas experiências sociais do indivíduo" (Markus, 1977, p. 64). Ou seja, quando uma informação é relevante para a descrição do indivíduo, essa informação está organizada e vinculada em esquemas cognitivos e, perante uma pista (e.g., simpático), é também recuperada informação sobre crenças, aspirações e comportamentos específicos que são centrais para a descrição do indivíduo como simpático. Markus (1977), verificou que indivíduos esquemáticos para uma dimensão, classificam-se mais rapidamente nessa dimensão e fazem descrições comportamentais mais elaboradas, por ser um atributo presente nos seus esquemas cognitivos e que usam na sua autodescrição. Estudos posteriores evidenciaram que, quando o indivíduo possui esquemas cognitivos para um atributo, por exemplo liderança, esses esquemas são usados para perceber e julgar tanto o próprio indivíduo como os outros (Markus, Smith, & Moreland, 1985; Markus & Wurf, 1987).

No estudo conduzido por Bower e Gilligan (1979), foi verificado que quando os participantes foram confrontados com adjetivos que descreviam tanto a si próprios como às suas mães, demonstraram uma capacidade de memória superior em comparação com adjetivos associados a indivíduos menos familiares. Esta maior capacidade de recordação pode ser explicada pela ativação da rede semântica. Por exemplo, ao deparar-se com o adjetivo "altruísta", se um participante se identifica assim e também percebe a sua mãe dessa

forma, a rede semântica associada a essa característica é ativada para ambos. Esta interconexão entre as redes semânticas individuais e as das figuras maternas sugere uma sobreposição nas representações cognitivas. Por outro lado, quando o adjetivo estava relacionado com um desconhecido, a ausência de uma rede semântica pré-existente ou de um esquema cognitivo levou a um desempenho inferior na recordação. Este fenómeno pode ser ilustrado considerando um adjetivo como "meticuloso". Se o participante não tem uma clara representação de um desconhecido como meticuloso, a recordação desse traço torna-se mais desafiante.

Estes diferentes estudos demonstram que as representações sobre nós próprios podem ser explicadas através de diferentes modelos explicativos, além de evidenciar que guardamos em memória informação sobre aqueles com que nos relacionamos. A informação relevante para os indivíduos é codificada promovendo tanto a organização como a elaboração, e posterior recordação, sendo o autoconceito uma estrutura de memória com grande acessibilidade (McConnell, Rydell, & Leibold, 2002; Symons & Johnson, 1997), sobre nós e aqueles com os quais nos relacionamos e que são incluídos no self relacional.

O self relacional compreende as relações interpessoais que estabelecemos (e.g., família, pares românticos, relações de trabalho) que respondem à necessidade de estar ligado a outros indivíduos, a inclusão social (León, 2023; Sedikides, Gaertner, & Erin, 2011). É ao desenvolver este nível do autoconceito que identificamos os papéis sociais, ou seja, “o conjunto de normas e comportamentos ligados a uma posição social, então um esquema de papéis é a estrutura cognitiva que organiza o conhecimento de alguém sobre essas normas e comportamentos apropriados.” Fiske e Taylor (1984, p.159). Mentalmente fazemos a sua representação através de esquemas de papéis nos quais reside o nosso conhecimento sobre características expectáveis para várias categorias sociais (ex. género, idade), e as normas e

comportamentos associados a categorias de posições sociais (ex. ocupação profissional), e tipos de relacionamento (ex. irmão, marido, tio).

Estas representações mentais têm como função orientar o nosso comportamento e promover a inclusão social, porque somos motivados incluir outros no nosso self (Aron & Aron, 1996). Imaginemos dois indivíduos, A e B, que partilham uma relação íntima. À medida que a relação se aprofunda, as características e qualidades de B começam a ser incorporadas na autoimagem de A. Por exemplo, se B é conhecido por ser um excelente cozinheiro e A passa a cozinhar frequentemente com B, A pode começar a ver-se a si próprio também como alguém habilidoso na cozinha. Esta fusão de identidades sugere que as relações próximas têm o poder de expandir e enriquecer o self, integrando as qualidades daqueles com quem estamos intimamente ligados.

No estudo de Aron, Aron, Tudor, e Nelson (1991), foi observada uma tendência intrínseca dos indivíduos em distribuir recursos financeiros de forma equitativa entre si e aqueles com quem mantêm relações próximas, como familiares ou amigos íntimos, o que não acontecia com desconhecidos. Para ilustrar, imagine que um participante tem de dividir uma quantia entre si, um amigo próximo e um desconhecido. Os autores verificaram que os participantes hesitavam mais ao tentar discernir se certos atributos se aplicavam a si mesmos ou a um ente querido, como um irmão ou uma mãe. Em contraste, eram mais céleres a distinguir atributos que claramente se aplicavam a si mesmos ou a um estranho. Por exemplo, se confrontados com o atributo "generoso", poderiam demorar mais a decidir se tal característica se aplica a si ou à sua mãe, mas seriam rápidos a afirmar que tal atributo se aplica a si e não a um desconhecido.

Para Aron e Aron (1996), somos motivados a expandir o self através de relacionamentos pessoais próximos, através do quais aumentamos os recursos (ex. apoio social, redes de amizades, informações), perspetivas (ex. explicações causais para o

comportamento dos outros), e identidades (ex.: memórias e características de uma pessoa), resultando na inclusão dos outros no self. Esta inclusão do outro no self individual resulta da motivação humana para expandir o self através das relações, enriquecendo a sua percepção com recursos, perspectivas e outras identidades (Aron et al., 2020).

A sobreposição de identidades é tão profunda que, ao avaliarmos um amigo íntimo, por exemplo, recorreremos ao nosso próprio repertório de conhecimentos e experiências, processando a informação sobre o amigo de forma tão integrada como se estivéssemos a refletir sobre nós mesmos, conforme evidenciado por Benoit, Gilbert, Volle, e Burgess (2010). Outras investigações, têm analisado e verificado o efeito das experiências pessoais no self individual e relacional (Molouki, Chen, Urminsky, & Bartels, 2020), tanto ao nível de tarefas de memória (Hudson et al., 2020), como da relevância do contexto semântico no reconhecimento de faces (McCrackin et al., 2021).

Deste conjunto de estudos destaca-se que, ao incluir outros no self, o indivíduo realiza aprendizagens, resultando no aumento do grau de complexidade das suas estruturas cognitivas, como verificado pela rapidez e pelos atributos usados para descrever quem o indivíduo incluiu no self e pela baixa complexidade cognitiva usada para descrever quem não está incluído no self, o que terá efeitos na percepção e avaliação dos outros (Aron et al., 2020; Ciaunica, 2020; Sedikides, Alicke, & Skowronski, 2021).

### **Complexidade cognitiva**

A investigação sobre a complexidade das estruturas cognitivas surge pela influência de Werner (1957), para quem "onde quer que ocorra o desenvolvimento, ele procede de um estado de globalidade relativa de falta de diferenciação para um estado de crescente diferenciação, articulação e integração hierárquica" (Werner, 1957, p.126), e pela teoria dos construtos pessoais, de Kelly (1955), segundo a qual os indivíduos podem ser avaliados nos polos similaridade e dissemelhança de construtos pessoais (e.g., esquemas cognitivos), que

usam para construir explicações e prever o comportamento dos outros, sendo importante na compreensão do funcionamento interpessoal (Niemeyer & Niemeyer, 1986). Em 1955, Bieri explorou o efeito da complexidade-simplicidade cognitiva na precisão de predição de comportamentos, verificando que indivíduos com maior complexidade cognitiva exibiram maior diferenciação (i.e., dispõem de um maior número de dimensões para utilizar no julgamento do alvo social) e maior precisão na predição de comportamentos, enquanto a simplicidade cognitiva se relaciona com a menor capacidade de diferenciação e baixa precisão na predição de comportamentos. A complexidade cognitiva tem surgido em estudos recentes, que analisam como o indivíduo estrutura cognitivamente o ambiente de forma multidimensional, e a sua influência no desempenho de tarefas experimentais (Haley, 2020), como por exemplo o estudo de Chen e Unsworth (2019). Estes autores analisaram o efeito da complexidade cognitiva na mudança de crenças sobre alterações climáticas, obtendo evidência de que indivíduos com alta complexidade cognitiva mudavam a sua atitude perante as alterações climáticas, compreendendo os argumentos científicos, enquanto os indivíduos com baixa complexidade cognitiva não alteravam a sua crença acerca das alterações climáticas e evidenciavam maior dificuldade em distinguir argumentos conflitantes sobre o tema (Chen & Unsworth, 2019).

A complexidade cognitiva foi desenvolvida por diferentes abordagens na psicologia, como a complexidade do self. De salientar que a complexidade do self deriva da teoria da informação, sendo analisada através de diferentes operacionalizações (Brown, 2020) e originando diferentes abordagens e medidas (Smyth, Banas, Mavor, 2022). Porém, para o propósito do nosso trabalho seguimos a abordagem de Scott (1962). Segundo o autor, a complexidade cognitiva consiste no número de dimensões independentes de conceitos que são utilizados na descrição de um domínio (Scott, 1962). O autor distingue dois elementos da estrutura cognitiva, habitualmente utilizados na mensuração da complexidade cognitiva, os

conceitos de objetos (i.e., imagens de objetos e eventos que o indivíduo compreende) e os conceitos de atributos (i.e., qualidades abstratas que são percebidas como inerentes aos objetos). Objetos e atributos são interdependentes uma vez que um atributo pode ser representado como uma dimensão que atravessa vários objetos, dotando-os da presença ou ausência da qualidade que o atributo representa, e o objeto pode ser representado como a interseção de inúmeros atributos dimensionais (Scott, 1962), distinção que influenciou o modelo extremidade-complexidade (Linville, 1982), cujo paradigma experimental permite testar as nossas hipóteses experimentais, e é desenvolvido em seguida.

### *Complexidade do self*

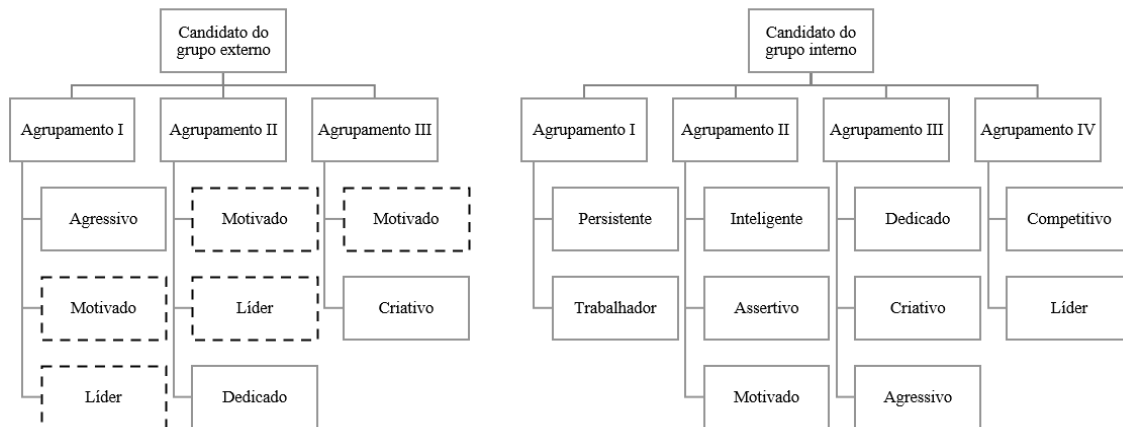
O modelo complexidade-extremidade (Linville & Jones 1980; Linville, 1982) considera que o conhecimento prévio, as experiências sociais anteriores do indivíduo, e o contexto influenciam a complexidade ou simplicidade presente na representação mental do grupo interno e do grupo externo. Deste modo, o maior contacto com membros do grupo interno do que do grupo externo, promove estruturas cognitivas mais complexas, diferenciadas, para caracterizar membros do seu grupo. O menor contacto com membros do grupo externo resulta em estruturas simplificadas de informação para caracterizar membros do grupo externo (Linville & Jones, 1980). Neste sentido, o menor número de dimensões disponíveis para caracterizar membros do grupo externo promove uma descrição extrema (i.e., favorável ou desfavorável) e cognitivamente simples desse alvo social, enquanto o maior conhecimento sobre o grupo interno induz o indivíduo a descrevê-lo com base em mais dimensões e de forma mais moderada em termos da integração de informação favorável e desfavorável sobre o alvo (Linville & Jones, 1980; Linville, 1982).

Segundo este modelo, o conhecimento sobre alvos sociais (e.g., indivíduos ou grupos sociais) é constituído por conjuntos de características e crenças, informação que o indivíduo adquire, influenciando as estruturas do conhecimento (e.g., protótipos, esquemas, teorias

implícitas da personalidade), organizadas por correlações, variando num contínuo entre a complexidade e a simplicidade, orientando o indivíduo para a inclusão/exclusão de informações disponíveis no contexto sobre o alvo social (Linville & Jones, 1980; Linville, 1982). Deste modo, a complexidade das estruturas cognitivas depende do número de recursos (e.g., atributos, características) usados, e da sua redundância, para caracterizar os membros do grupo, como exemplificado na Figura 1.

### Figura 1

*Esquema ilustrativo do conjunto de características utilizados na avaliação de um candidato do grupo do interno e do grupo externo a um emprego*



*Nota.* Os tracejados indicam redundância nos recursos utilizados.

Considerando o número de conjuntos de recursos, verifica-se que o grupo externo possui três conjuntos enquanto o grupo interno possui quatro conjuntos, e que para o grupo externo existem recursos repetidos (i.e., recursos a tracejado na Figura 1), verificando-se ausência de repetições nos recursos do grupo interno. Ou seja, há redundância nos recursos para o grupo externo, o que indica baixa independência das estruturas cognitivas, resultando numa representação mental com baixa complexidade sobre o candidato do grupo externo. Para o candidato do grupo interno não existe redundância nos recursos, indicando uma

representação mental mais complexa, à qual o indivíduo recorre para pensar neste candidato (Linville, 1982).

De acordo com o modelo, a complexidade-simplicidade varia num continuum da estrutura cognitiva utilizada para pensar em grupos sociais, correspondendo a um efeito conceitualmente semelhante à variabilidade percebida (Linville & Jones, 1980). Enquanto numa estrutura cognitiva simples, pela menor disponibilidade de conjuntos de recursos e dimensões, é promovido um processamento de informação generalizado sobre os membros da categoria percebidos como “todos iguais”, resultando na percepção de homogeneidade do grupo externo (Linville, 1982; Linville & Jones, 1980), por outro lado, a estrutura cognitiva complexa, pelo maior contacto com membros do grupo interno, permite um pensamento diferenciado que promove a integração de informações novas, ou atípicas, sobre os membros da categoria, induzindo à percepção heterogénea do grupo interno (Linville, 1982; Linville & Jones, 1980).

O modelo foi testado em termos da relação entre a complexidade cognitiva e a pertença, assim como na relação entre o extremismo e a pertença grupal. Linville (1982), testou o efeito da familiaridade na complexidade do self dos participantes para o grupo interno e para o grupo externo, e verificou que os alunos universitários demonstraram maior complexidade cognitiva nas descrições do alvo jovem universitário, o grupo interno, e menor complexidade para o alvo homem entre os 60 e os 70 anos, o grupo externo. Ou seja, os participantes possuíam mais dimensões representativas para o alvo jovem universitário, grupo interno, evidenciando maior complexidade cognitiva, enquanto para o alvo homem entre os 60 e os 70 anos, grupo externo, os participantes possuíam menos dimensões representativas para o alvo, evidenciando simplicidade cognitiva.

De acordo com o modelo da complexidade-extremidade, as diferenças individuais na complexidade das estruturas cognitivas influenciam o quão extrema (i.e., totalmente positiva

ou totalmente negativa) é a avaliação de grupos sociais (Linville & Jones, 1980; Linville, 1982). Quanto maior o número de aspetos (i.e., atributos, características) independentes que o indivíduo usa para pensar sobre um domínio, menor é a probabilidade de que um determinado estímulo seja consistentemente percebido como bom ou mau, a extremidade avaliativa. Sendo, neste modelo, a complexidade cognitiva mensurada como o número de atributos binários independentes necessários para contabilizar as categorias usadas pelo indivíduo, então, quanto mais complexa a representação mental do indivíduo, maior a probabilidade de o estímulo ser percebido como bom em alguns aspetos e mau em outros, induzindo ao processamento diferenciado sobre o alvo, o que tem um efeito moderador no julgamento (Linville, 1982). Para Linville (1982), a extremidade do julgamento refere-se a avaliações positivas ou negativas e depende da favorabilidade das informações disponíveis (i.e., positivas, negativas) sobre um alvo (Linville & Jones, 1980). Os dados obtidos indicam que, quanto maior a variância avaliativa da informação disponível, menos extremos são os julgamentos sociais e maior a complexidade cognitiva. Por outro lado, quando menor a variância avaliativa, mais extremos serão os julgamentos sociais e menor a complexidade cognitiva. Ou seja, a valência da informação disponível para a avaliação do grupo-alvo induz os indivíduos a recorrerem a estruturas cognitivas mais complexas ou simples, como é o caso do favoritismo pelo grupo interno. A indução de complexidade cognitiva foi criada pela autora para demonstrar que a complexidade-extremidade com que um alvo é avaliado pode ser manipulada através de instruções experimentais (Linville, 1982). No estudo da autora, a indução de complexidade-extremidade consistiu na criação de duas condições experimentais: numa, os participantes dispunham de dois atributos (e.g., percentagem de gordura, sabor) e os participantes da outra condição dispunham de seis atributos para realizar cinco avaliações sobre cinco tipos de bolachas que degustavam antes de avaliar o tipo de bolacha (Linville, 1982). Os resultados do estudo indicam que os participantes foram mais complexos e mais

moderados nas suas avaliações sobre bolachas na condição seis atributos (i.e., alta complexidade cognitiva) e menos complexos e mais extremos nas suas avaliações na condição dois atributos (Linville, 1982). Estes resultados demonstram que é possível induzir experimentalmente os indivíduos a uma orientação cognitiva mais complexa (i.e., diferenciada), ou a uma orientação cognitiva menos complexa (i.e., generalização) em relação aos estímulos do alvo, com efeitos na percepção e avaliação do alvo em estudo.

O modelo de Linville (1982, 1987) tem sido usado em estudos da psicologia clínica (Woolfolk et al., 1999), da psicologia da educação (Hsu, Lin, & Lu, 2022), e da psicologia social, analisando a relação entre a complexidade do self identidade social e o bem-estar (Banas & Smyth, 2021). Por exemplo, McConnell e Strain (2007), realizaram um estudo sobre a complexidade do self, usando uma pergunta aberta, sem qualquer manipulação experimental, e os participantes descreveram-se usando diferentes tipos de informação sobre eles próprios, refletindo como a estrutura do self varia entre indivíduos, e como o conhecimento que têm sobre si próprios, nos diferentes níveis de representação do self, estava mentalmente acessível quando responderam à questão dos investigadores. Além da acessibilidade em memória, o estudo de Ben-Ari, Kedem, e Levy-Weiner (1992) obteve evidências que apoiam a relação entre a complexidade cognitiva e a variabilidade percebida do grupo externo. Os autores testam a relação entre a complexidade cognitiva, a percepção de variabilidade e o julgamento intergrupar entre judeus, o grupo interno, e árabes, o grupo externo (Ben-Ari, Kedem, & Levy-Weiner, 1992). Os resultados indicam que indivíduos com elevada complexidade cognitiva exibem avaliações moderadas do grupo interno e externo, integrando características positivas e negativas dos dois grupos, enquanto indivíduos com baixa complexidade cognitiva avaliam de forma extremada o grupo interno, com predomínio de características positivas, e o grupo externo, com predomínio de características negativas. Estes dados indicam que a maior complexidade cognitiva influencia a percepção de

variabilidade tanto para o grupo interno como para o grupo externo, enquanto indivíduos com baixa complexidade cognitiva não evidenciam variações na percepção de variabilidade dos grupos. Ou seja, a complexidade das estruturas cognitivas desempenha um papel crucial na forma como percebemos e interagimos com diferentes grupos sociais.

### **Self coletivo**

O self coletivo resulta da filiação do indivíduo a grupos sociais, com os quais se identifica (i.e., grupo interno), e da diferenciação de grupos aos quais não pertence (i.e., grupo externo; Brewer & Gardner, 1996). Wright, Aron, e Tropp (2002) verificaram que os participantes foram mais lentos a identificar características incongruentes entre o indivíduo e o grupo interno, sendo mais rápidos a identificar características congruentes entre si e o grupo interno. Este resultado evidencia a inclusão de características do grupo interno no self do indivíduo. Tropp e Wright (2001) verificaram que, da maior identificação com o grupo, resulta uma maior dificuldade em distinguir entre as suas características e as do grupo. Pelo contrário, se a identificação com o grupo é baixa, o indivíduo facilmente faz a distinção entre as suas características e as do grupo. Ou seja, incluir o grupo interno no self origina uma sobreposição entre as características do indivíduo e do grupo. Exemplo disso é o estudo de Johnson, Gadon, Carlson, Southwick, Faith, e Chalfin (2002), no qual os autores verificaram que houve melhor desempenho na recuperação de informação sobre o grupo interno, comparativamente à tarefa semântica sem referência ao grupo social (Johnson et al., 2002), ou seja, a inclusão do grupo no self, da informação sobre o grupo, facilita a recuperação de informação.

O self coletivo é influenciado pelo contexto cultural em que o indivíduo está inserido. Esta inter-relação foi evidenciada na pesquisa pioneira de Hofstede (1980), que destacou, entre várias dimensões, o contraste entre individualismo e coletivismo. Para exemplificar, em sociedades individualistas, como muitas nações ocidentais, um indivíduo pode valorizar a sua

autonomia e independência, priorizando relações com a família nuclear e mantendo laços sociais mais ténues com grupos mais amplos. Imagine, por exemplo, um jovem adulto que decide mudar-se para uma cidade distante para perseguir uma carreira, mesmo que isso signifique ver a família apenas em ocasiões especiais.

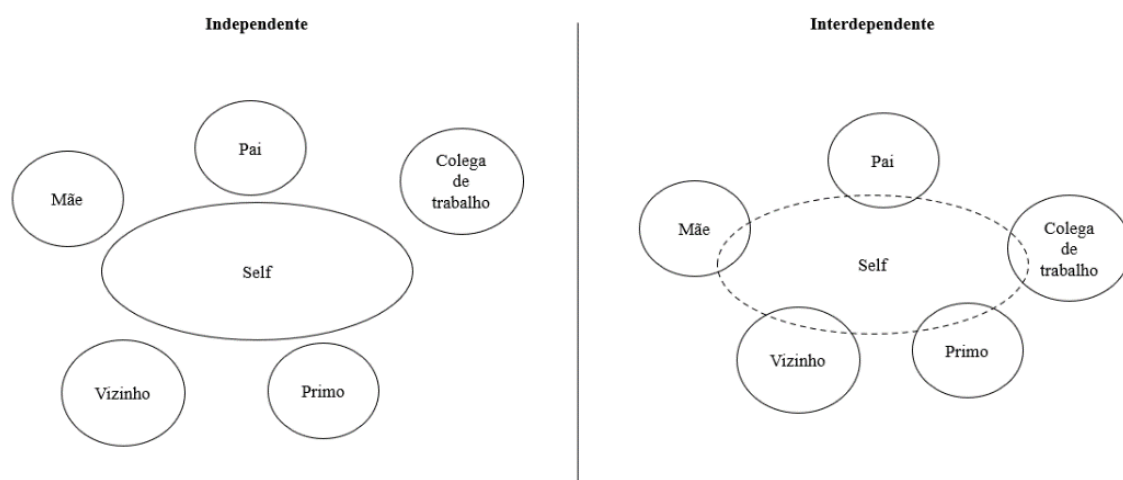
Por outro lado, sociedades coletivistas, comuns em muitos contextos orientais, enfatizam a interdependência entre os indivíduos. Aqui, não é apenas a família imediata que é central, mas também a família alargada e a comunidade. Pode-se pensar num indivíduo que, antes de tomar uma decisão importante, consulta vários membros da família e considera o impacto dessa decisão no grupo mais amplo.

Markus e Kitayama (1991) aprofundaram esta discussão, explorando como diferentes culturas moldam a perceção do self como sendo interdependente ou independente. Em muitas culturas ocidentais, a ênfase está na distinção e singularidade do self, onde a expressão de características individuais é valorizada. Em contraste, em culturas orientais, a interconexão e a relação com os outros são centrais, e a identidade de um indivíduo é muitas vezes vista em relação ao grupo ao qual pertence.

Contudo, enquanto o trabalho de Markus e Kitayama (1991) lançou luz sobre a influência do contexto cultural no desenvolvimento do self, é importante reconhecer que a compreensão deste fenómeno ainda está em evolução.

## Figura 2

Representação do self independente e do self interdependente



*Nota.* Adaptado de Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224–253.

<https://doi.org/10.1037/0033-295X.98.2.224>. Copyright 1991, American Psychological Association.

Neste sentido, o estudo de DeAndrea, Shaw e Levine (2010), verificou que a descrição que os indivíduos fazem de si próprios no Facebook varia com a cultura em que estão inseridos: enquanto os afro-americanos descrevem os seus autoconceitos de forma independente, os asiático-americanos fazem-no de forma interdependente e os euro-americanos estão entre estes dois posicionamentos. A cultura é uma dimensão que influencia vários processos psicológicos (Nisbett, Peng, Choi, & Norenzayan, 2001), as diferenças culturais na complexidade do self têm vindo a ser exploradas, como no estudo de Brown, Shilling, e Park, (2016) onde os estudantes da Coreia do Sul (coletivismo), evidenciaram maior complexidade do self do que os americanos (individualismo). Esta evidência destaca que, tal como o self individual, o self coletivo possui variações de complexidade, pois estamos motivados a pertencer a grupos sociais procurando ativamente a inclusão em grupos, evitando a exclusão (Hogg, Hohman, & Rivera, 2008). Esta necessidade de pertença, impacta

as representações mentais sobre grupos, e tem sido investigada na identidade social e autocategorização.

### ***Identidade social***

A Teoria da Identidade Social explica e prediz o comportamento entre grupos sociais (Turner & Reynolds, 2010), analisando alterações no comportamento social quando os indivíduos pertencem a um grupo, tendo por base o continuum entre o comportamento interpessoal e o intergrupar (Tajfel & Turner, 1979; Tajfel, 1978), focando os seus aspetos estruturais (Turner, 1999; Turner & Reynolds, 2010). Deste modo, sob certas circunstâncias, a identidade coletiva de um indivíduo pode prevalecer sobre a sua identidade pessoal, pois, em determinados contextos, um indivíduo pode perceber-se não apenas como um ser único e individual, mas como um representante intercambiável de um grupo mais amplo ao qual pertence, seja ele baseado em nacionalidade, religião, profissão ou qualquer outra categoria social (Turner & Reynolds, 2012). Por exemplo, imagine um campeonato mundial de futebol. Um adepto fervoroso da seleção nacional pode sentir um forte senso de camaradagem com outros adeptos do mesmo país, mesmo que nunca os tenha conhecido antes. Neste contexto, a sua identidade coletiva como "adepto da seleção nacional" pode ser mais saliente do que as suas características individuais. Ele pode sentir orgulho, tristeza ou euforia, não com base nas suas experiências pessoais, mas nas realizações ou fracassos da seleção nacional. A transição de uma identidade pessoal para uma identidade coletiva não é apenas uma mudança passiva, tendo implicações na forma como os indivíduos percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

A identidade social é uma construção complexa que se refere à maneira como os indivíduos se percebem em relação aos grupos aos quais pertencem. Tajfel e Turner (2004) definem-na como emergente da interação entre dois ou mais indivíduos interdependentes. Esta interdependência é estruturada por normas, papéis e estatutos que ajudam os membros

do grupo a entender a sua posição e conexão dentro desse coletivo. Para ilustrar, imagine uma equipa de futebol. Cada jogador tem um papel específico (avançado, defesa, central), e todos devem seguir certas normas e regras do jogo. A forma como um jogador percebe a sua posição na equipa (por exemplo, como capitão ou no banco de suplentes) influencia a sua interação com os outros jogadores.

Tajfel (1978) propôs uma abordagem sistemática para entender esta dinâmica. O autor sugere que os indivíduos tendem a segmentar o mundo social em “nós” (ou seja, o nosso grupo) e “eles” (grupos externos). Este processo de categorização ocorre em três fases distintas:

- **Categorização:** Na primeira fase, os indivíduos classificam-se e aos outros com base em categorias sociais distintas, como religião. Esta categorização ajuda a formar uma compreensão sobre si mesmo, sobre o grupo a que pertence e sobre outros grupos.
- **Identificação Social:** Nesta fase, há uma forte inclinação para que o indivíduo adote a identidade do grupo ao qual se associa. Por exemplo, um indivíduo que se identifica como católico provavelmente agirá de acordo com as normas e crenças associadas a essa religião. Esta identificação com um grupo específico, seja ele baseado em família, classe social ou afiliação desportiva, proporciona uma fonte de orgulho e autoestima, reforçando a sensação de pertença.
- **Comparação Social:** A última fase envolve a comparação do grupo de pertença do indivíduo com outros grupos. Se um grupo externo é percebido como ameaçador à identidade positiva do grupo interno, o indivíduo pode utilizar várias estratégias para preservar ou restaurar essa identidade positiva, conforme definido por Turner (1975).

A pertença a grupos sociais comporta a aquisição de conhecimento sobre esses grupos e a formação de estereótipos sobre os outros, influenciados por agentes como pais, educadores e media (Postmes, Haslam, & Swaab, 2005; Prentice & Miller, 2002). Com a

aquisição de conhecimentos sobre os grupos a que pertencemos, e considerando a riqueza de estímulos presentes no cotidiano, é importante questionar como em certas situações o indivíduo tem mais acessível a identidade social do Grupo A ou a identidade social do Grupo G. Uma das formas de tornar a identidade social acessível em memória são os rótulos, associados a categorias sociais, como por exemplo quando alguém é rotulado como "atleta", "intelectual", ou com um termo depreciativo associado à etnia, sendo confrontado, ainda que momentaneamente, com a sua identidade social, pois os rótulos aumentam a acessibilidade em memória das informações associadas à pertença grupal (Billig & Tajfel, 1973; Charters & Newcomb, 1958). Porém, frequentemente, o processo é mais subtil. Determinadas situações realçam as nossas semelhanças com outros, ativando a consciência da pertença grupal, e a mera presença de outros membros do mesmo grupo pode ser uma pista que aumenta a acessibilidade da identidade social (Doise & Sinclair, 1973; Wilder & Shapiro, 1991). Por exemplo, quando imigrantes de diferentes origens se unem para celebrar uma festa cultural comum ou quando organizam eventos para promover a integração na comunidade anfitriã, a consciência da pertença e tudo o que ela implica torna-se ainda mais saliente na cognição dos membros do grupo, sendo este processo tão poderoso que pode suplantar outras categorias sociais que seriam relevantes em diferentes contextos (Cosmides, Tooby, & Kurzban, 2003).

Outro fator que contribui para a acessibilidade em memória da pertença grupal é a presença de membros do grupo externo, como evidenciado num estudo realizado na Bélgica (Marques, Yzerbyt, & Rijsman, 1988). Foi solicitado a estudantes universitários belgas que redigissem descrições de estudantes típicos de origem belga e norte-africana. Numa condição, o investigador que fez este pedido era de origem norte-africana; na outra, o investigador era belga. As respostas dos estudantes que redigiram as descrições na presença de um membro do grupo externo, o investigador norte-africano, denotaram uma maior identificação com o seu grupo interno belga (Marques, Yzerbyt, & Rijsman, 1988). Ou seja, a presença de um único

membro de um grupo externo foi suficiente para intensificar a percepção de pertença ao grupo interno.

Pertencer a um grupo minoritário é outro fator que promove a acessibilidade em memória acerca da pertença grupal. Os indivíduos têm maior propensão para se identificarem com base nas suas pertenças a grupos menores do que a grupos maiores (Brewer, 1991; Taylor et al., 1978), sobretudo quando são os únicos representantes do seu grupo numa determinada situação (Sekaquaptewa, Waldman, & Thompson, 2007). Por exemplo, crianças cujo grupo étnico constituía uma minoria na escola referiam mais a sua etnia em descrições informais do que as que pertenciam à maioria étnica (McGuire, McGuire, Child, & Fujioka, 1978).

Outro fator que aumenta a acessibilidade percetiva de pertença a um grupo é a rivalidade entre grupos, como ilustrado num estudo onde os autores criaram uma manchete de jornal universitário com "Estudantes de Humanidades e Ciências em Desacordo sobre Programa Base", e esta manchete foi suficiente para intensificar a acessibilidade da identidade dos estudantes enquanto estudantes de ciências ou estudantes de humanidades (Price, 1989).

Para além de todos os fatores mencionado até agora, provavelmente o aspeto que mais aumenta a acessibilidade sobre a pertença a um grupo social é competição entre grupos, desenvolvido em seguida.

### ***Autocategorização***

A teoria da autocategorização foi desenvolvida para compreender e explicar como os processos cognitivos estão implicados nas comparações entre o grupo do qual somos membros, o grupo interno, e aquele a que não pertencemos, o grupo externo, e como a autocategorização redefine o self pela filiação ao grupo (Hogg, 2010; Ellmers & Haslam, 2012; León, 2023; McGarty, Bongiorno, & Bliuc, 2010; Turner & Reynolds, 2001), pelo que,

a identidade social é hierarquicamente organizada pelo nível de inclusão de categorias sociais (León, 2023; Turner & Reynolds, 2012; Reimer, Schmid, Hewstone, & Ramiah, 2022).

Imaginemos um jantar onde João e Ana, apesar de terem amigos em comum, se encontram pela primeira vez. Inicialmente, a sua interação é moldada pelas suas identidades individuais, talvez usando o pronome "eu" ao partilhar experiências pessoais. No entanto, à medida que descobrem que ambos pertencem a um grupo social comum, por exemplo, ambos são portugueses, a dinâmica muda. Começam a usar o pronome "nós", destacando as qualidades positivas do seu grupo e a importância desse grupo na sua identidade.

Aqueles que observam o jantar podem notar uma mudança subtil no comportamento de ambos. Esta transição da identidade individual para a identidade social é explicada pela teoria da autocategorização (Turner, Oakes, & Macgarty, 1998; Reimer, Schmid, Hewstone, & Ramiah, 2022). Ana e João, ao reconhecerem-se como membros de um grupo comum, despersonalizam-se das suas identidades individuais e passam a ver-se como membros intercambiáveis de uma categoria social, focando as semelhanças entre eles.

Segundo a teoria da autocategorização, os indivíduos categorizam-se em diferentes níveis de inclusividade. Quando Ana e João se veem como parte da mesma categoria (portugueses), focam as diferenças entre grupos (por exemplo, entre portugueses e britânicos) e minimizam as diferenças dentro da própria categoria, o que conduz à assimilação da categoria "portugueses" e à diferenciação de outras categorias, como "britânicos". Porém, português é uma categoria inclusiva, mulheres e homens podem ser portugueses, mas a categoria sexo é menos inclusiva, e quando a Ana e o João se autocategorizam em função do sexo, isto significa que eles perceberam mais diferenças interclasse (i.e., mulheres e homens) e menos diferenças intraclasse (i.e., mulheres ou homens). Tal resulta na assimilação de um dos grupos e na diferenciação do outro grupo, porque o contexto permitiu essas comparações, numa dimensão (i.e., atitude ou comportamento), numa categoria relevante (Ellmers &

Haslam, 2012; Turner, Haslam, & McGarty, 1994; Reimer, Schmid, Hewstone, & Ramiah, 2022). Deste modo, o contexto foi percebido através de uma estrutura altamente correlacionada, sendo o protótipo a estrutura que condensa o significado de uma determinada categoria (Semin, 1989), na qual surgiria a distinção entre o grupo interno e o grupo externo. A autocategorização é influenciada pela saliência contextual, ou seja, qualquer estímulo (e.g., comportamento, categoria social) com proeminência perceptiva em relação a todos os outros estímulos (Taylor & Fiske, 1978). A saliência contextual facilita a ativação do conhecimento sobre o grupo, promovendo a acessibilidade em memória, por exemplo, quando um indivíduo recebe um desconto destinado a idosos, que irá ativar na memória que ele ou ela pertencem a esse grupo etário (Stock, 1995). A linguagem é também um marcador de categorias sociais que melhora o reconhecimento de faces (Champoux-Larsson, Ramström, Costa, & Baus, 2022).

Perante um contexto comparativo e com a categoria saliente, realizamos um ajuste entre o estímulo percebido e a categoria, baseado no protótipo que contém recursos (i.e., atitudes, sentimentos e comportamentos). Estes recursos definem a associação à categoria social e permitem que o indivíduo categorize os membros do seu grupo com base nos atributos do grupo (Hogg, 2001; McGarty, Bongiorno, & Bliuc, 2010), em função da categoria ou pista para a categoria que está saliente. Hogg e Turner (1987) demonstraram que, quando as pessoas são organizadas em grupos mistos (i.e., homens e mulheres), os indivíduos autocategorizam-se em termos de género, recorrendo ao protótipo de género e não a um protótipo relativo a outra categoria, e que tal não ocorria se o grupo fosse formado só por mulheres ou só por homens. Recorrer a protótipos otimiza o princípio do metacontraste, tal como Aberson (2010) exemplifica, indicando que perante a categoria francês em mente, provavelmente surgem atributos como boina, baguete e bicicletas, mas se contrastamos com holandeses, o atributo bicicleta deixa de ser relevante para o protótipo porque não diferencia

claramente os dois grupos. Então, realizamos categorizações binárias entre o grupo interno e externo, onde o protótipo utilizado maximiza as semelhanças entre os membros do grupo interno e maximiza as diferenças entre o grupo interno e externo, variando em função do contexto. As categorias sociais são, assim, estruturadas em torno de protótipos, e, quando o indivíduo aplica a si próprio a categorização social, além de passar a definir-se em função dos atributos do grupo, também adota comportamentos associados à filiação nesse grupo interno (Aberson, 2010), iniciando a despersonalização, porque o protótipo do grupo serve tanto para categorizar os outros como o próprio indivíduo. Um dos efeitos mais estudados da despersonalização é a autoestereotipagem, porque o indivíduo passa a perceber as suas próprias características como correspondentes às do grupo social do qual ele é membro (Huntsinger & Sinclair, 2010), apreendendo e incluindo no self as normas e atributos do grupo, passando a comportar-se, pensar e agir em função do protótipo, a forma típica, do grupo a que pertence (Abrams & Hogg, 1990; Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987), o autoestereótipo (Hogg & Turner, 1987; Simon & Hamilton, 1994). Quando uma categoria se torna perceptivamente saliente, o indivíduo percebe-se como um exemplo intercambiável numa categoria social, porque possui características que partilha com os restantes elementos do grupo, e percebe o mundo social em termos de membro de categoria, ou seja o membro do grupo atribui as características do grupo a si próprio (Turner, 1985; Ellmers & Haslam, 2012, Hogg & Turner, 1987; Simon & Hamilton, 1994). Por exemplo, Carli (1990) verificou que as mulheres falam mais timidamente na presença de homens do que num grupo exclusivamente feminino, ou seja, a presença de homens tornou a identidade feminina saliente e as mulheres passaram a agir com o comportamento típico que consideram estar associado ao seu grupo, pelo que recorrem ao autoestereótipo para orientar o seu comportamento no contexto. O autoestereótipo possui consequências para a representação cognitiva do grupo interno, uma vez que implica a elevada sobreposição entre a

representação do grupo interno e o self individual em termos de características estereotípicas positivas, ou seja, o indivíduo deduz características sobre si através do grupo (Latrofa, Vaes, Cadinu, & Carnaghi, 2010). Estudos sobre a autocategorização têm ampliado o corpo de evidências sobre o seu efeito na cognição, por exemplo, Tavani, Collange, Rateau, Rouquette, e Sanitioso, (2017), verificaram que quando os participantes partilhavam memórias coletivas comuns com o alvo, percebiam maior semelhança entre si e o alvo, resultando numa avaliação positiva e percepção de que alvo e participante pertencem ao mesmo grupo interno.

A autocategorização é um processo essencial para a identificação com um grupo, pois é através dela que o indivíduo integra as características desse grupo na sua noção de self (Brown, 1988; Tajfel, 1972; Turner et al., 1987). Esta integração é tão profunda que, em certos contextos, pode ser difícil distinguir entre as características individuais e as do grupo. A sobreposição entre o self individual e o grupo é mais pronunciada quando a identificação com o grupo é forte, e menos evidente quando a identificação é fraca. A pertença grupal também influencia a autoestima e as emoções, por exemplo, estudantes de uma universidade em Lisboa, ao tomarem conhecimento, através das redes sociais, de que um colega de curso de uma universidade do Porto foi injustamente penalizado por um erro administrativo, e ao identificarem-se com a situação por pertencerem à mesma área de estudo, podem manifestar sentimentos de indignação e solidariedade nas suas publicações e comentários, mesmo que o incidente não tenha impacto direto nas suas vidas académicas (Gordijn, Wigboldus, & Yzerbyt, 2001).

A integração do grupo no self tem impacto na forma como os indivíduos pensam, sentem e agem sobre o seu grupo e também em relação ao grupo externo, sendo esta a linha orientadora da presente investigação, que foca a sociedade portuguesa como recetora de imigrantes. Em alguns países com histórico de movimentos migratórios, resultando na interação com diferentes grupos sociais e em aprendizagens construídas, as representações

mentais simplistas podem ser mantidas. Exemplo disso é a sociedade portuguesa, que detém uma história marcada por movimentos migratórios, tanto de emigração como de imigração (Baganha, Marques, & Góis, 2004), tendo sido marcada até ao final do século XX pela relação colonial, com as respetivas relações culturais e económicas. Em termos de movimentos de imigração, em Portugal destaca-se a imigração após a Revolução de 25 de Abril de 1974, e a subsequente descolonização, que originou um significativo influxo de retornados das ex-colónias portuguesas, especialmente de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau (Malheiros, 2002). Os retornados constituíram um grupo que foi percebido negativamente e como uma ameaça, pois este grupo era percebido como detentor de maior poder económico, ou como beneficiário de mais privilégios do que os outros portugueses, ou era mesmo percebido como um grupo com ligações ao anterior regime (Gomes, 2003). Embora o regresso de portugueses das ex-colónias ultramarinas tenha tido um forte impacto na revitalização da demografia e economia nas regiões do Interior Norte e Centro do País (Fonseca, 2008; Meneses & Gomes, 2014), este grupo foi alvo de preconceito no acesso às oportunidades de trabalho, uma vez que, para alguns indivíduos, se um retornado conseguia um emprego então ele estava a usufruir que algo que deveria ser destinado a um português que não viesse das ex-colónias portuguesas (Gomes, 2003).

Quando o indivíduo se identifica com um grupo, a sua pertença ao grupo tem um significado emocional e avaliativo que resulta dessa mesma pertença grupal (Brown, 1988; Tajfel, 1972; Turner et al., 1987). A perceção de um grupo externo como sendo uma ameaça moldará o julgamento e comportamento em relação a essa ameaça, pelo que o grupo externo passa a ser percebido, e descrito, como inferior, aumentando a probabilidade de ser moral e socialmente excluído, o que influenciará a perceção que os membros deste grupo externo têm sobre si, ou seja, um grupo estigmatizado ou negativamente avaliado (Crocker, Major, & Steele, 1998). É de antever que pertencer a um grupo com valor social negativo terá efeitos

em vários aspetos da vida dos indivíduos, por exemplo, Smyth (2004) verificou que grupos de imigrantes a residir nos Estados Unidos da América e que com mais frequência eram alvo de insultos étnicos apresentavam taxas de suicídio mais elevadas.

A autocategorização orienta a perceção, o julgamento e a ação relativamente aos que são semelhantes e aos que distam de nós, porém não inclui a forma como as motivações de assimilação e diferenciação individuais dos membros de um grupo influenciam a autocategorização (Leonardelli, Pickett, Brewer, 2010), tema desenvolvido em seguida.

### ***Teoria da distintividade ótima***

A necessidade do indivíduo em pertencer ao grupo, assimilação, foi vista como díspar à necessidade de individualização, diferenciação, em relação aos outros indivíduos (Snyder & Fromkin, 1980; Lemaine, 1974), ou seja, são motivações opostas, uma vez que o excesso de assimilação conduz à perda da individualidade, do Eu, e o excesso de individualização conduz ao isolamento social (Zhao & Glynn, 2022). Brewer (1991) apresenta o modelo da Distintividade Ótima que explica como as necessidades de assimilação e diferenciação coexistem num equilíbrio dinâmico e dependente de contexto. A distintividade ótima considera o efeito da identificação social na definição do próprio indivíduo, sendo que os indivíduos evitam autoconstruções muito personalizadas ou inclusivas, e definem-se em termos de associações a categorias distintas, pelo que realizam autocategorizações que proporcionam o sentimento de pertença e o senso de distinção (Brewer, 1991). O modelo evidencia que a satisfação de assimilação e diferenciação ocorre ao nível do grupo, pois o indivíduo identificar-se-á com grupos que satisfaçam estas duas necessidades ativadas (Brewer, 1991, 1993; Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010; Zhao & Glynn, 2022).

Este modelo postula que os seres humanos se caracterizam por duas necessidades opostas que governam a relação entre o self pessoal e o self coletivo. A primeira é uma necessidade de assimilação e inclusão social, que motiva a pertença e imersão em grupos

sociais, a segunda é a necessidade de diferenciação dos demais que opera em oposição à necessidade de imersão social (Brewer, 1991, 1993; Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010; Zhao & Glynn, 2022). Quando a adesão ao grupo se torna cada vez mais inclusiva, a necessidade de inclusão é satisfeita, porém a necessidade de diferenciação é ativada; inversamente, à medida que a inclusão decresce, a necessidade de diferenciação diminui, mas a necessidade de inclusão é ativada (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010), permitindo que o indivíduo alcance uma identidade social otimamente distinta. Estas motivações são concorrentes e mantêm-se mutuamente sob controle, garantindo que os interesses de um nível não sejam consistentemente sacrificados em favor dos interesses do outro (Mochkabadi, Kleinert, Urbig, & Volkmann, 2024; Zhao & Glynn, 2022). Segundo este modelo, as duas motivações opostas resultam na capacidade de identificação social com grupos distintos que satisfazem ambas as necessidades simultaneamente (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010), ou seja, a distintividade ótima afeta a autocategorização do indivíduo e, conseqüentemente, a identificação com o grupo.

Segundo a teoria da distintividade ótima, os indivíduos buscam uma identidade social otimamente distinta, ou seja, procuram a pertença a grupos que satisfaçam a sua necessidade de inclusão intragrupal e a diferenciação intergrupo, mantendo a sua distintividade individual (Brewer, 1991, 1993). A teoria assenta em quatro princípios:

1) a identificação social será mais forte para grupos ou categorias sociais com o nível de inclusão que resolve o conflito entre as necessidades opostas de assimilação e diferenciação;

2) a distinção ideal é independente das implicações avaliativas de associação ao grupo, sendo que os indivíduos preferem identidades positivas a negativas;

3) a distinção de uma determinada identidade social é específica ao contexto, dependendo do quadro de referência dentro do qual as identidades sociais possíveis estão definidas num determinado momento, sendo variáveis em função do contexto;

4) o nível de distinção ou inclusão da categoria social é uma função de força relativa dos impulsos de assimilação e diferenciação e, para qualquer indivíduo, a força relativa dos dois impulsos é determinada por normas sociais, experiências recentes e pela socialização individual (Brewer, 1991, 1993).

Assim, os indivíduos preferem grupos que atendam à necessidade de inclusão dentro do grupo interno e à necessidade de diferenciação intergrupar, num equilíbrio que se traduz numa identidade social otimamente distinta (Brewer, 1991, 1993; Mochkabadi, Kleinert, Urbig, & Volkmann, 2024; Leonardelli & Brewer, 2001; Zhao & Glynn, 2022), o que permite compreender a elevada identificação em grupos minoritários.

Os membros de grupos minoritários, em termos de tamanho relativo, alcançam a identidade social otimamente distinta porque o tamanho do grupo permite a satisfação da necessidade de assimilação e diferenciação, enquanto um grupo maioritário responde à necessidade de assimilação, mas impede a satisfação da diferenciação (Brewer & Pickett, 1999). Por outras palavras, grupos de menores dimensões possuem níveis mais elevados de identidade social otimamente distinta, ao contrário de grupos maioritários. Para além de os membros de grupos menores apresentarem níveis mais elevados de identificação com o grupo, em termos de saliência contextual o próprio contexto intergrupar, nós vs. eles, favorece o viés pelo grupo interno (Brewer, 1979). Numa investigação sistemática sobre a distintividade ótima e o favoritismo pelo grupo interno, Leonardelli e Brewer (2001) verificaram que membros de grupos mais pequenos exibem maior discriminação em relação ao grupo externo, enquanto membros de grupos maiores exibem menor discriminação em relação ao grupo externo.

Acerca do modelo da distintividade ótima, importa destacar que a distinção ótima é o resultado dos níveis atuais de ativação de assimilação e diferenciação, bem como das propriedades do grupo, ou seja, a distintividade ótima não é uma propriedade de alguns grupos sociais (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010). A distintividade ótima é dependente do contexto, pois este ativa tanto as necessidades de assimilação como de diferenciação em relação à categoria social especificamente saliente em contexto (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010). Por exemplo, ser médico numa conferência europeia de medicina é inclusiva para a identidade social médico, mas não é idealmente distintiva, já a identidade médico obstetra seria suficientemente inclusiva e diferenciadora. A distintividade ótima, como mencionado anteriormente, resulta de um equilíbrio dinâmico, pois a otimização da identidade é mutável por influências temporais e alteradas ao longo do tempo (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010). Por exemplo, quando a Rita iniciou o seu novo emprego foi colocada num grupo de trabalho. Inicialmente a necessidade de inclusão e assimilação da Rita estariam particularmente salientes tanto para que ela seja incluída no grupo como para conhecer os limites do grupo. Com o passar do tempo, e após as necessidades de assimilação estarem asseguradas, é muito provável que as motivações de diferenciação sejam ativadas, e então os membros desse grupo se preocupem com a definição dos limites do grupo, assegurando que o grupo é diferenciado dentro da sua dimensão social. Ou seja, a identidade social otimamente distinta está associada a um self estável, em que, por um lado, o indivíduo possui características congruentes e típicas aos outros membros do grupo, mas, por outro lado, se essa identidade é desafiada ou ameaçada, existe uma reação que restaura a congruência entre o self e a representação do grupo.

O terceiro aspeto a ter em consideração no modelo da distintividade ótima é que as motivações para inclusão e diferenciação variam em função da situação, cultura e de características individuais (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010).

A teoria da distintividade ótima evidencia como no nível do self individual atuam duas motivações opostas, a semelhança a um grupo social, e a singularidade individual (Snyder & Fromkin, 1980). A similaridade refere-se ao grau de sobreposição entre as próprias características do indivíduo (i.e., atributos, atitudes) e as dos outros indivíduos ou do protótipo de grupo, enquanto a inclusão se refere ao número de outras pessoas com quem se partilha um vínculo coletivo, podendo basear-se numa única característica partilhada (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010). O modelo da distintividade ótima compreende os níveis de representação do self como um complexo de sistemas regulatórios, onde, em cada nível, o indivíduo deve alcançar algum equilíbrio ideal entre estes motivos conflitantes para alcançar uma definição de si mesmo em relação aos outros, ou seja, mantendo a integridade do self pessoal, alcançar e manter um número suficiente de relações próximas que satisfaçam necessidades concorrentes de intimidade e autonomia, e manter uma inclusão segura em grupos sociais perfeitamente distintos (Leonardelli, Pickett, & Brewer, 2010), com impacto na autocategorização e consequente identificação com grupos. Porém, no complexo mundo social estabelecemos filiações a diversos grupos, pelo que importa compreender como a pertença a diferentes grupos influencia a complexidade cognitiva com que representamos o outro, explicação apresentada pela complexidade da identidade social, desenvolvida em seguida.

### ***Complexidade da identidade social***

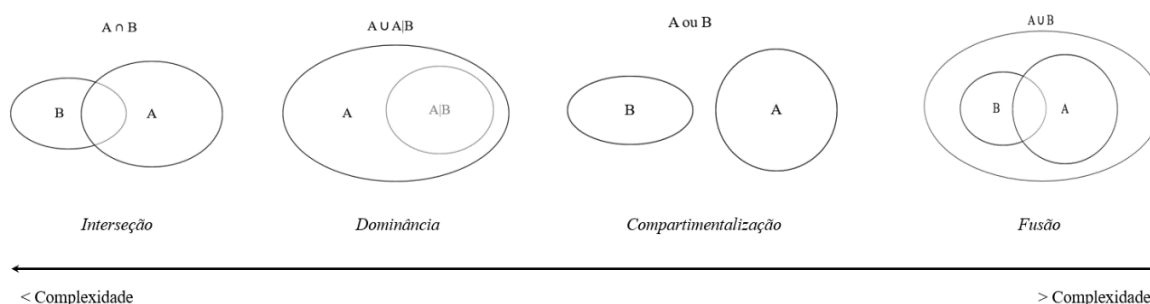
O conceito de complexidade da identidade social refere-se às diferenças individuais no grau de sobreposição percebido entre grupos dos quais o indivíduo é membro, propondo um modelo que considera como a representação mental subjacente às múltiplas filiações grupais afeta relações intergrupais (Roccas & Brewer, 2002). A complexidade da identidade social tem como base o trabalho de Urban e Miller (1998), no qual os autores compararam as avaliações que os indivíduos realizam ao usarem pistas convergentes de filiação ao grupo

interno e externo, avaliando o efeito de moderadores na categorização cruzada. Os autores verificaram que o contacto personalizado, em ambientes de cooperação, reduz a probabilidade de usar a categorização simples para perceber alvos sociais, reduzindo o preconceito intergrupar (Urban & Miller, 1998). De acordo com os resultados de Urban e Miller (1998), ao usar categorização cruzada a percepção de homogeneidade do grupo externo diminui, e a informação sobre o alvo social é processada em torno dos atributos únicos e não da categoria do alvo social. Neste estudo, Urban e Miller (1998) obtiveram dados que apoiam quatro padrões resultantes da categorização cruzada, nos quais Roccas e Brewer (2002) desenvolvem o seu modelo, segundo o qual a representação cognitiva varia num continuum de complexidade cognitiva. Por exemplo, duas pessoas do mesmo grupo religioso podem pertencer a grupos étnicos diferentes. A forma como interagem dependerá da capacidade individual de reconhecer as inconsistências (somos do mesmo grupo religioso mas de grupos étnicos diferentes), a diferenciação, e o nível de integração dessas inconsistências determina a complexidade da representação cognitiva, conforme representado na Figura 3 (Roccas & Brewer, 2002).

O modelo da interseção ocorre quando o indivíduo cria uma categoria composta resultante da interseção de outras categorias, como por exemplo, a mulher com cargo de gestão de topo que define a sua identidade social em termos da combinação das categorias sexo e profissão, pelo que a sua representação mental e grupo interno apenas inclui outras mulheres que sejam gestoras de topo (Roccas & Brewer, 2002).

### Figura 3

#### *Estruturas alternativas das múltiplas representações do grupo interno e complexidade*



*Nota.* Adaptado de Roccas, S., & Brewer, M. (2002). Social identity complexity. *Personality and Social Psychology Review*, 6(2), 88–106.

[https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602\\_01](https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602_01). Copyright 2002 Society for Personality and Social Psychology, Inc.

Outro modelo de representação interna é a dominância, que consiste na identificação de um grupo primário ao qual as outras identidades são subordinadas, ou seja, as identidades subordinadas são fontes de variação intragrupal sem se estenderem a outras categorias (Roccas & Brewer, 2002). Neste caso, se a gestora de topo atribui primazia à sua identidade social, ela vai considerar todos os gestores de topo (i.e., categoria dominante) como membros do grupo, e ser gestora de topo (i.e., categoria subordinada) apenas define que tipo de gestora ela é, sem que tal representação seja extensível a uma mulher formada em medicina.

De acordo com as autoras, a representação interna do grupo pode ocorrer com base na compartimentalização de identidades específicas ao contexto ou a situações (Roccas & Brewer, 2002). Por exemplo, para a gestora de topo, quando se encontra no local de trabalho, a sua identidade profissional é relevante e orienta a percepção na distinção entre grupo interno e grupo externo, enquanto as associações a sexo, etnia, e religião são irrelevantes para esse contexto. Por outro lado, em casa, num jantar familiar, o grupo étnico ou religioso, ao ser relevante para o contexto, é ativado, e a identidade profissional é irrelevante para esse

contexto. Deste modo, na compartimentalização não existe convergência entre as múltiplas identidades, que são ativadas isoladamente em função das exigências do contexto (Roccas & Brewer, 2002).

A quarta representação interna do grupo é a fusão, onde a representação de múltiplas identidades sociais, pela participação em grupos não convergentes, é incluída na representação interna do grupo, resultando numa identificação dentro do grupo com outros indivíduos que partilhem uma das associações relevantes a uma categoria social (Roccas & Brewer, 2002). De acordo com esta representação, a gestora de topo identificar-se-á com outras mulheres além da sua categoria profissional, e identificar-se-á com gestores de topo independentemente do género. Segundo este modelo de representação mental, a identidade social resulta da soma das identificações de grupos combinadas que o indivíduo possui, pelo que a inclusão no grupo é grandemente inclusiva e diferenciada, sendo o modelo de representação interna com maior complexidade cognitiva, e o mais exigente em termos de estratégias e recursos cognitivos (Roccas & Brewer, 2002).

A complexidade das representações sobre o grupo interno depende da perceção de características compartilhadas entre os membros dos grupos ao qual um indivíduo pertence, ou seja, da semelhança que percebe (Roccas & Brewer, 2002). A menor complexidade da identidade social aumenta a probabilidade de um indivíduo, percebido como membro de um grupo externo numa dimensão, também ser percebido como membro do grupo externo noutras dimensões, resultando numa menor tolerância a grupos externos (Pierce & Brewer, 2005; Roccas & Brewer, 2002). Por exemplo, se o indivíduo combina as suas identidades como médicos-republicanos-católicos-brancos, esta combinação reflete a perceção de uma elevada sobreposição entre os membros dos diferentes grupos, resultando numa categoria composta exclusiva, pois apenas outros indivíduos que partilhem estas associações a estes grupos constituem o grupo interno, uma identidade social isolada, exclusiva, e com baixa

complexidade (Brewer, 2010). A maior complexidade da identidade social aumenta a probabilidade de perceber que o membro de um grupo externo numa dimensão pode ser membro do grupo interno noutras dimensões, resultando numa maior tolerância a grupos externos (Roccas & Brewer, 2002). Por exemplo, se o indivíduo combinar as suas múltiplas identidades como brancos e católicos e republicanos e médicos, esta combinação reflete que ele reconhece que diferentes membros integram estes grupos, e a sobreposição percebida entre os grupos é baixa, resultando numa representação interna complexa e inclusiva (Brewer, 2010). Os dados obtidos por Pierce e Brewer (2005), indicam que indivíduos com elevada complexidade da identidade social evidenciaram maior tolerância e inclusão em relação a membros de grupos externos, étnicos e culturalmente diversos, bem como atitudes positivas em relação ao pluralismo étnico, mesmo com pouca experiência ou contacto intergrupais, ao contrário dos indivíduos com baixa complexidade da identidade social.

A complexidade da identidade social tem vindo a ser explorada em diferentes contextos, alguns multiculturais, no sentido de desenvolver o construto e as respetivas medidas, sendo que a ideia base não passa por verificar o número de grupos a que o indivíduo reconhece estar filiado, uma vez que o pressuposto da complexidade da identidade social é que o indivíduo possui múltiplas representações subjetivas e é a combinação que faz dessas representações que resulta na maior ou menor inclusão do outro na sua representação mental (Brewer, Gonsalkorale, & van Dommelen, 2013). Deste modo, a medida que mensura este construto é relevante numa investigação como a nossa, que testa as implicações da indução de complexidade cognitiva de indivíduos portugueses na representação mental de imigrantes. Consideramos que a indução de complexidade cognitiva resultará em variações na complexidade da representação mental do alvo, resultando na inclusão ou exclusão do outro do self.

## **A presente investigação**

A presente investigação testa e analisa a inclusão do outro no self do percipiente através uma abordagem inovadora, testando a complementaridade das representações mentais de dois níveis de representação do self, individual e coletivo, no mesmo indivíduo. Consideramos que a complexidade cognitiva individual influencia a percepção e avaliação de grupos sociais (Correll, Judd, Park, & Wittenbrink, 2010), através de uma metodologia que considera a influência do contexto na complexidade das representações mentais (Brewer, 1979; Rothbart, 1981; Taylor, 1981).

Deste modo, o self individual é explorado através do modelo de Extremidade da Complexidade de Linville (1982), e o self coletivo é testado do prisma da Identidade Social Complexa (Roccas & Brewer, 2002). O modelo de Linville (1982) propõe a indução experimental, que resulta em variações de complexidade do self. Ao usarmos esta indução conseguiremos analisar como a maior ou menor complexidade das estruturas cognitivas do self individual influencia variações na percepção de variabilidade do grupo externo. Por outro lado, a Complexidade da Identidade Social (Roccas & Brewer, 2002) aborda o self coletivo, explorando como as afiliações a múltiplos grupos sociais influenciam as representações mentais, mais complexas ou simplificadas, comportando também variações na percepção de variabilidade de alvos sociais. A complementaridade destes dois modelos permanece inexplorada na investigação experimental. A interdependência é testada através de medidas da complexidade do self (Linville, 1982) e da complexidade da identidade social (Pierce & Brewer, 2005), perante os requisitos do contexto.

A compreensão desta inter-relação é importante, visto que, enquanto a complexidade do self proporciona uma análise da percepção da variabilidade dos atributos dos membros de grupos, a complexidade da identidade social explora o impacto da percepção individual dos protótipos dos grupos aos quais o indivíduo está afiliado (Roccas & Brewer, 2002).

Especificamente, testamos o impacto da complexidade das estruturas cognitivas na inclusão de imigrantes no self (i.e., na representação mental) dos indivíduos portugueses. Para tal, adaptamos a indução de complexidade cognitiva de Linville (1982, experimento 3) e exploramos o seu efeito na complexidade, seja ela maior ou menor, utilizada para descrever portugueses e imigrantes. Este efeito é análogo ao efeito de homogeneidade do grupo externo e à percepção de características compartilhadas entre os membros dos grupos aos quais um indivíduo pertence, bem como da sobreposição entre os diferentes grupos (Roccas & Brewer, 2002), a complexidade da identidade social.

Os estudos foram conduzidos utilizando amostras constituídas apenas por portugueses, membros da sociedade que acolhe imigrantes, residentes na Área Metropolitana de Lisboa. Este local geográfico é particularmente relevante, pois alberga mais de metade da população imigrante em Portugal (PMIL, 2015a, 2015b), permitindo uma verificação adicional do efeito do contato intergrupar na complexidade das representações mentais.

No primeiro estudo, a relação entre a complexidade do self (Linville, 1982) e a complexidade da identidade social (Pierce & Brewer, 2005) é explorada na ausência de requisitos contextuais. A ausência destes requisitos permitirá confirmar ou refutar se os indivíduos, quando induzidos a variações de complexidade cognitiva, percebem os atributos dos membros dos grupos e a prototipicidade das categorias sociais de forma complexa ou simples.

Os estudos subsequentes exploram como os requisitos contextuais influenciam a relação entre os dois construtos, refletindo as adaptações cognitivas individuais. O segundo estudo explora o processamento de informação perante diferenças na saliência contextual da complexidade do self. O último estudo testa e analisa as adaptações cognitivas quando o tamanho relativo do grupo está saliente no contexto.

## Estudos

### Estudo I

Nos capítulos anteriores abordamos diversas evidências experimentais nas quais se baseia o primeiro objetivo da presente investigação. Especificamente, os membros da categoria podem ser percebidos como diferenciados entre si, sendo integradas informações (i.e., características, atributos) pouco típicas à categoria, promovendo a percepção de heterogeneidade. Por outro lado, se os membros do grupo são percebidos como muito semelhantes entre si, a tendência do percipiente é para processar a informação sobre o alvo com base na categoria a que o alvo pertence e excluir informações atípicas, promovendo a percepção de homogeneidade. Um efeito similar à percepção de variabilidade é encontrado no modelo da complexidade-extremidade (Linville & Jones, 1980; Linville, 1982), cujos dados indicam que a alta complexidade do self induzida promove um processamento diferenciado da informação, que integra de características típicas e atípicas sobre o alvo social, tanto para alvos do grupo interno como para alvos do grupo externo, enquanto a baixa complexidade do self promove um processamento generalizado, que tende a ocorrer apenas com base nas características típicas, de informação sobre o alvo social. Ou seja, a alta complexidade do self permite a inclusão de informação típica e atípica sobre o alvo do grupo externo, resultando numa representação mental de maior complexidade, pois o alvo social é percebido como um indivíduo num aglomerado de outros indivíduos (Wilder, 1981), enquanto a baixa complexidade do self exclui a informação atípica sobre o alvo social do grupo externo, resultando numa representação mental de menor complexidade, pois o alvo é percebido como membro de um grupo/categoria social e o processamento de informação ocorre com base no nível de grupo (Wilder, 1981).

Neste sentido, consideramos que a alta complexidade do self resultará na maior complexidade da representação mental de atributos de membros de categorias, mensurada

pela complexidade da descrição do alvo, e na maior complexidade na prototipicidade percebida dos membros das categorias, mensurada pela complexidade da identidade social. Por outro lado, a baixa complexidade do self refletir-se-á na menor complexidade da representação mental de atributos de membros de categorias e na menor complexidade na prototipicidade percebida dos membros das categorias.

Deste modo, o primeiro estudo testa experimentalmente a complementaridade da complexidade do self (Linville, 1982) e da complexidade da identidade social (Roccas & Brewer, 2002). Hipotetizamos que indivíduos induzidos à alta complexidade do self terão uma elevada complexidade da identidade social, enquanto os indivíduos induzidos à baixa complexidade do self terão uma baixa complexidade da identidade social. Para testar esta hipótese, foi desenhado um experimento adaptando a indução de complexidade do self de Linville (1982, experimento 3), por forma a controlar e analisar a indução experimental da complexidade do self individual, recorrendo a alvos sociais (i.e., português e imigrante legal a residir em Portugal), bem como o efeito da indução de complexidade cognitiva sobre a complexidade da identidade social.

### ***Método***

**Materiais e Medidas.** *Complexidade do self* – Os materiais e medidas foram adaptados do experimento 3 de Linville (1982) para a avaliação de cinco tipos de leite vegetal (i.e., Soja, Arroz, Avelã, Aveia, Amêndoa). Os tipos de leite foram avaliados com base em combinações de atributos (i.e., Percentagem de gordura; Sabor; Percentagem de açúcar, Frescura, Prazo de validade, Aroma). Nas condições alta complexidade do self induzida foram criadas 36 combinações dos 6 atributos, e nas condições baixa complexidade do self induzida foram geradas 24 combinações dos 6 atributos. Nas duas condições apenas foi apresentada uma combinação por participante. Com base na combinação de atributos apresentada, os participantes avaliaram cinco comportamentos. Os tipos de leite vegetal

foram apresentados em ordem aleatória, e os participantes dispunham de 40 segundos para indicarem cada avaliação.

A medida resultante da indução de complexidade do self é a extremidade do julgamento, sendo calculada para cada participante através da amplitude entre a avaliação mais alta e a mais baixa das cinco avaliações sobre os tipos de leite vegetal. A medida final foi convertida da escala de 12,7 para a escala de 41 pontos. Valores mais baixos indicam maior extremidade avaliativa e menor complexidade do self induzida (i.e., Baixa complexidade do self), e valores mais altos indicam menor extremidade avaliativa e maior complexidade do self induzida (i.e., Alta complexidade do self; Linville, 1982, experimento 3).

*Complexidade da identidade social* – Adaptando a medida de Pierce e Brewer (2005), e com base nos resultados do pré-teste à nacionalidade de imigrantes presentes em Portugal (Anexo A), foram criados 12 itens, com um emparelhamento de nacionalidade (i.e., portugueses, brasileiros, cabo-verdianos, romenos) por item, apresentados em ordem aleatória. Foi solicitado aos participantes que indicassem quantos membros do grupo A (i.e., nacionalidade) também são membros do grupo B, sendo a sua perceção indicada numa escala de 10 pontos (0 – Todos os membros do primeiro grupo pertencem ao segundo grupo; 10 – Nenhum dos membros do primeiro grupo pertence ao segundo grupo). Não existiu tempo limite de resposta. A medida resulta da média dos 12 itens por participante, sendo o resultado convertido em proporção (Pierce & Brewer, 2005). A escala de resposta foi invertida para facilitar a interpretação dos resultados, pelo que valores mais elevados indicam maior complexidade da identidade social e valores mais baixos indicam menor complexidade.

*Complexidade do self na descrição de alvos sociais* – Trata-se da medida utilizada no modelo extremidade-complexidade (Linville & Jones, 1980; Linville, 1982) que mensura a complexidade do self individual na descrição de alvos sociais, um alvo do grupo interno e um

alvo do grupo externo. Nesta medida foram usados 32 traços resultantes do pré-teste (Anexo B). Aos participantes foi pedido que, utilizando os 32 traços, formassem os agrupamentos que considerassem necessários para descrever um português, e os agrupamentos que considerassem necessários para descrever um imigrante legal a residir em Portugal.

A complexidade do self foi calculada para cada participante através da fórmula de cálculo da complexidade cognitiva dimensional:

$$H = \log_2 n - (\sum n_i \log_2 n_i) / n$$

Onde “ $n$  = número total de características (33); e  $n_i$  = o número de características que aparecem numa combinação de grupo específica,  $n = \sum n_i$ .”

Para definir uma combinação de grupo, considere-se uma característica que é classificada no Grupo 1 e no Grupo 2, mas em nenhum outro grupo. Essa característica enquadra-se na combinação de grupo 1-2. Ou seja, se uma pessoa forma dois grupos, uma determinada característica pode estar numa de quatro combinações de grupo possíveis: 1, 2, 1-2 ou nenhum grupo. O  $n_i$  na fórmula anterior deve ser interpretado de acordo com este exemplo:  $n_1$  = número de características classificadas apenas no Grupo 1;  $n_2$  = número de características classificadas apenas no Grupo 2;  $n_3$  = número de características classificadas apenas em ambos os grupos, Grupo 1 e Grupo 2; e  $n_4$  = número de características não classificadas em nenhum grupo.” (Linville, 1982, p. 199)

As instruções experimentais (Anexo C) foram inseridas na plataforma Qualtrics.

**Participantes.** Duzentos e oitenta e oito participantes, entre os 18 e os 60 anos (150 participantes entre os 18 e os 30 anos, 138 participantes entre os 40 e os 60 anos), de ambos os géneros (186 mulheres e 102 homens), da Área Metropolitana de Lisboa. 53 participantes são alunos da Faculdade de Psicologia da Universidade e receberam 1 valor na Unidade Curricular de Comportamento Humano e Ambiente pela sua participação, tendo sido

convidados a trazer pelo menos mais dois participantes para o estudo, dos quais, pelo menos um adulto com idade igual ou superior a 40 anos.

**Procedimento.** Neste experimento foi adaptado o paradigma de Linville (1982, experimento 3) para induzir variações na complexidade do self dos participantes. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos pelas condições experimentais: nas condições Alta complexidade do self, realizaram cinco avaliações com base em seis atributos para cinco tipos de leite vegetal, e na condição Baixa complexidade do self utilizaram dois atributos para avaliar cinco tipos de leite vegetal.

Após a indução de complexidade, os participantes responderam à medida da complexidade da identidade social. Os itens que compõem a medida foram apresentados em ordem aleatória, e sem tempo limite de resposta.

Na fase seguinte, os participantes responderam à medida complexidade do self na descrição de alvos sociais. Foram exibidos 32 traços a serem usados pelos participantes para realizar agrupamentos, que lhes fizessem sentido, para descrever dois alvos: um português e um imigrante a residir legalmente em Portugal. Os agrupamentos foram realizados sequencialmente e a ordem de exibição dos alvos foi aleatória, assim como os 32 traços em cada agrupamento. Nesta tarefa não existiu indicação de número mínimo ou máximo de agrupamentos a realizar pelos participantes, que foram incentivados a realizar o número de agrupamentos percebido como necessário/suficiente para descrever cada um dos alvos, com a possibilidade de repetirem traços entre agrupamentos. Nesta tarefa não existiu tempo limite de resposta.

### ***Resultados***

Globalmente, os resultados apoiam a nossa hipótese de que indivíduos induzidos à alta complexidade do self terão uma elevada complexidade da identidade social, enquanto os

indivíduos induzidos à baixa complexidade do self terão uma baixa complexidade da identidade social.

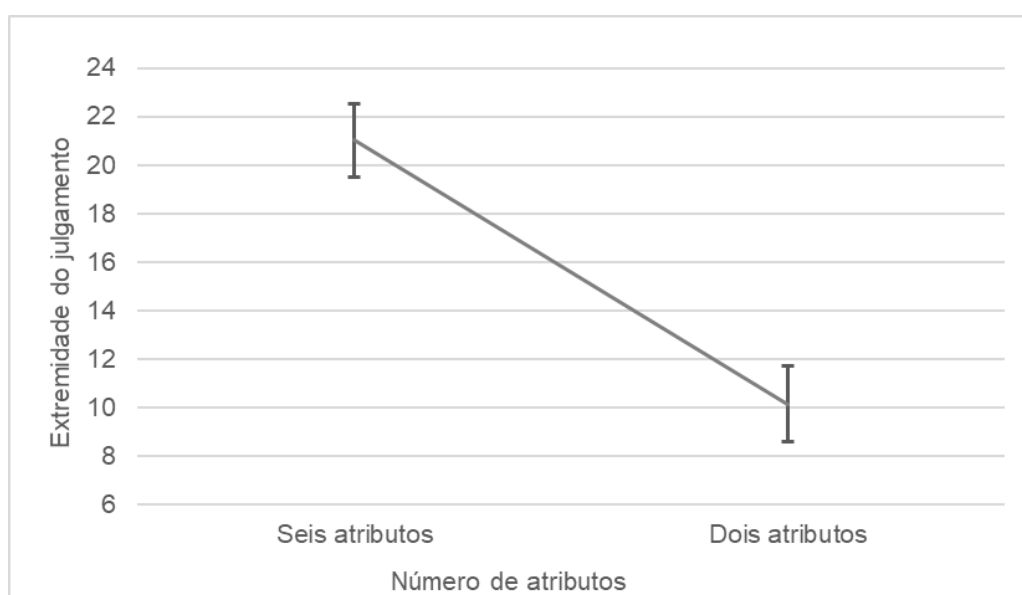
Todas as análises abaixo foram realizadas no software *Statistica* (versão10).

**Verificação da indução experimental da complexidade do self.** No sentido de verificar se os materiais utilizados nas condições experimentais induzem a variações na complexidade do self, foi computada uma análise de variância 2 Número de atributos (Seis vs. Dois) para analisar o efeito das condições experimentais na variável dependente extremidade do julgamento.

Os resultados indicam efeito principal do Número de atributos,  $F(1,286) = 95.91$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .251$ , na extremidade do julgamento (Figura 4). Deste modo, os participantes da condição Seis atributos são menos extremos e mais complexos nas avaliações realizadas ( $M = 21.01$ ,  $DP = 0.79$ ,  $n = 147$ ), enquanto os participantes da condição Dois atributos são mais extremos e cognitivamente menos complexos na avaliação dos estímulos ( $M = 10.12$ ,  $DP = .78$ ,  $n = 141$ ).

#### Figura 4

*Extremidade do julgamento após avaliação de seis ou dois atributos*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

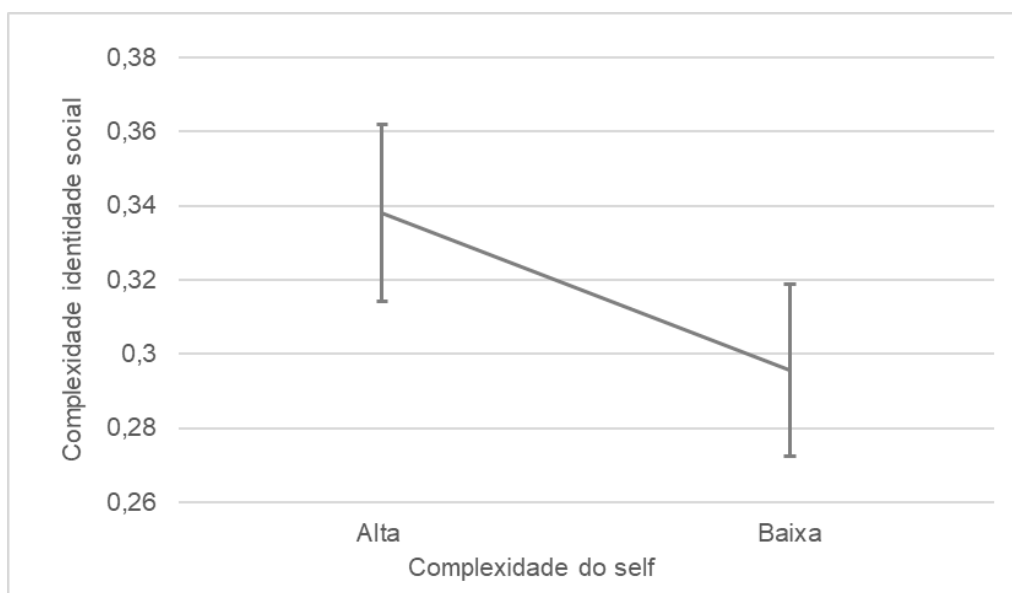
Com base nestes resultados, verifica-se que os participantes que usaram seis atributos para a avaliação foram induzidos à maior complexidade cognitiva, enquanto os participantes que usaram dois atributos foram induzidos à menor complexidade cognitiva. Nas análises seguintes, a condição Seis atributos passa a ser designada por Alta Complexidade do self, e a condição Dois atributos passa a ser designada por Baixa Complexidade do self.

**Complexidade da identidade social.** Com o objetivo de analisar o efeito Complexidade do self (CS) na Complexidade da Identidade Social (CIS), foi computada uma análise de variância 2 CS (Alta vs. Baixa).

Os resultados indicam a existência de efeito principal da CS,  $F(1,286) = 6.28$   $p < .05$ ,  $\eta^2 = .02$ , na CIS (Figura 5). Deste modo, os participantes da condição Alta CS evidenciam maior CIS ( $M = .34$ ,  $DP = .01$ ,  $n = 147$ ), enquanto os participantes da condição Baixa CS evidenciam menor CIS ( $M = .29$ ,  $DP = .01$ ,  $n = 141$ ).

### Figura 5

*Complexidade da identidade social após indução de alta ou baixa complexidade do self*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

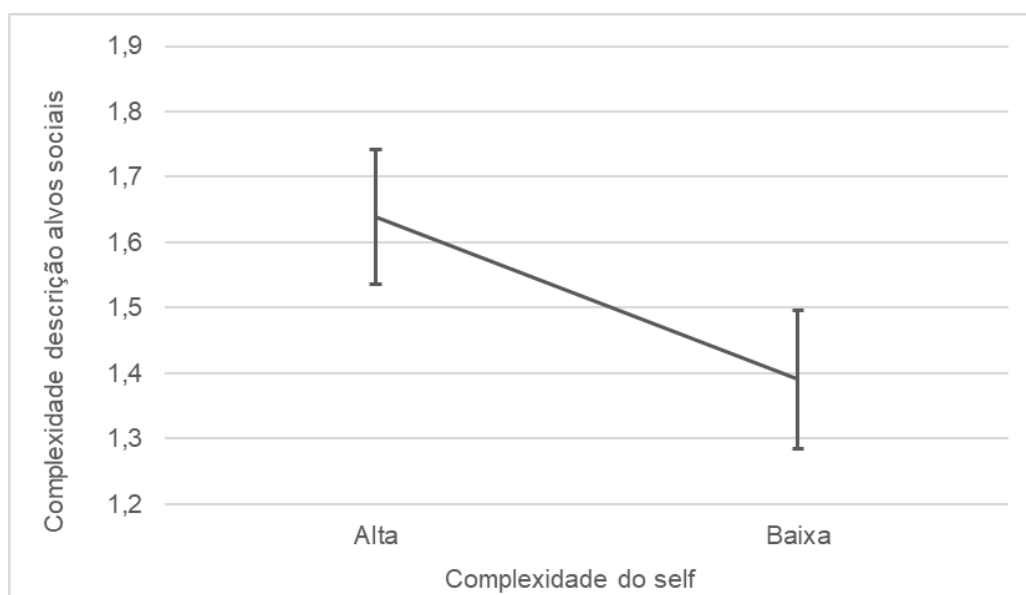
**Complexidade da descrição de alvos sociais.** No sentido de analisar o efeito da Complexidade do self (CS) na Complexidade da descrição de alvos sociais foi computada a

análise de variância 2 CS (Alta vs. Baixa) x 2 Tipo de alvo (português vs. imigrante legal a residir em Portugal), sendo o Tipo de alvo intraparticipantes.

Os resultados obtidos indicam a existência de efeito principal da CS,  $F(1,286) = 11.0$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .04$ , na Complexidade da descrição de alvos (Figura 6). Deste modo, participantes em Alta CS foram mais complexos nas descrições realizadas para os alvos sociais ( $M = 1.6$ ,  $DP = .05$ ,  $n = 147$ ), enquanto os participantes em Baixa CS foram menos complexos na descrição dos alvos sociais ( $M = 1.39$ ,  $DP = .05$ ,  $n = 141$ ).

### Figura 6

*Complexidade na descrição de alvos sociais após indução de alta ou baixa complexidade do self*

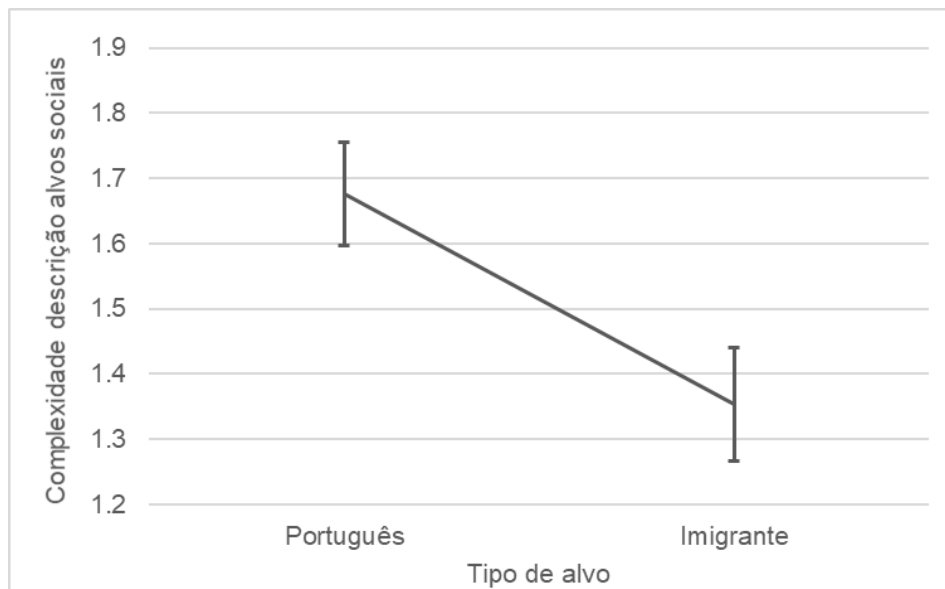


*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

A análise de variância indica a existência de diferenças significativas intraparticipantes no Tipo de alvo,  $F(1,286) = 69.48$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .2$ ,  $n = 288$  (Figura 7). Deste modo, os participantes foram mais complexos na descrição do Alvo português ( $M = 1.68$ ,  $DP = .04$ ,  $n = 288$ ) e menos complexos a descrever o alvo imigrante legal a residir em Portugal ( $M = 1.35$ ,  $DP = .05$ ,  $n = 288$ ).

### Figura 7

*Complexidade na descrição de alvos sociais para os alvos portugueses e imigrante legal a residir em Portugal*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados obtidos indicam a ausência de interação significativa entre a Complexidade do self e o Tipo de alvo.

### **Discussão**

O presente experimento teve como principal objetivo testar a relação de complementaridade entre a complexidade do self induzida experimentalmente e a complexidade da identidade social. Especificamente, previmos que participantes induzidos à alta complexidade do self teriam maior complexidade da identidade social, e, participantes induzidos à baixa complexidade do self teriam menor complexidade da identidade social.

Os resultados obtidos suportam a nossa hipótese. Como previsto, a indução experimental de complexidade do self utilizando seis atributos para avaliar o alvo não social resultou em avaliações mais moderadas e complexas, pois os participantes, ao usarem uma maior quantidade de aspetos/dimensões com baixa redundância entre si, geraram uma representação mais diferenciada, enquanto que a indução experimental da complexidade do

self utilizando dois atributos para avaliar o alvo não social resultou em avaliações mais extremadas e menos complexas, pois os participantes usaram uma menor quantidade de aspectos/dimensões com elevada redundância entre si e geraram uma representação mental generalizada, confirmando as diferenças significativas entre alta e baixa complexidade do self induzida e replicando os resultados de Linville (1982, experimento 3).

Os resultados sugerem que os participantes induzidos à Alta complexidade perceberam baixa convergência e sobreposição entre os membros de grupos sociais aos quais o participante nascido em Portugal e os membros de grupos externos (i.e., indivíduo nascido no Brasil, Cabo-Verde ou Roménia) pertencem, integrando esta diferenciação numa representação mental complexa e inclusiva do seu grupo interno, evidenciada pela elevada complexidade da identidade social indicada pelos resultados. Por outro lado, os participantes induzidos à Baixa complexidade perceberam elevada convergência e elevada sobreposição entre os membros de grupos sociais aos quais o participante nascido em Portugal e os membros de grupos externos (i.e., indivíduo nascido no Brasil, Cabo-Verde ou Roménia) pertencem, excluindo as diferenças numa representação mental simplificada e exclusiva do seu grupo interno, evidenciada pela baixa complexidade da identidade social, indicada pelos resultados. Ou seja, participantes em alta complexidade do self formaram uma representação mental mais complexa e que integra as semelhanças e diferenças, processando as informações sobre os alvos sociais como membros de grupos externos, ao contrário dos participantes em baixa complexidade do self, que excluíram as diferenças e apenas integraram as semelhanças.

Relativamente à complexidade usada na descrição de alvos sociais, esta foi testada experimentalmente como medida de verificação da indução de complexidade do self. Os resultados indicam que os participantes induzidos à Alta complexidade do self também foram mais complexos, diferenciados, a descrever alvos sociais, enquanto os participantes induzidos à Baixa complexidade do self foram significativamente menos complexos na descrição de

alvos sociais. Ou seja, em Alta complexidade do self induzida, os participantes utilizaram mais aspetos/características, com baixa redundância, para descrever os alvos sociais (i.e., português e imigrante legal a residir em Portugal), enquanto os participantes induzidos à baixa complexidade do self recorreram a menos aspetos/características, redundantes, para descrever os alvos sociais. Estes resultados também corroboram o efeito da indução de complexidade.

Em suma, os dados apoiam a nossa previsão de que, na ausência de requisitos do contexto, a complexidade do self induzida tem uma relação complementar com a complexidade da identidade social. Em termos de medidas, os participantes induzidos à alta complexidade do self formaram uma representação mental complexa para processar informação sobre os atributos do alvo, mensurada na complexidade da descrição do alvo, e uma representação mental simples sobre a prototipicidade percebida de membros do grupo, mensurada na complexidade da identidade social. Por sua vez, os participantes induzidos à Baixa complexidade do self formaram uma representação mental simples para processar informação sobre os atributos do alvo, mensurada na complexidade da descrição do alvo, e uma representação mental simples sobre a prototipicidade percebida de membros do grupo, mensurada na complexidade da identidade social.

## **Estudo II**

No estudo II foram testados os efeitos das exigências contextuais no ajustamento automático da complexidade do self e na complexidade da identidade social. Especificamente, testamos como o diferente número de atributos usado para avaliar os comportamentos de um alvo social orientam o indivíduo a diferentes percepções na saliência contextual.

O modelo complexidade-extremidade (Linville & Jones, 1980; Linville, 1982) demonstra que, embora a familiaridade individual com membros do grupo externo influencie

a complexidade da sua descrição, é possível induzir os indivíduos a variações na complexidade de integração de informação sobre o alvo social (Linville, 1982). Em alta complexidade, o observador percebe um alvo e pode percebê-lo como um indivíduo entre um agregado de indivíduos, ou como membro de um grupo (Wilder, 1981), sendo que a percepção do alvo social como indivíduo promove o processamento de informação com base nos atributos desse indivíduo, permitindo a integração de informação típica e atípica (Linville & Jones 1980, Linville, 1982), ou mesmo inesperada (Garcia-Marques & Mackie, 1999). Em baixa complexidade do self, o alvo social é percebido como membro do grupo, e o processamento de informação é orientado pelas informações que o observador adquiriu sobre o grupo/categoria social (Howard & Rothbart, 1980; Rothbart, Evans, & Fulero, 1979), sendo menos diferenciado (Linville & Jones 1980, Linville, 1982), e, em contexto intergrupais, são enviesadas as semelhanças e diferenças intergrupais (Wilder, 1981).

Considerando os resultados obtidos por Linville (1982; experimento 3), a nossa primeira hipótese é que o número de atributos que os indivíduos utilizam para avaliar um alvo social na tarefa de indução de complexidade cognitiva permite manipular a saliência contextual da complexidade do self. Prevemos que participantes que usam seis atributos para avaliar os comportamentos do alvo social perceberão maior saliência contextual da complexidade do self, traduzida na menor complexidade da identidade social e maior complexidade na descrição de tipos de alvos sociais. Por sua vez, os participantes que usam dois atributos para avaliar os comportamentos do alvo social perceberão menor saliência contextual da complexidade do self, traduzida na maior complexidade da identidade social e menor complexidade na descrição de tipos de alvos sociais. Ou seja, em alta complexidade cognitiva, o maior número de atributos usados aumenta a saliência contextual da complexidade do self, pelo que o percipiente gerará uma representação mental complexa para processar informação sobre os atributos do alvo, mensurada na complexidade da descrição do

alvo, e uma representação mental simples sobre a prototipicidade percebida de membros do grupo. Em baixa complexidade cognitiva, o menor número de atributos usados diminui a saliência contextual da complexidade do self, pelo que o percipiente gerará uma representação mental simples para processar informação sobre os atributos do alvo, mensurada na complexidade da descrição do alvo, e uma representação mental complexa sobre a prototipicidade percebida de membros do grupo.

Neste experimento, a indução de complexidade cognitiva ocorre pela avaliação de cinco comportamentos do João ou do Abdel, o que permitirá testar a nossa segunda hipótese, que concerne aos efeitos da familiaridade na fluência do processamento na complexidade das descrições de alvos sociais e na identidade social complexa. Os nomes das pessoas têm sido investigados em psicologia, pois são pistas sobre o alvo social. Por exemplo, nomes mais familiares recebem avaliações mais positivas que nomes menos familiares (Colman, Hargreaves, & Sluckin, 1981), e nomes com fortes atributos étnicos geralmente têm conotações negativas associadas (Mair, 1986). A relação entre nomes e enviesamento do julgamento é explicada pela fluência do processamento, que se refere à facilidade ou dificuldade com que o indivíduo processa informações, podendo resultar em avaliações enviesadas (Reber, Schwarz, & Winkielman, 2004). Whittlesea (1993), verificou que palavras julgadas como mais fluentes pelos participantes foram também percebidas como mais familiares, mais significativas, e mais agradáveis, do que palavras julgadas como menos fluentes, e Alter e Oppenheimer (2009) verificaram que a maior fluência ao processar informações promove a sensação de segurança e familiaridade, enquanto a baixa fluência promove a distância psicológica e a sensação de insegurança. Em termos de contexto intergrupar, os indivíduos tendem a experimentar maior afeto positivo e maior confiança em relação aos membros do grupo interno, comparativamente a membros do grupo externo

(Yuki, Maddux, Brewer, & Takemura, 2005), e a baixa fluência de processamento reduz a percepção de similaridade (Blok & Markman, 2005).

Considerando os efeitos da fluência no processamento de informação mais familiar e o contexto intergrupar, a nossa segunda hipótese testa o efeito da fluência em relação ao nome do alvo social nas adaptações cognitivas automáticas da complexidade da identidade social e da complexidade da descrição do alvo. Para tal, na tarefa da complexidade do self induzida, os participantes avaliaram um de dois alvos sociais: um alvo com um nome típico e que orienta para o grupo interno dos participantes (i.e., João), e outro alvo com um nome atípico e que orienta para um grupo externo dos participantes (i.e., Abdel). Prevemos que, independentemente do número de atributos usados durante a indução de complexidade, os participantes que avaliam o alvo com o nome João terão maior fluência de processamento, percebendo maior similaridade entre si e o nome do alvo, o que se irá refletir numa maior complexidade na descrição de alvos sociais e menor identidade social complexa. Por sua vez, os participantes que avaliam o alvo com o nome Abdel terão menor fluência de processamento, percebendo menor similaridade entre si e o nome do alvo, resultando numa menor complexidade na descrição de alvos sociais e maior identidade social complexa.

### ***Método***

**Materiais e Medidas.** *Complexidade do self* – Os materiais e medidas foram adaptados do Estudo I, após pré-teste (Anexo D), passando a complexidade do self induzida a ocorrer com base na avaliação de alvos sociais. Os alvos sociais foram avaliados com base em combinações de atributos (i.e., atencioso, ambicioso, divertido, tímido, assertivo, amigável). Nas condições alta complexidade do self foram criadas 36 combinações com 6 atributos, nas condições baixa complexidade do self foram geradas 24 combinações com 2 atributos. Nas duas condições apenas foi apresentada uma combinação por participante. Com base na combinação de atributos apresentada, os participantes avaliaram cinco

comportamentos do alvo social (i.e., O [Alvo] venceu um campeonato de xadrez; O [Alvo] jogou bowling com os amigos; O [Alvo] participou numa discussão sobre diferenças de género; O [Alvo] evitou discutir política com os vizinhos; O [Alvo] organizou uma festa familiar), utilizando uma escala de 12.7 pontos (0 - avaliação Desfavorável do comportamento; 12.7 indica a avaliação Favorável do comportamento do alvo). Os comportamentos foram apresentados em ordem aleatória, e os participantes dispunham de 40 segundos para indicar a avaliação de cada comportamento.

A medida resultante da indução de complexidade do self é a extremidade do julgamento, sendo o respetivo cálculo idêntico ao descrito no Estudo I da presente investigação.

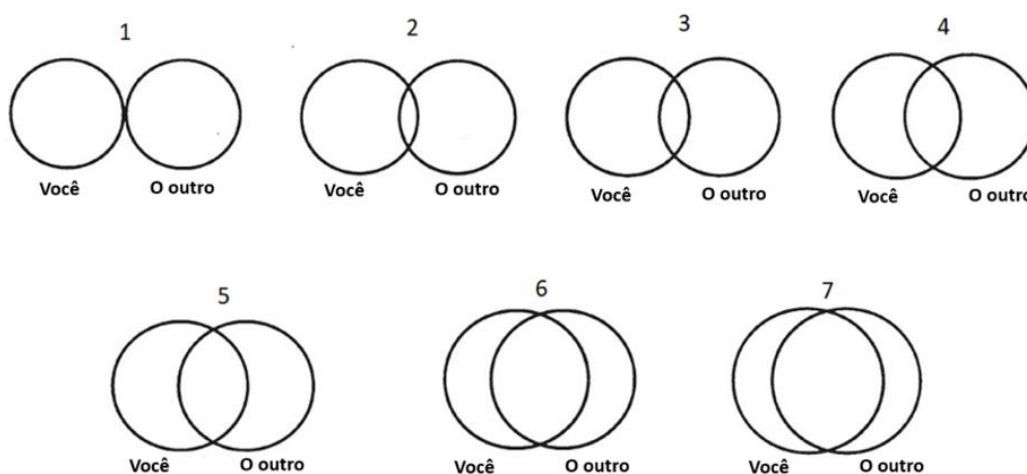
*Complexidade da identidade social* – Medida idêntica à descrita, calculada e utilizada no Estudo I da presente investigação.

*Complexidade do self na descrição de alvos sociais* – Medida idêntica à descrita, calculada e utilizada no Estudo I da presente investigação.

*Inclusão do outro no self* – Adaptação da medida de Tropp e Wright (2001), onde é solicitada a indicação da melhor representação das características que o participante considera partilhar com um alvo social, sendo as respostas dadas através do diagrama (figura 8). Nesta escala, a representação número 1 indica o mínimo e o número 7 indica o máximo de partilha de características com o alvo social. Os participantes indicaram a sua perceção de partilha de características com dois tipos de alvos sociais (i.e., português nascido em Lisboa; filho de imigrante nascido em Lisboa).

## Figura 8

*Escala de resposta utilizada pelos participantes para indicar a inclusão do outro no seu self*



*Nota.* Adaptado de Tropp, L. R., & Wright, S. C. (2001). Ingroup Identification as the Inclusion of Ingroup in the Self. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(5), 585–600. <https://doi.org/10.1177/0146167201275007>. Copyright 2001 Society for Personality and Social Psychology, Inc.

A abordagem da complexidade da identidade social indica que indivíduos com maior complexidade têm maior inclusão do grupo externo na sua representação mental (Pierce & Brewer, 2005), no seu self. Considerando que este experimento, e os seguintes, integram designs mais complexos que o do Estudo I, foi adaptada a medida de Tropp e Wright (2001) como medida de controlo direta de inclusão do outro no self nos restantes experimentos da presente investigação.

As instruções experimentais (Anexo E) e materiais gerados foram inseridos na plataforma Qualtrics.

**Participantes.** O estudo foi realizado por oitenta e seis participantes, entre os 18 e os 30 anos, de ambos os géneros (56 mulheres e 30 homens), da Área Metropolitana de Lisboa receberam, que receberam um voucher pela sua participação.

**Procedimento.** Neste experimento foi adaptado o paradigma de Linville (1982, experimento 3) para induzir variações na complexidade do self dos participantes. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos pelas quatro condições experimentais: nas condições Alta complexidade do self (CS) os participantes realizaram cinco avaliações com base em seis atributos para o alvo João ou para o alvo Abdel, e nas condições Baixa CS os participantes efetuaram cinco avaliações com base em dois atributos para o alvo João ou para o alvo Abdel.

Em seguida, os participantes responderam à medida da Complexidade da Identidade Social (CIS). Os itens que compõem a medida foram apresentados em ordem aleatória, e sem tempo limite de resposta.

Na fase seguinte, foram exibidos 32 traços a serem usados pelos participantes para realizar agrupamentos, que lhes fizessem sentido, para descrever dois alvos: um português e um imigrante a residir legalmente em Portugal. Os agrupamentos foram realizados sequencialmente e a ordem de exibição dos alvos foi aleatória, assim como os 32 traços em cada agrupamento. Nesta tarefa não existiu indicação de número mínimo ou máximo de agrupamentos a realizar pelos participantes, que foram incentivados a realizar o número de agrupamentos percebido como necessário/suficiente para descrever cada um dos alvos, com a possibilidade de repetirem traços entre agrupamentos. Nesta tarefa não existiu tempo limite de resposta.

Em seguida, os participantes responderam à medida de inclusão do outro no self.

### ***Resultados***

Globalmente, os resultados apoiam a primeira hipótese, de que participantes que usam seis atributos para avaliar os comportamentos do alvo social percebem maior saliência contextual da complexidade do self, traduzida na menor complexidade da identidade social, e maior complexidade na descrição de tipos de alvos sociais. Por sua vez, os participantes que

usam dois atributos para avaliar os comportamentos do alvo social percebem maior saliência contextual da complexidade da identidade social, traduzida na maior complexidade da identidade social e menor complexidade na descrição de tipos de alvos sociais.

Os resultados não apoiam globalmente a segunda hipótese, de que, independentemente do número de atributos usados durante a indução de complexidade, os participantes que avaliam o alvo com o nome João terão maior fluência de processamento, percebendo maior similaridade entre si e o nome do alvo, o que se irá refletir numa maior complexidade na descrição de alvos sociais e menor identidade social complexa, enquanto os participantes que avaliam o alvo com o nome Abdel terão menor fluência de processamento, percebendo menor similaridade entre si e o nome do alvo, resultando numa menor complexidade na descrição de alvos sociais e maior identidade social complexa.

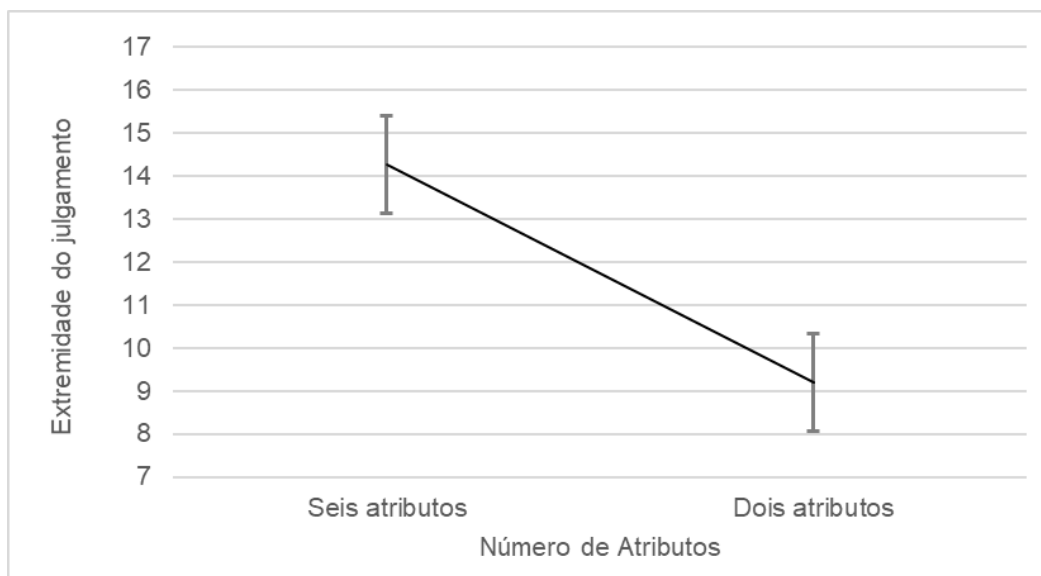
Todas as análises abaixo foram realizadas no software *Statistica* (versão 10).

**Verificação da indução experimental da complexidade do self.** No sentido de verificar se as condições experimentais induzem a variações na complexidade do self, foi computada uma análise de variância 2 Número de atributos (Seis vs. Dois) x 2 Nome do Alvo (Abdel vs. João), para analisar o efeito das variáveis independentes na variável dependente extremidade do julgamento.

Os resultados indicam efeito principal do Número de Atributos,  $F(1,82) = 38.96$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .32$ ,  $n = 86$ , na extremidade do julgamento (Figura 9).

### Figura 9

*Extremidade do julgamento após avaliação de seis ou dois atributos*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os dados indicam que os participantes que realizaram avaliações usando Seis Atributos são menos extremos e mais complexos nas avaliações realizadas ( $M = 14.27$ ,  $DP = .57$ ,  $n = 43$ ), enquanto os participantes que realizaram as avaliações usando Dois Atributos são mais extremos e cognitivamente menos complexos na avaliação dos estímulos ( $M = 9.20$ ,  $DP = .57$ ,  $n = 43$ )

As análises indicam a ausência de efeito principal do Nome do Alvo, assim como a ausência de interação significativa entre as variáveis Número de Atributos e Nome do Alvo.

Com base nestes resultados, verifica-se que os participantes que usaram seis atributos para a avaliação do alvo social foram induzidos à maior complexidade cognitiva, enquanto os participantes que usaram dois atributos foram induzidos à menor complexidade cognitiva.

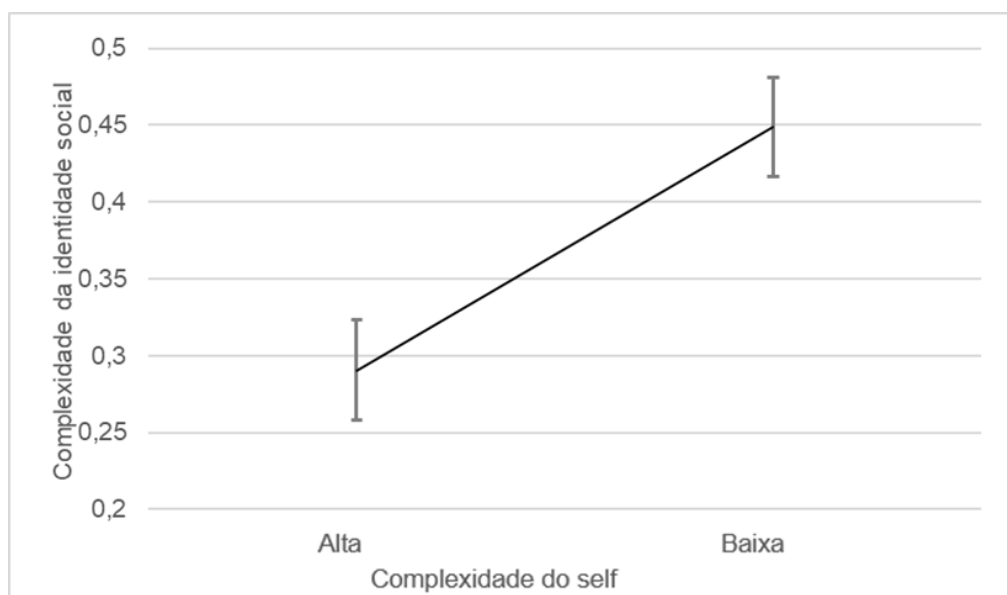
Nas análises seguintes, a condição Seis atributos passa a ser designada por Alta Complexidade do self, e a condição Dois atributos passa a ser designada por Baixa Complexidade do self.

**Complexidade da identidade social.** Para analisar o efeito da Complexidade do self (CS) e do Nome do Alvo na Complexidade da Identidade Social (CIS), foi computada uma análise de variância 2 CS (Alta vs. Baixa) x 2 Nome do Alvo (Abdel vs. João).

Os resultados indicam a existência de efeito principal da CS,  $F(1,82) = 47.15$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .36$ ,  $n = 86$ , na CIS (Figura 10). Deste modo, participantes em Alta CS evidenciam menor CIS ( $M = .29$ ,  $DP = .02$ ,  $n = 43$ ), enquanto os participantes em Baixa CS evidenciam maior CIS ( $M = .45$ ,  $DP = .02$ ,  $n = 43$ ).

### Figura 10

*Complexidade da identidade social nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados obtidos indicam a ausência de efeito principal do Nome do Alvo na Complexidade da identidade social, verificando-se também ausência de interação significativa entre a Complexidade do self e o Nome do Alvo.

**Complexidade da descrição de alvos sociais.** Para avaliar o efeito do Tipo de Alvo na Complexidade da descrição de alvos sociais, a primeira análise de variância computada foi 2 Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante legal a residir em Portugal). Os resultados indicam a ausência de diferenças significativas entre a complexidade da descrição do Português e do

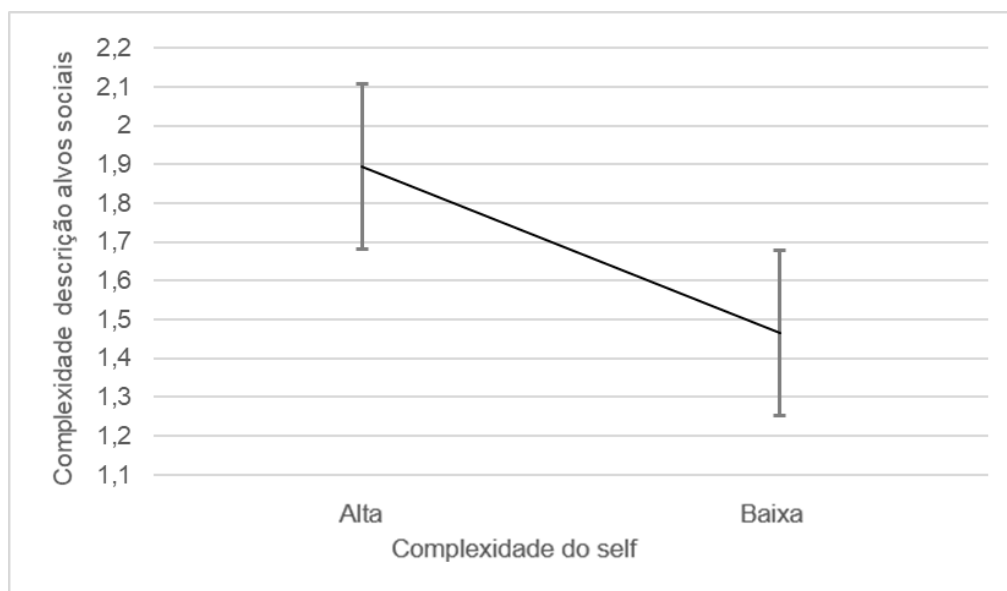
Imigrante legal a residir em Portugal. Deste modo, a variável Tipo de Alvo foi agregada, não sendo considerada nas análises subsequentes.

No sentido de analisar o efeito das variáveis independentes Complexidade do Self e Nome do Alvo na Complexidade da descrição de alvos sociais, foi computada a análise de variância: 2 Complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x 2 Nome do Alvo (João vs. Abdel).

Os resultados indicam a existência de efeito principal da CS,  $F(1,82) = 7.98$   $p < .05$ ,  $\eta^2 = .09$ ,  $n = 86$ , na complexidade da descrição dos alvos (Figura 11). Deste modo, os participantes em Alta CS evidenciam maior complexidade na descrição de alvos sociais ( $M = 1.89$ ,  $DP = .11$ ,  $n = 43$ ), enquanto os participantes em Baixa CS evidenciam menor complexidade na descrição de alvos sociais ( $M = 1.46$ ,  $DP = .11$ ,  $n = 43$ ).

### Figura 11

*Complexidade da descrição de alvos sociais nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados indicam a ausência de efeito principal do Nome do Alvo (João vs. Abdel) na complexidade da descrição dos alvos sociais.

Verificou-se também ausência de interação significativa entre a Complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) e o Nome do Alvo (João vs. Abdel), na complexidade da descrição dos alvos.

**Inclusão do outro no self.** Para verificar os efeitos da Complexidade do Self, do Nome do Alvo e do Tipo de Alvo na variável dependente Inclusão do outro no self, foi computada a análise de variância 2 Complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x 2 Nome do Alvo (João vs. Abdel) x 2 Tipo de Alvo (Português nascido em Lisboa vs. Filho de imigrante nascido em Lisboa).

Os resultados indicam a ausência de diferenças significativas entre a inclusão do outro no Self para o Tipo de alvo (Português nascido em Lisboa vs. Filho de Imigrante Nascido em Lisboa), pelo que esta variável foi agregada, não sendo considerada nas análises subsequentes.

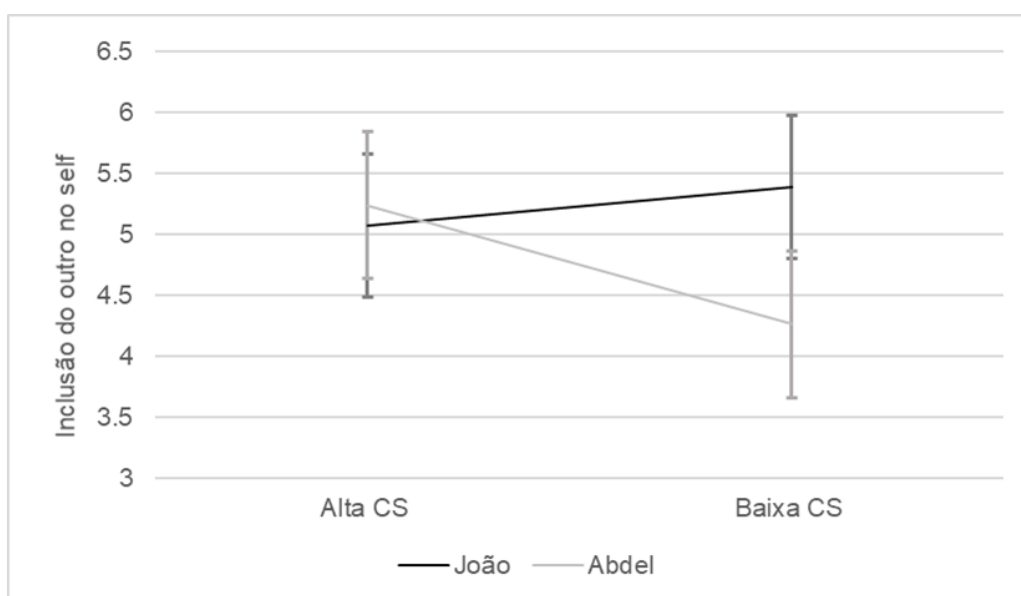
Os resultados indicam a existência de efeito principal da Complexidade do Self (CS),  $F(1,82) = 12.45$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .13$ ,  $n = 86$ , na inclusão do outro no self dos participantes. Deste modo, os participantes em Alta Complexidade do self evidenciam maior inclusão do outro no seu self ( $M = 4.51$ ,  $DP = .14$ ,  $n = 43$ ), enquanto os participantes em Baixa Complexidade do self evidenciam menor inclusão do outro no seu self ( $M = 3.80$ ,  $DP = .14$ ,  $n = 43$ ).

Verificou-se também efeito principal do Nome do alvo,  $F(1,82) = 14.21$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .15$ ,  $n = 86$ , na inclusão do outro no self dos participantes. Deste modo, os participantes que na indução de complexidade avaliaram o Alvo com o nome João evidenciam maior inclusão do outro no self ( $M = 4.53$ ,  $DP = .14$ ,  $n = 43$ ), enquanto os participantes que na indução experimental de complexidade do julgamento avaliaram o Alvo com o nome Abdel evidenciam menor inclusão do outro no seu self ( $M = 3.77$ ,  $DP = .14$ ,  $n = 43$ ).

Os resultados indicam a existência de interação significativa entre a CS e o Nome do Alvo,  $F(1,82) = 4.67$   $p < .05$ ,  $\eta^2 = .06$ ,  $n = 86$ , na inclusão do outro no self (Figura 12). Esta interação é explorada em seguida na análise de contrastes.

### Figura 12

*Inclusão do outro no self nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self, para o Alvo João ou Abdel*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

**Análise de contrastes.** A análise Complexidade do Self (CS) (Alta vs. Baixa) x Nome do Alvo (João) evidencia a ausência de diferenças significativas na inclusão do outro no self dos participantes para o alvo João.

A análise CS (Alta vs. Baixa) x Nome do Alvo (Abdel), evidencia a existência de diferenças significativas,  $t(1,40) = 24.34$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .38$ ,  $n = 42$  para o alvo Abdel. Deste modo, os participantes em Alta CS e que avaliaram o alvo Abdel realizaram maior inclusão do outro no seu self ( $M = 4.43$ ,  $DP = .19$ ,  $n = 21$ ), comparativamente aos participantes em Baixa CS, que realizaram menor inclusão do outro no seu self ( $M = 3.12$ ,  $DP = .19$ ,  $n = 21$ ).

A análise CS (Alta) x Nome do Alvo (João vs. Abdel) evidencia a ausência de diferenças significativas na inclusão do outro no self dos participantes na condição em que é induzida a Alta Complexidade do self.

A análise CS (Baixa) x Nome do Alvo (João vs. Abdel), evidencia a existência de diferenças significativas,  $t(1,40) = 18.18, p < .001, \eta^2 = .31, n = 43$  para a Baixa CS. Desde modo, os participantes em Baixa Complexidade do self e que avaliaram o alvo João realizaram maior inclusão do outro no seu self ( $M = 4.48, DP = .22, n = 22$ ), comparativamente aos participantes que avaliaram o Alvo Abdel, que realizaram menor inclusão do outro no seu self ( $M = 3.12, DP = .23, n = 21$ ).

### *Discussão*

O presente experimento teve como objetivo testar o efeito do diferente número de atributos utilizados pelos participantes na tarefa de indução de complexidade. Especificamente, previmos que participantes que usam seis atributos para avaliar os comportamentos do alvo social percebem maior saliência contextual da complexidade do self, traduzida na maior complexidade na descrição de tipos de alvos sociais, enquanto os participantes que usam dois atributos para avaliar os comportamentos do alvo social percebem menor saliência contextual da complexidade do self, refletida na menor complexidade na descrição de tipos de alvos sociais.

Os resultados obtidos apoiam a primeira hipótese. Como previsto, os participantes em alta complexidade do self são mais complexos a descrever alvos sociais (i.e., português vs. imigrantes legal a residir em Portugal) comparativamente a participantes em baixa complexidade do self que se mostraram menos complexos a descrever alvos sociais. Ou seja, os participantes induzidos experimentalmente à Alta complexidade, ao perceberem maior saliência contextual da complexidade do self pelo maior número de atributos usados na tarefa de indução da complexidade, em função dessa exigência contextual, adaptaram-se

cognitivamente, gerando uma representação mental complexa com mais atributos, e menor redundância entre estes, refletida na Complexidade da descrição de alvos sociais. Pelo contrário, os participantes induzidos à Baixa complexidade, ao perceberam menor saliência contextual da complexidade do self, devido ao menor número de atributos usados na tarefa de indução da complexidade, e em função dessa exigência contextual adaptaram-se cognitivamente utilizando uma representação mental simples com menos atributos, e maior redundância entre estes, refletida na tarefa de descrição de alvos sociais.

Os resultados dão suporte à premissa de que a indução de complexidade do self, utilizando alvos sociais, resulta em variações na Complexidade da identidade social. No entanto, e ao contrário do que se verificou no Estudo I, no qual os participantes em alta complexidade do self evidenciaram maior complexidade da identidade social e vice-versa, no presente estudo, os participantes em alta complexidade do self evidenciaram menor complexidade da identidade social e os participantes em baixa complexidade do self evidenciaram maior complexidade da identidade social, o que será desenvolvido no capítulo de análise das limitações e estudos futuros. Estes resultados revelaram também que, embora fossem utilizados alvos sociais, o Nome do alvo (João vs. Abdel) não teve efeito na Complexidade da identidade social dos participantes. Ao contrário do que se esperava, não se verificou um efeito da fluência decorrente do nome do alvo na representação mental que os participantes fazem dos grupos.

Relativamente à complexidade da descrição dos alvos, independentemente de terem avaliado o alvo com nome João ou Abdel, os participantes em alta complexidade foram significativamente mais complexos a descrever alvos sociais, enquanto os participantes em baixa complexidade foram menos complexos a descrever alvos sociais. Ou seja, os participantes em Alta complexidade do self perceberam maior saliência contextual da complexidade, pelo maior número de atributos usados na tarefa de indução da

complexidade e, em função dessa exigência contextual, adaptaram-se cognitivamente, gerando uma representação mental complexa sobre os atributos de membros de grupos, como indicado pelos dados na medida da complexidade da descrição de alvos sociais. Pelo contrário, os participantes em Baixa complexidade do self perceberam menor saliência contextual da complexidade, devido ao menor número de atributos usados na tarefa de indução experimental e, em função dessa exigência contextual, adaptaram-se cognitivamente, gerando uma representação mental simples sobre os atributos de membros de grupos, como indicado pelos dados na medida da complexidade da descrição de alvos sociais.

Os resultados na medida de controlo inclusão do outro no self demonstram que a inclusão do outro no self não diferiu para o Nome do alvo (João ou Abdel) na condição de Alta complexidade do self, mas na condição de Baixa complexidade do self a inclusão do outro no self foi mais alta para João do que para Abdel.

Em suma, a primeira hipótese foi apoiada pelos resultados, evidenciando que a cognição é adaptativa e dependente de contexto, pelo que a saliência contextual percebida do tipo de informação a processar sobre alvos sociais se traduz em adaptações automáticas na complexidade da representação mental que, em alta complexidade induzida, é evidenciada na complexidade dos atributos usados, e a sua baixa redundância, para descrever membros dos grupos, enquanto, para baixa complexidade cognitiva, é evidenciada na complexidade da representação mental dos alvos sociais refletida no número atributos usados e a sua elevada redundância para descrever estes alvos.

Quanto à segunda hipótese, os resultados globalmente não a apoiam. Hipotetizamos que, independentemente do número de atributos usados durante a indução de complexidade, os participantes que avaliam o alvo com o nome João teriam maior fluência de processamento, percebendo maior saliência contextual da complexidade do self, resultando em maior complexidade na descrição de alvos sociais e menor complexidade da identidade

social, e que, por sua vez, os participantes que avaliam o alvo com o nome Abdel teriam menor fluência de processamento, percebendo menor saliência contextual da complexidade do self, resultando em menor complexidade na descrição de alvos sociais e maior complexidade da identidade social.

Ao contrário do esperado, os resultados evidenciam a ausência de efeito principal do nome do alvo, assim como a ausência de interação significativa entre a complexidade do self induzida e o nome do alvo na complexidade da identidade social.

Relativamente ao efeito do nome do alvo (João vs. Abdel) na complexidade da descrição de alvos sociais, os resultados não apoiam a nossa previsão, não se verificando diferença significativa em função do nome do alvo.

A falta de suporte dos resultados à nossa segunda hipótese não se parece dever à relação entre a fluência do processamento e o afeto positivo. Uma vez que na tarefa de indução de complexidade do self não existe interação significativa entre a complexidade induzida e o nome do alvo, se tivesse existido efeito do afeto positivo, quer em alta, quer em baixa complexidade do self, as avaliações para o alvo com o nome Abdel seriam significativamente mais baixas que as avaliações para o alvo com o nome João.

Provavelmente a ausência de apoio dos dados é originada por variáveis estranhas devido ao estudo não ter sido realizado em laboratório, o que será desenvolvido na secção Limitações e estudos futuros.

### **Estudo III**

Nos experimentos anteriores testamos os efeitos de saliências contextuais na adaptação automática em função do contexto da complexidade do self e da complexidade da identidade social. Neste estudo, testamos a satisfação das motivações individuais nas adaptações cognitivas. Brewer (1991; 1993) desenvolveu a teoria da distintividade ótima, cujas evidências demonstram que a identidade otimamente distinta é influenciada pelas

motivações individuais. A teoria da distintividade ótima explica e prevê como o indivíduo gere a tensão entre os objetivos e motivações pessoais e os objetivos e motivações coletivas (Brewer, 1991, 1993).

Segundo a teoria da distintividade ótima, os indivíduos buscam uma identidade social otimamente distinta, ou seja, procuram a pertença a grupos que satisfaçam a sua necessidade de inclusão intragrupal e a diferenciação intergrupo, mantendo a sua distintividade individual (Brewer, 1991, 1993). A teoria assenta em quatro princípios: a) a identificação social será mais forte para grupos ou categorias sociais com o nível de inclusão que resolve o conflito entre as necessidades opostas de assimilação e diferenciação; 2) a distinção ideal é independente das implicações avaliativas de associação ao grupo, sendo que os indivíduos preferem identidades positivas a negativas; 3) a distinção de uma determinada identidade social é específica ao contexto, dependendo do quadro de referência dentro do qual as identidades sociais possíveis estão definidas num determinado momento, sendo variáveis em função do contexto; 4) o nível de distinção ou inclusão da categoria social é uma função de força relativa dos impulsos de assimilação e diferenciação e, para qualquer indivíduo, a força relativa dos dois impulsos é determinada por normas sociais, experiências recentes e pela socialização individual (Brewer, 1991, 1993). Assim, os indivíduos preferem grupos que atendam à necessidade de inclusão dentro do grupo interno e à necessidade de diferenciação intergrupala, num equilíbrio que se traduz numa identidade social otimamente distinta (Brewer, 1991, 1993; Leonardelli & Brewer 2001), o que permite compreender a elevada identificação em grupos minoritários. Os membros de grupos minoritários, em termos de tamanho relativo, alcançam a identidade social otimamente distinta porque o tamanho do grupo permite a satisfação da necessidade de assimilação e diferenciação, enquanto um grupo maioritário responde à necessidade de assimilação, mas impede a satisfação da diferenciação (Brewer & Pickett, 1999), por outras palavras, grupos de menores dimensões possuem níveis

mais elevados de identidade social otimamente distinta, ao contrário de grupos majoritários. Para além de os membros de grupos menores apresentarem níveis mais elevados de identificação com o grupo, em termos de saliência contextual o próprio contexto intergrupual, *nós vs. eles*, favorece o viés pelo grupo interno (Brewer, 1979). Numa investigação sistemática sobre a distintividade ótica e o favoritismo pelo grupo interno, Leonardelli e Brewer (2001) verificaram que membros de grupos mais pequenos exibem maior discriminação em relação ao grupo externo, enquanto membros de grupos maiores exibem menor discriminação em relação ao grupo externo.

Considerando as evidências sobre a distintividade ótica, e os dados do Estudo II da presente investigação, onde se verificou que na indução à Alta complexidade do self os participantes utilizam uma representação mental mais complexa quanto aos atributos dos membros das categorias (i.e., maior complexidade na descrição de alvos sociais e menor complexidade da identidade social), enquanto que na indução à Baixa complexidade do self utilizam uma representação mental mais simples quanto aos atributos dos membros das categorias (i.e., menor complexidade na descrição de alvos sociais e maior complexidade da identidade social), o objetivo deste estudo consiste em testar os efeitos do tamanho do grupo relativo nas adaptações automáticas da complexidade da descrição de alvos sociais e na complexidade da identidade social.

Hipotetizamos que, em indivíduos induzidos à Alta complexidade do self, e em grupo pequeno, evidenciarão maior complexidade da identidade social, enquanto indivíduos induzidos à Baixa complexidade do self, e em grupo grande, evidenciarão menor complexidade da identidade social complexa, bem como que o tamanho do grupo não originará variações na complexidade da descrição de alvos sociais. Por sua vez, indivíduos induzidos à Baixa complexidade do self, e em grupo pequeno, evidenciarão menor complexidade da descrição de alvos sociais, enquanto indivíduos induzidos à Alta complexidade do self, e em grupo

grande, evidenciarão maior complexidade da descrição de alvos sociais, sendo que o tamanho do grupo não originará variações na complexidade da identidade social complexa.

### **Método**

**Materiais e medidas.** *Indução da complexidade do self* – Medida idêntica à descrita, aplicada e calculada no Estudo II da presente investigação, sendo que a única diferença consiste na não apresentação do Alvo Abdel aos participantes deste estudo, por erro na sua programação.

*Complexidade da identidade social* – Medida idêntica à descrita, aplicada e calculada no Estudo II da presente investigação.

*Complexidade cognitiva na descrição de alvos sociais* – Medida idêntica à descrita e calculada nos anteriores estudos da presente investigação.

*Escala assimilação* – Cinco itens criados com base nas dimensões de Judd e Park (1990): *Eu e os membros do meu grupo possuímos capacidades académicas semelhantes; Eu e os membros do meu grupo possuímos personalidades semelhantes; Eu e os membros do meu grupo temos uma vida social semelhante; De forma geral eu e o meu grupo somos muitos semelhantes; De forma geral eu e os membros do meu grupo somos muito diferentes do outro grupo.* As respostas foram indicadas numa escala de sete pontos (1 – Discordo totalmente, 7 – Concordo totalmente).

*Escala diferenciação* – Cinco itens criados com base nas dimensões de Judd e Park (1990): *Eu tenho mais capacidades académicas do que o os membros do outro grupo; Eu tenho uma personalidade mais agradável do que os membros do outro grupo; Eu tenho uma melhor vida social do que os membros do outro grupo; De forma geral eu e o meu grupo possuímos mais aspetos positivos do que o outro grupo; De forma geral eu e o meu grupo somos muito diferentes do outro grupo.* Os itens foram concebidos com base na comparação

intergruppal, visando mensurar a motivação de diferenciação individual. As respostas foram indicadas numa escala de sete pontos (1 – Discordo totalmente, 7 – Concordo totalmente).

*Inclusão do outro no self* – Medida idêntica à descrita, calculada e utilizada com o mesmo objetivo dos anteriores estudos da presente investigação.

As instruções experimentais e o consentimento informado pós engano experimental (Anexo H), e materiais gerados foram inseridos na plataforma Qualtrics.

**Participantes.** O experimento foi realizado por sessenta e um participantes, entre os 18 e os 30 anos de ambos os géneros (40 mulheres e 21 homens), da Área Metropolitana de Lisboa e de nacionalidade portuguesa.

**Procedimento.** Neste experimento foi adaptado o paradigma de Linville (1982, experimento 3) para induzir variações na complexidade do self dos participantes. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos pelas condições experimentais: nas condições Alta complexidade do self (CS) os participantes realizaram cinco avaliações com base em seis atributos para o alvo João, e nas condições Baixa CS os participantes efetuaram cinco avaliações com base em dois atributos para o alvo João.

Foram exibidos três pares de imagens contendo figuras geométricas, durante 15 segundos, em ordem aleatória. Em seguida, foi pedido que os participantes estimassem o número de figuras geométricas que observaram, por exemplo, quantos triângulos da cor [branco ou azul] existiam na imagem. Vinte segundos depois de realizadas todas as estimativas, foram informados de que pertenciam ao grupo dos subestimadores (i.e., grupo pequeno) ou superestimadores (i.e., grupo grande; Brewer, 1991, 1993). Em seguida, os participantes responderam às medidas de assimilação e diferenciação.

Os participantes responderam, então, à medida da Complexidade da Identidade Social (CIS). Os itens que compõem a medida foram apresentados em ordem aleatória, e sem tempo limite de resposta.

Na fase seguinte, foram exibidos 32 traços a serem usados pelos participantes para realizar agrupamentos, que lhes fizessem sentido, para descrever dois alvos: um português e um imigrante a residir legalmente em Portugal. Os agrupamentos foram realizados sequencialmente e a ordem de exibição dos alvos foi aleatória, assim como os 32 traços em cada agrupamento. Nesta tarefa não existiu indicação de número mínimo ou máximo de agrupamentos a realizar pelos participantes, que foram incentivados a realizar o número de agrupamentos percebido como necessário/suficiente para descrever cada um dos alvos, com a possibilidade de repetirem traços entre agrupamentos. Nesta tarefa não existiu tempo limite de resposta.

Em seguida, os participantes responderam à medida de inclusão do outro no self.

### **Resultados**

Globalmente, os resultados apoiam a hipótese de que em Alta complexidade do self induzida e em grupo pequeno aumenta a complexidade da identidade social, enquanto em Alta complexidade do self induzida e em grupo grande diminui complexidade da identidade social complexa, e de que o tamanho do grupo não originará variações na complexidade da descrição de alvos sociais. A hipótese considera ainda que em Baixa complexidade do self e grupo pequeno diminui a complexidade da descrição de alvos sociais, e em Baixa complexidade do self induzida e grupo grande aumenta a complexidade da descrição de alvos sociais, e que o tamanho do grupo não originará variações na complexidade da identidade social complexa.

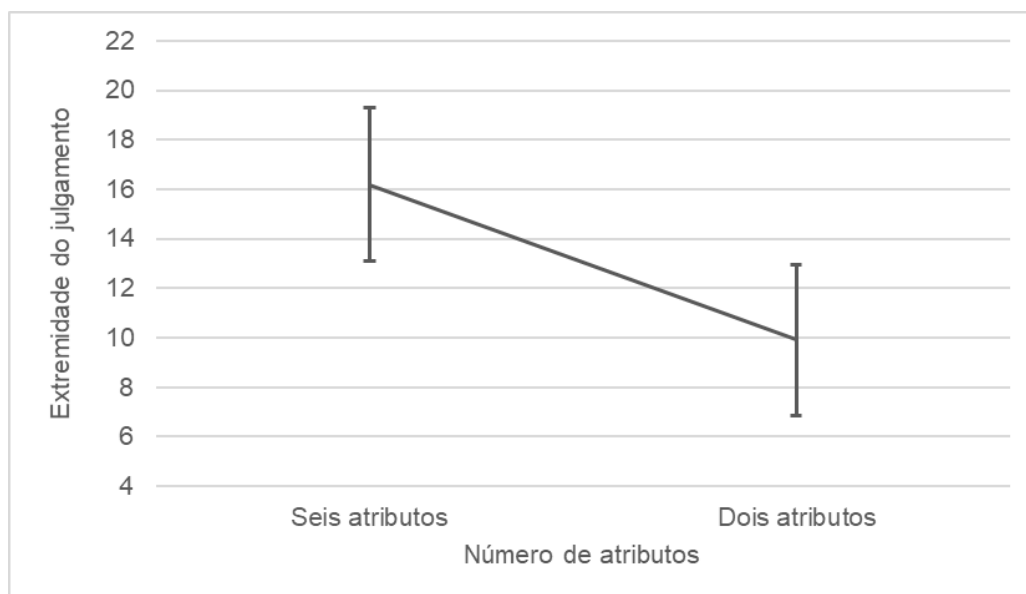
Todas as análises abaixo foram realizadas no software *Statistica* (versão10).

**Verificação da indução experimental da complexidade do self.** No sentido de verificar se as condições experimentais induzem a variações na complexidade do self, foi computada uma análise de 2 Número de atributos (Seis vs. Dois) para analisar o efeito das condições experimentais na variável dependente extremidade do julgamento.

Os resultados indicam efeito principal do Número de Atributos,  $F(1,59) = 8.31$ ,  $p < .05$ ,  $\eta p^2 = .12$ ,  $n = 61$ , na extremidade do julgamento (Figura 13).

### Figura 13

*Extremidade do julgamento após avaliação de seis ou dois atributos*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os dados indicam que os participantes que realizaram avaliações usando Seis Atributos são menos extremos e mais complexos nas avaliações realizadas ( $M = 16.19$ ,  $DP = 1.55$ ,  $n = 30$ ), enquanto os participantes que realizaram as avaliações usando Dois Atributos são mais extremos e cognitivamente menos complexos na avaliação dos estímulos ( $M = 9.92$ ,  $DP = 1.52$ ,  $n = 31$ ).

Com base nestes resultados, verifica-se que os participantes que usaram Seis atributos para a avaliação foram induzidos à maior complexidade cognitiva, enquanto os participantes que usaram Dois Atributos para a avaliação foram induzidos à menor complexidade cognitiva. Nas análises seguintes, a condição Seis atributos passa a ser designada por Alta Complexidade do self, e a condição Dois atributos passa a ser designada por Baixa Complexidade do self.

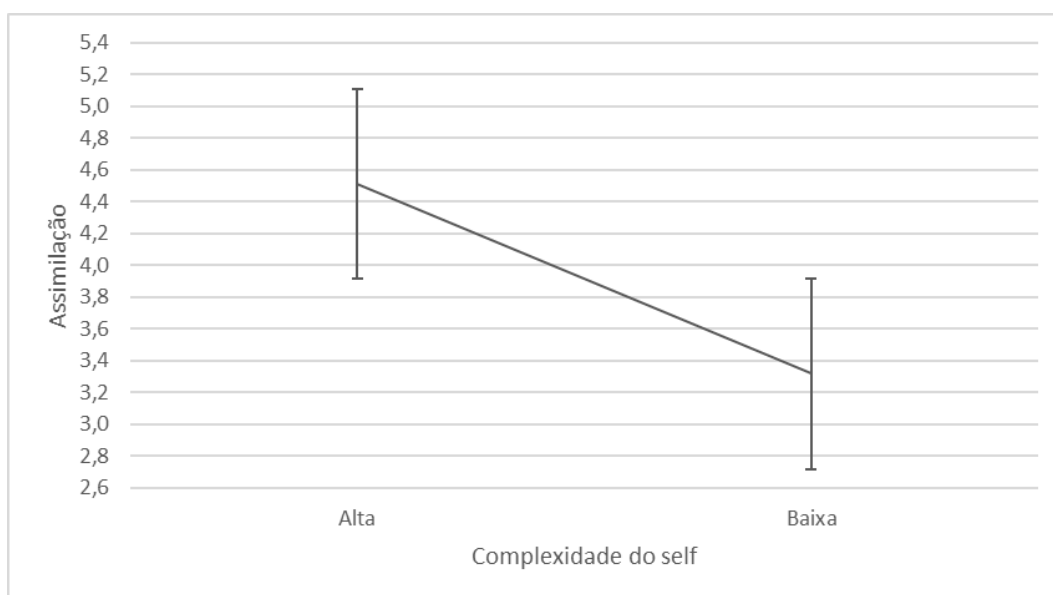
### **Verificação de efeito do tamanho relativo do grupo.**

**Assimilação.** Em seguida, foi computada uma análise de variância 2 Complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x 2 Tamanho relativo do grupo (Pequeno vs. Grande), para analisar o efeito destas variáveis na variável dependente necessidade de assimilação.

Os resultados indicam efeito principal da Complexidade do self,  $F(1,57) = 9.82$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .26$ ,  $n = 61$ , na necessidade de assimilação (Figura 14). Ou seja, os participantes em maior complexidade cognitiva evidenciaram maior necessidade de assimilação ( $M=4.51$ ;  $DP=.19$ , 30), enquanto os participantes em baixa complexidade cognitiva exibiram menor necessidade de assimilação ( $M=3.31$ ;  $DP=0.19$ ;  $n=31$ ).

#### Figura 14

*Necessidade de assimilação para Alta e Baixa complexidade do self*

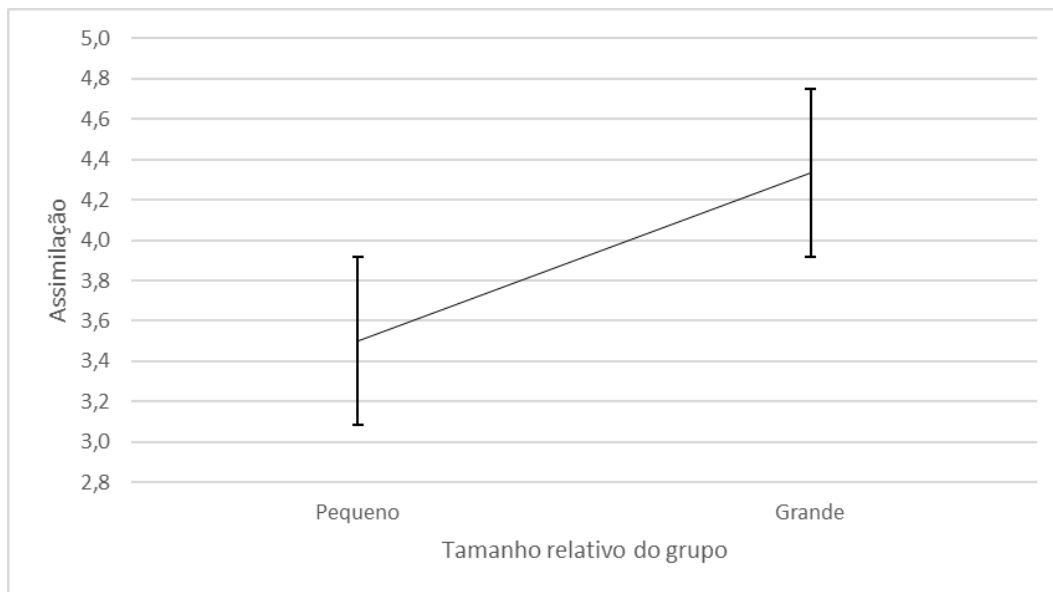


*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados obtidos indicam efeito principal do Tamanho relativo do grupo,  $F(1,57) = 9,60$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .14$ ,  $n = 61$ , na necessidade de assimilação (Figura 15). Ou seja, os participantes do grupo pequeno ( $M = 3.50$   $DP = .19$ ,  $n = 30$ ) exibem menor necessidade de assimilação, enquanto os indivíduos no grupo grande ( $M = 4.33$ ,  $DP = .19$ ,  $n = 31$ ) evidenciam menor necessidade de assimilação.

**Figura 15**

*Necessidade de assimilação para Grupo pequeno e Grupo grande*

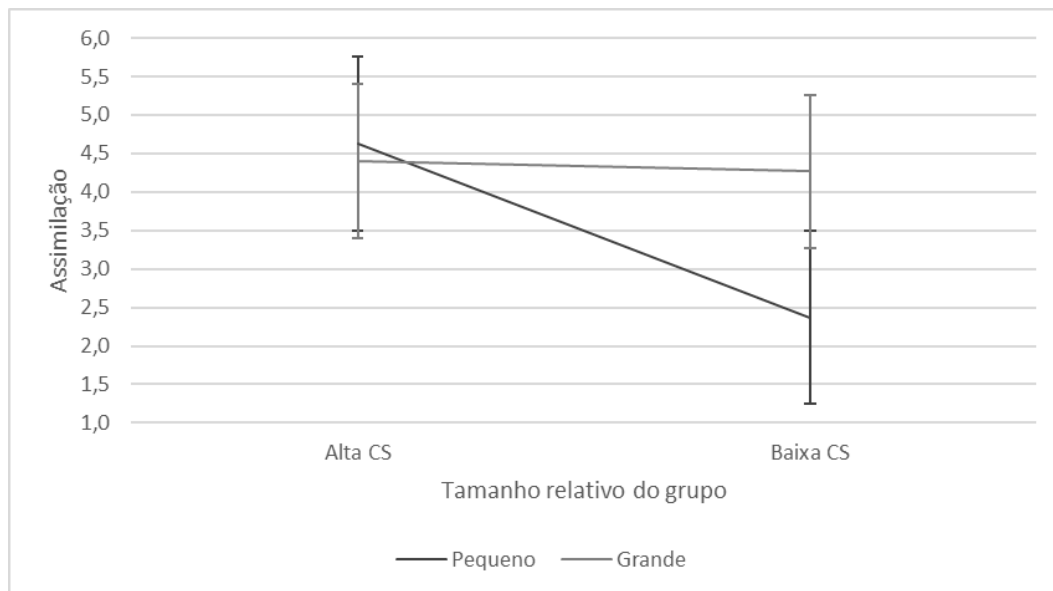


*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados indicam a existência de interação significativa entre a Complexidade do self induzida e Tamanho relativo do grupo,  $F(1,57) = 15.55$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .21$ ,  $n = 61$ , na necessidade de assimilação (Figura 16). Esta interação é explorada nos contrastes abaixo.

**Figura 16**

*Interação significativa entre a Complexidade do self (alta vs. Baixa) e o Tamanho relativo do grupo (Pequeno vs. Grande) na necessidade de assimilação*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

*Análise de contrastes.* Foi computado o contraste planejado Baixa complexidade do self x 2 Tamanho relativo do grupo (pequeno vs. grande). Os resultados indicam a existência de diferenças significativas  $t(1,57) = 5,02, p < .001, \eta^2 = .31, n = 31$ . Deste modo, os participantes em Baixa complexidade do self e categorizados no grupo pequeno evidenciam significativamente menor necessidade de assimilação ( $M = 2,37, DP = .31, n = 15$ ), comparativamente aos participantes em Baixa complexidade do self e categorizados em grupo grande ( $M = 4,26, DP = .32, n = 16$ ) que evidenciam maior necessidade de assimilação.

O contraste planejado para Alta complexidade do self x 2 Tamanho relativo do grupo (pequeno vs. grande) não apresenta diferenças significativas.

No contraste planejado 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) x Grupo pequeno, os resultados obtidos indicam a existência de diferenças significativas  $t(1,57) = 5,98, p < .001, \eta^2 = .01, n = 30$ . Deste modo, os indivíduos em Alta complexidade do self e categorizados em grupo pequeno evidenciaram uma maior necessidade de assimilação ( $M = 4,63, DP = .12,$

n=15), enquanto os indivíduos em Baixa complexidade do self e categorizados em grupo pequeno evidenciam menor necessidade de assimilação ( $M=2.37$ ,  $DP=.31$ ,  $n=15$ ).

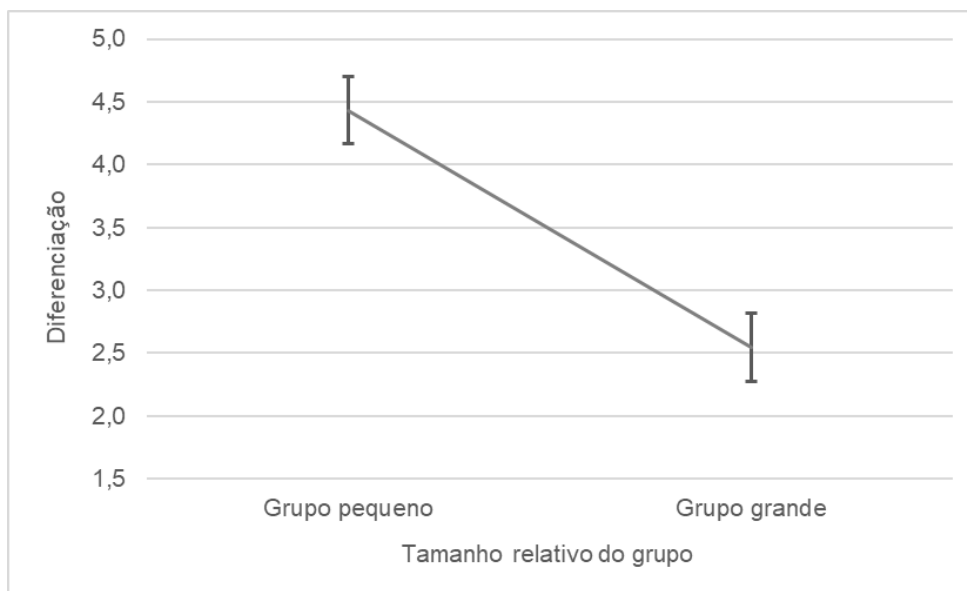
O contraste planejado para 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) x Grupo grande não apresenta diferenças significativas.

**Diferenciação.** Foi computada uma análise de variância 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) x 2 Tamanho relativo do grupo (Pequeno vs. Grande), para analisar o efeito destas variáveis na variável dependente diferenciação.

Os resultados indicam efeito principal da variável tamanho do grupo,  $F(1,57) = 99.15$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .63$ ,  $n = 61$ , na diferenciação (Figura 17). Ou seja, indivíduos que se categorizaram no grupo pequeno exibem maior necessidade de diferenciação ( $M = 4.43$ ,  $DP = .13$ ,  $n = 30$ ), enquanto os indivíduos no grupo grande evidenciam menor necessidade de diferenciação ( $M = 2.54$ ,  $DP = .14$ ,  $n = 31$ ).

### Figura 17

*Necessidade de diferenciação para Grupo pequeno e Grupo grande*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados indicam a ausência de efeito principal da complexidade do self na diferenciação.

Verificou-se ausência de interação significativa entre a Complexidade do self e o Tamanho relativo do grupo, na diferenciação.

Globalmente, os resultados obtidos indicam que o tamanho relativo dos grupos originou diferenças significativas na necessidade de assimilação e na diferenciação dos participantes.

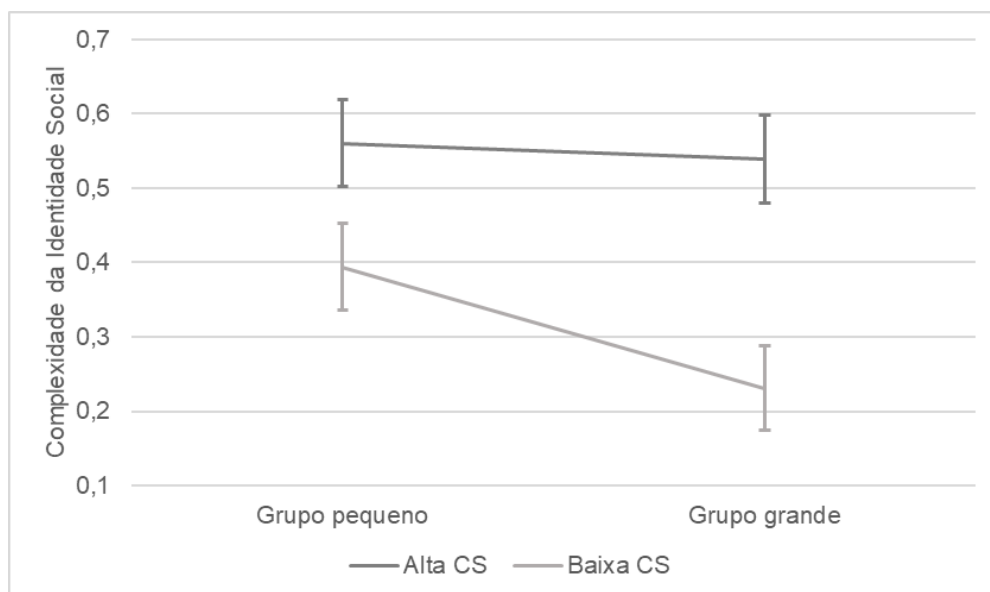
**Complexidade da identidade social.** Foi computada uma análise de variância 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) x 2 Tamanho do grupo (Pequeno vs. Grande), para analisar os seus efeitos na Complexidade da Identidade Social.

Os resultados indicam a existência de efeito principal da Complexidade do self (CS),  $F(1,57) = 47.89$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .46$ ,  $n = 61$ , na variável dependente Complexidade da identidade social (CIS). Deste modo, os participantes em Alta CS evidenciam maior CIS ( $M = .54$ ,  $DP = .02$ ,  $n = 30$ ), enquanto os participantes da condição Baixa CS evidenciam menor CIS ( $M = .31$ ,  $DP = .02$ ,  $n = 31$ ).

Os resultados indicam a existência de efeito principal do tamanho relativo do grupo,  $F(1,57) = 12.22$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .18$ ,  $n = 61$ , na variável dependente Complexidade da identidade social (CIS). Deste modo, os participantes que ficaram do grupo de tamanho relativo pequeno evidenciam maior CIS ( $M = .48$ ,  $DP = .02$ ,  $n = 30$ ), enquanto os participantes que ficaram do grupo de tamanho relativo grande evidenciam menor CIS ( $M = .37$ ,  $DP = .02$ ,  $n = 31$ ).

**Figura 18**

*Complexidade da Identidade Social nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do Self, para Grupo pequeno e Grupo grande*



*Nota:* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

Os resultados indicam a existência de interação marginalmente significativa entre a Complexidade do self induzida e o Tamanho do Grupo,  $F(1,57) = 3.78$ ,  $p < .05$ ,  $\eta^2 = .07$ ,  $n = 61$ , na variável dependente Complexidade da identidade social (Figura 18). Esta interação é explorada nos contrastes abaixo.

**Análise de contrastes.** Foi computado o contraste planejado: Baixa complexidade do self (CS) x 2 Tamanho relativo do grupo (pequeno vs. grande). Os resultados indicam a existência de diferenças significativas,  $t(1,57) = 4.56$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .27$ ,  $n = 31$ , na complexidade da descrição dos alvos. Deste modo, os participantes em Baixa CS e grupo pequeno evidenciam maior complexidade da identidade social ( $M = .39$ ,  $DP = .03$ ,  $n = 15$ ), enquanto os participantes em Baixa CS e grupo grande evidenciam menor complexidade da identidade social ( $M = .23$ ,  $DP = .03$ ,  $n = 16$ ).

Foi computado o contraste planejado para a Alta complexidade do self (CS) x 2 Tamanho relativo do grupo (pequeno vs. grande), não se verificando diferenças significativas na complexidade da identidade social.

Foi computado o contraste planejado: 2 complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x Tamanho relativo do grupo (pequeno). Os resultados indicam a existência de diferenças significativas,  $t(1,57) = 4.01$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .22$ ,  $n = 30$ , na Complexidade da Identidade Social. Deste modo, os participantes em Alta CS e grupo pequeno evidenciam maior complexidade da identidade social ( $M = .56$ ,  $DP = .03$ ,  $n = 15$ ), enquanto os participantes em Baixa CS e grupo pequeno evidenciam menor complexidade da identidade social ( $M = .39$ ,  $DP = .03$ ,  $n = 15$ ).

Em seguida, foi computado o contraste planejado: 2 complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x Tamanho relativo do grupo (grande). Os resultados indicam a existência de diferenças significativas,  $t(1,57) = 7.54$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .50$ ,  $n = 31$ , na Complexidade da Identidade Social. Deste modo, os participantes em Alta CS e grupo grande evidenciam maior complexidade da identidade social ( $M = .54$ ,  $DP = .03$ ,  $n = 15$ ), enquanto os participantes em Baixa CS e grupo grande evidenciam menor complexidade da identidade social ( $M = .23$ ,  $DP = .03$ ,  $n = 16$ ).

**Complexidade da descrição de alvos sociais.** A primeira análise de variância computada foi 2 Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante legal a residir em Portugal). Os resultados indicam a ausência de diferenças significativas entre a complexidade da descrição do Português e do Imigrante legal a residir em Portugal. Deste modo, a variável Tipo de Alvo foi agregada, não sendo considerada nas análises subsequentes.

Foi computada a análise de variância 2 Complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x 2 Tamanho do grupo (Pequeno vs. Grande) tendo como variável dependente a Complexidade da descrição de alvos sociais.

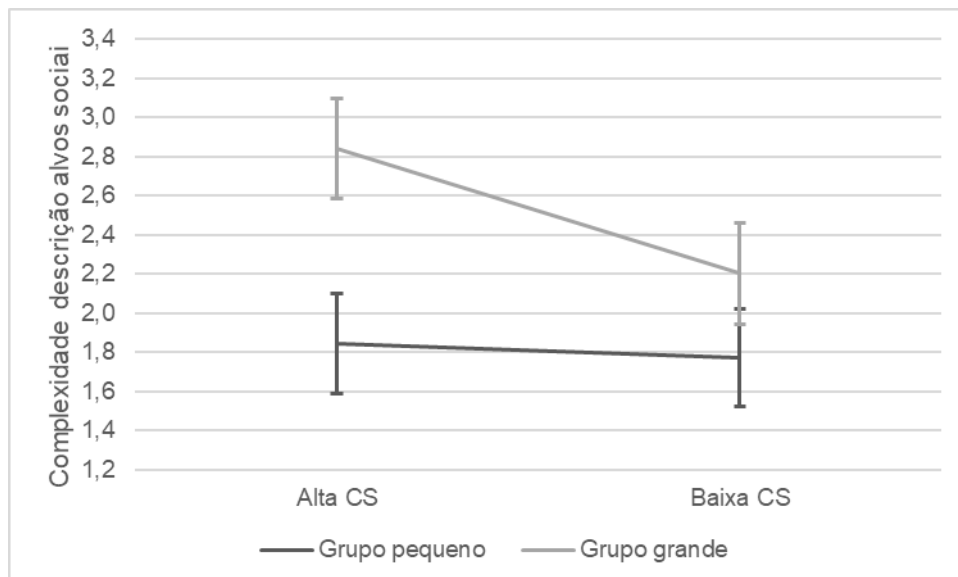
Os resultados indicam a existência de efeito principal da CS,  $F(1,57) = 19.26$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .25$ ,  $n = 61$ , na complexidade da descrição dos alvos. Os participantes em Alta CS foram mais complexos nas descrições realizadas para os alvos sociais ( $M = 1.75$ ,  $DP = .09$ ,  $n = 30$ ), enquanto os participantes em Baixa CS foram menos complexos na descrição dos alvos sociais ( $M = 1.21$ ,  $DP = .09$ ,  $n = 31$ ).

Os resultados indicam a existência de efeito principal do tamanho relativo do grupo,  $F(1,57) = 14,52$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .20$ ,  $n = 61$ , na complexidade da descrição dos alvos. Deste modo, os participantes categorizados como membros do grupo pequeno evidenciaram menor complexidade na descrição dos alvos sociais ( $M = 1.15$ ,  $DP = .09$ ,  $n = 30$ ), enquanto os participantes que ficaram no grupo grande evidenciaram maior complexidade na descrição dos alvos sociais ( $M = 1.61$ ,  $DP = .09$ ,  $n = 31$ ).

Os resultados obtidos indicam a interação significativa 2 complexidade do self (CS) (Alta vs. Baixa) x 2 Tamanho relativo do grupo (Menor vs. Maior),  $F(1,57) = 25.35$ ,  $p < .05$ ,  $\eta^2 = .09$ ,  $n = 61$ , na complexidade da descrição dos alvos (Figura 19). Esta interação é explorada nos contrastes planeados abaixo.

**Figura 19**

*Complexidade da descrição de alvos sociais nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do self, para Grupo pequeno e Grupo grande*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

**Análise de contrastes.** Foi computado o contraste planejado Baixa complexidade do self (CS) x 2 Tamanho relativo do grupo (pequeno vs. grande). Os resultados indicam a existência de diferenças significativas,  $t(1,57) = 3.17$   $p < .05$ ,  $\eta^2 = .15$ ,  $n = 31$ , na complexidade da descrição dos alvos. Deste modo, os participantes em Baixa CS e grupo pequeno evidenciam menor complexidade na descrição dos alvos ( $M = 1.77$ ,  $DP = .12$ ,  $n = 15$ ), enquanto os participantes da Baixa CS e grupo grande evidenciam maior complexidade na descrição dos alvos ( $M = 2.20$ ,  $DP = .12$ ,  $n = 16$ ).

Foi computado o contraste planejado Alta complexidade do self (CS) x 2 Tamanho do grupo (pequeno vs. grande), verificando-se a existência de diferenças significativas,  $t(1,57) = 5.48$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .34$ ,  $n = 30$ , na complexidade da descrição dos alvos. Deste modo, os participantes em Alta CS e grupo pequeno evidenciam menor complexidade na descrição dos alvos ( $M = 1.84$ ,  $DP = .13$ ,  $n = 15$ ), enquanto os participantes da Alta CS e grupo grande evidenciam maior complexidade na descrição dos alvos ( $M = 2.84$ ,  $DP = .13$ ,  $n = 15$ ).

O contraste planejado 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) x Grupo Pequeno não revela diferenças significativas.

Foi computado o contraste planejado 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) (CS) x Grupo grande. Os resultados indicam a existência de diferenças significativas,  $t(1,57) = 3.51$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .18$ ,  $n = 31$ , na complexidade da descrição dos alvos. Deste modo, os participantes em Alta CS e grupo grande evidenciam maior complexidade na descrição dos alvos ( $M = 2.84$ ,  $DP = .13$ ,  $n = 15$ ), enquanto os participantes da Baixa CS e grupo grande evidenciam menor complexidade na descrição dos alvos ( $M = 2.20$ ,  $DP = .12$ ,  $n = 16$ ).

**Inclusão do outro no self.** Foi computada a análise de variância 2 Complexidade do self (Alta vs. Baixa) x 2 Tamanho do grupo (Pequeno vs. Grande) x 2 Tipo de Alvo (português nascido em Lisboa vs. filho de imigrante nascido em Lisboa), sendo esta última uma variável intraparticipantes, para verificar os efeitos na variável dependente inclusão do outro no self.

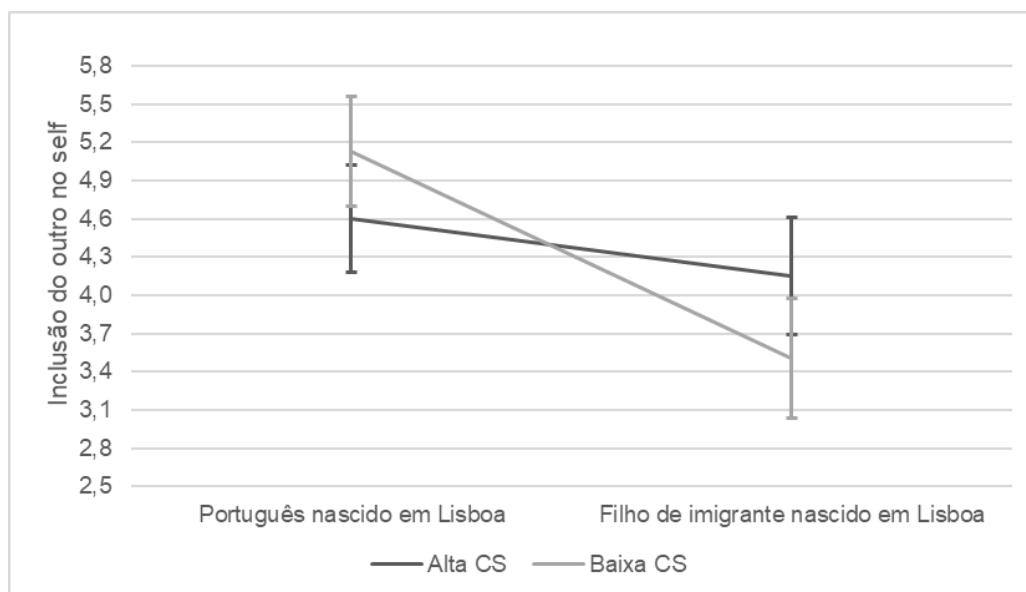
Os resultados indicam a existência de diferenças significativas do Tipo de Alvo na inclusão do outro no self,  $F(1,57) = 47.53$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .45$ ,  $n = 61$ . Ou seja, existiu maior inclusão do português nascido em Lisboa no self dos participantes ( $M = 4.85$ ,  $DP = .15$ ,  $n = 61$ ), e menor inclusão do filho de imigrante nascido em Lisboa no self dos participantes ( $M = 3.84$ ,  $DP = .16$ ,  $n = 61$ ).

Verifica-se, com os resultados obtidos, a ausência de efeito principal da Complexidade do self e do Tamanho do grupo, não existindo também interação significativa entre o Tamanho do grupo e as restantes variáveis.

Os resultados indicam a existência de interação significativa entre a Complexidade do self e o Tipo de Alvo,  $F(1,57) = 19.20$ ,  $p < .001$ ,  $\eta^2 = .25$ ,  $n = 61$ , na variável dependente inclusão do outro no self (Figura 20). Este resultado é explorado na análise de contrastes planejados abaixo.

**Figura 20**

*Inclusão do outro no self nas condições de Alta ou Baixa Complexidade do Self, para alvo Português nascido em Lisboa e Filho de imigrante nascido em Lisboa*



*Nota.* As barras de erro correspondem a intervalos de confiança a 95%.

**Análise de contrastes.** Foi computado o contraste planejado Baixa CS x 2 Tipo de Alvo (português nascido em Lisboa vs. filho de imigrante nascido em Lisboa). Os resultados indicam a existência de diferenças significativas entre as condições experimentais do Tipo de Alvo na condição Baixa CS,  $t(1,57) = 8.10$   $p < .001$ ,  $\eta^2 = .53$ ,  $n = 31$ , na inclusão do outro no self dos participantes. Deste modo, em Baixa CS há maior inclusão do português nascido em Lisboa no self dos participantes ( $M = 5.10$ ,  $DP = .21$ ,  $n = 31$ ), e menor inclusão do filho de imigrante nascido em Lisboa no self dos participantes ( $M = 3.45$ ,  $DP = .23$ ,  $n = 31$ ).

Foi computado o contraste planejado Alta CS x 2 Tipo de Alvo (português nascido em Lisboa vs. filho de imigrante nascido em Lisboa). Os resultados indicam a ausência de diferenças significativas na variável dependente.

Foi computado o contraste planejado 2 CS (Alta vs. Baixa) x Tipo de Alvo (filho de imigrante nascido em Lisboa). Os resultados indicam a existência de diferenças marginalmente significativas  $t(1,57) = 1.98$   $p = .053$ ,  $\eta^2 = .06$ ,  $n = 61$  na inclusão do outro

no self dos participantes. Deste modo, em Baixa CS há menor inclusão filho de imigrante nascido em Lisboa no self dos participantes ( $M = 3.5$ ,  $DP = .23$ ,  $n = 31$ ), enquanto os participantes em Alta CS evidenciaram maior inclusão do filho de imigrante nascido em Lisboa no self dos participantes ( $M = 4.16$ ,  $DP = .23$ ,  $n = 30$ ).

Os resultados obtidos no contraste planeado 2 CS (Alta vs. Baixa) x Tipo de Alvo (português nascido em Lisboa) não apresentam diferenças significativas.

### *Discussão*

O presente experimento teve como principal objetivo testar os efeitos da dimensão relativa do tamanho do grupo interno nas adaptações cognitivas automáticas.

Especificamente, hipotetizamos que Alta complexidade do self e grupo pequeno aumenta a complexidade da identidade social, enquanto em Alta complexidade do self e em grupo grande diminui a complexidade da identidade social, e o tamanho do grupo não originará variações na complexidade da descrição de alvos sociais. A nossa segunda hipótese, previa que em Baixa complexidade do self e grupo pequeno diminui a complexidade da descrição de alvos sociais, e em Baixa complexidade do self e grupo grande aumenta a complexidade da descrição de alvos sociais, e o tamanho do grupo não originará variações na complexidade da identidade social.

Os resultados obtidos apenas apoiam a nossa segunda hipótese. Como previsto, os participantes em Baixa complexidade do self e grupo pequeno evidenciaram menor complexidade na representação mental sobre atributos de membros de categorias sociais, enquanto os participantes em Baixa complexidade do self e grupo grande evidenciaram maior complexidade na representação mental sobre atributos de membros de categorias sociais. Também como previsto, em Baixa complexidade do self o tamanho do grupo não originou diferenças significativas na Complexidade da Identidade Social.

Relativamente à medida de controlo inclusão do outro no self, os resultados não indicam que o tamanho relativo do grupo teve efeitos na inclusão do tipo de alvo pelos participantes. No que respeita ao Tipo de Alvo, os dados da análise de contrastes indicam que participantes em Baixa complexidade do self incluíram significativamente mais no seu self o português nascido em Lisboa do que o filho de imigrante nascido em Lisboa, enquanto os participantes em Alta complexidade do self não evidenciam diferenças significativas na inclusão dos tipos de alvo no seu self.

### **Discussão Geral**

A nossa investigação teve como objetivo geral testar e compreender sistematicamente a relação entre a perceção de atributos de membros de categorias sociais e a perceção de prototipicidade de categorias sociais, utilizando medidas que mensuram as suas variações, e tendo em linha de conta os efeitos contextuais mais estudados em psicologia social.

No Estudo I hipotetizamos que indivíduos induzidos à alta complexidade do self teriam uma elevada complexidade da identidade social, enquanto indivíduos induzidos à baixa complexidade do self teriam uma baixa complexidade da identidade social. Os dados obtidos apoiam a nossa previsão, evidenciando que, na ausência de requisitos contextuais, os indivíduos induzidos à alta complexidade do self usam representações mentais complexas, baseadas em atributos, para descreverem membros de grupos sociais, e que representações mentais complexas promovem a perceção diferenciada e integrada das semelhanças e diferenças de prototipicidade entre grupos sociais. Por outro lado, indivíduos induzidos à baixa complexidade do self, geraram representações mentais mais simples para descrever os alvos sociais com base em atributos, assim como na perceção de prototipicidade dos grupos sociais. Ou seja, em alta complexidade do self induzida, o maior número de atributos sobre o membro da categoria permite que o conteúdo da categoria seja alterado, promovendo um processamento diferenciado da informação, refletido na perceção diferenciada de

prototipicidade das categorias, que integra semelhanças e diferenças, enquanto em baixa complexidade do self induzida, o menor número de atributos disponíveis para pensar sobre o membro da categoria impede que o conteúdo da categoria seja alterado, promovendo um processamento generalizado da informação, refletido na percepção generalizada de prototipicidade das categorias, sem a integração de semelhanças e diferenças. Em termos de percepção intergrupar, a indução à alta complexidade do self aumentou a percepção de heterogeneidade do grupo externo, enquanto a indução à baixa complexidade do self promoveu a percepção de homogeneidade do grupo externo.

No Estudo II testamos o efeito da saliência contextual da complexidade do self. Assim, previmos que, quando o contexto requeria diferenciação do grupo (i.e., elevada saliência da complexidade do self), a complexidade do self iria aumentar e a complexidade da identidade social diminuir, e quando o contexto requeria a identificação com o grupo (i.e., baixa saliência contextual do self), a complexidade do self diminuiria e complexidade da identidade social iria aumentar. Os resultados obtidos apoiam a nossa previsão, evidenciando que, na ausência de categorias sociais contextualmente salientes, as pessoas são mais complexas a pensar nos atributos de membros dos grupos e menos complexas a pensar na prototipicidade dos grupos, enquanto após a saliência contextual da categoria social, as mesmas pessoas adaptam-se cognitivamente e passam a processar informação em termos de protótipos das categorias, em lugar de processar a informação em termos de atributos dos membros das categorias. A importância destes resultados consiste no apoio à capacidade individual de responder às exigências contextuais, tanto em termos de conteúdo da categoria (i.e., complexidade do self), como em termos de integração das semelhanças e diferenças dos protótipos de categorias sociais (i.e., complexidade da identidade social). Os resultados obtidos no Estudo II evidenciam que as pessoas se adaptam aos requisitos do contexto, podendo ser complexas tanto quando pensam no conteúdo da categoria, se o contexto assim o

exigir, resultando na inclusão do outro no seu self, e aumentando a percepção de heterogeneidade sobre grupos externos.

No Estudo III analisamos como o efeito das necessidades do membro de um grupo grande vs. pequeno influenciam a complexidade ou simplicidade com que esse indivíduo percebe os atributos de membros da categoria e a percepção de prototipicidade de categorias sociais. Neste estudo, hipotetizamos que indivíduos induzidos à Alta complexidade do self e categorizados num grupo pequeno evidenciarão maior complexidade da identidade social, enquanto indivíduos induzidos à Alta complexidade do self e categorizados num grupo grande evidenciarão menor complexidade da identidade social complexa, e que o tamanho do grupo não originaria variações na complexidade da descrição de alvos sociais. De acordo com a nossa segunda hipótese, indivíduos induzidos à Baixa complexidade do self e categorizados num grupo pequeno evidenciarão menor complexidade da descrição de alvos sociais, enquanto indivíduos induzidos à Baixa complexidade do self e categorizados num grupo grande evidenciarão maior complexidade da descrição de alvos sociais, e o tamanho do grupo não originaria variações na complexidade da identidade social complexa. Os resultados obtidos apoiam não apoiam a nossa primeira hipótese, apenas apoiam a nossa segunda hipótese.

Estes resultados indicam que, numa situação onde exista baixa saliência contextual da complexidade do self e, em seguida, saliência contextual de que o indivíduo é membro de um grupo pequeno, existem adaptações cognitivas na complexidade do self. Estes indivíduos adaptam-se cognitivamente, aumentando a complexidade envolvida na descrição de alvos sociais, comparativamente aos indivíduos em Baixa complexidade do self e categorizados num grupo pequeno. Por outro lado, nas situações onde exista alta saliência contextual da complexidade do self, o tamanho do grupo não originou diferenças significativas na Complexidade da Identidade Social. De salientar que, em Alta Complexidade do Self o

tamanho do grupo originou na complexidade da descrição dos alvos sociais, ou seja, ocorreram adaptações cognitivas, existindo maior complexidade na descrição de alvos sociais quando os indivíduos foram categorizados em grupo pequeno, comparativamente aos indivíduos em Alta complexidade do self e categorizados num grupo grande.

Importa referir que o tamanho do grupo não influenciou a inclusão do outro no self, e que apenas a complexidade do self induzida teve efeito na inclusão do outro no self.

Globalmente, os dados obtidos indicam a adaptação bem-sucedida da indução de complexidade cognitiva de Linville (1982, experimento 3), tanto com objetos não sociais como com objetos sociais, constitui uma mais-valia, evidenciando que é possível induzir complexidade cognitiva dos indivíduos através da apresentação de estímulos semânticos, sendo relevante para estudos futuros que investiguem os efeitos desta variável individual na percepção intergrupar, seja no âmbito das migrações ou não.

Aliando o conhecimento da psicologia social e da cognição social na percepção intergrupar, testamos de forma sistemática como os indivíduos se adaptam a diferentes requisitos do contexto e os efeitos desta adaptação na percepção de homogeneidade do grupo externo. Embora a nossa investigação não permita abarcar todos os fatores que influenciam a percepção intergrupar, analisamos alguns dos principais fatores da literatura, e os resultados demonstram que a cognição humana, em determinadas condições, adapta-se ao contexto, na medida em que se o indivíduo não for complexo a perceber os atributos dos membros da categoria poderá, não obstante, ser complexo a perceber os protótipos das categorias sociais, diminuindo a percepção de homogeneidade do grupo externo. Esta é uma investigação inovadora por juntar os dois campos do conhecimento e por analisar como membros de uma sociedade com uma longa história em migrações, como a portuguesa, *pensam e como pensam* sobre os imigrantes legais que acolhem.

### **Limitações e estudos futuros**

Em termos de limitações, a principal centra-se no facto das respostas aos experimentos do Estudo II e Estudo III terem ocorrido fora do laboratório experimental devido à pandemia de Covid-19. Esta situação excepcional obrigou-nos a adaptar a recolha de respostas aos estudos para uma versão online, sem controlo do local onde os participantes responderam, embora no final de cada estudo tenham sido disponibilizadas questões sobre dificuldades que os participantes sentiram durante o estudo, bem como as suas considerações sobre o próprio estudo. Por exemplo, no Estudo II o resultado invertido, relativamente ao esperado, da influência da complexidade do self sobre a complexidade da identidade social que se pode dever efetivamente à saliência contextual da complexidade do self, sendo para isso necessário mais estudos que testem a relação entre as duas variáveis, ou pelo efeito de variáveis estranhas. Pelo facto de a recolha de respostas ter ocorrido fora do laboratório experimental, podem ter existido variáveis estranhas (e.g., desatenção, cansaço, ausência de tempo limite de resposta), e não reportadas pelos participantes no final do estudo, que tenham influenciado a fluência do processamento, originando a ausência de apoio à segunda hipótese do Estudo II. Em estudos futuros sobre este tema, a recolha de respostas deve ocorrer preferencialmente em laboratório experimental, pois permite um controlo do ambiente em que os participantes respondem, assim como a análise por parte dos investigadores da adequação das medidas utilizadas e tempos de resposta, adequando-se ao objetivo de investigar o efeito de fluência semântica. Em futuros estudos será proveitoso pré-testar os nomes dos alvos e incluir também nomes femininos, por forma a permitir uma melhor análise dos resultados.

Embora tenhamos traduzido e adaptado a escala de Trifiletti, Dazzi, Hichy, e Capozza (2007), que mensura as atitudes de aculturação de membros da sociedade de acolhimento de imigrantes, as análises de consistência interna não asseguravam a confiabilidade da medida, o

que poderá ter ocorrido por problemas na adaptação e tradução dos itens. Considerando as condições de recolha de resposta, não foi tentada uma nova adaptação e tradução dos itens da medida, uma vez que o contexto pandémico e a associação da pandemia a países colocariam em causa a validade dos resultados.

Relativamente à indução de complexidade do self com alvos sociais, em lugar de apenas apresentar nomes (João vs. Abdel) seria pertinente utilizar fotos dos alvos sociais, pois existem evidências sobre o viés que resulta no melhor reconhecimento de rostos de membros do grupo interno comparativamente a rostos de membros do grupo externo (Meissner & Brigham, 2001; Prunty, Jenkins, Qarooni, & Bindemann, 2023). O uso de fotos de alvos sociais na indução de complexidade do self seria uma mais-valia, pois traria um estímulo mais real e próximo dos grupos em estudo, aumentando a compreensão acerca dos julgamentos sobre grupos sociais.

O contexto pandémico impediu a concretização dos estudos que visavam explorar a relação entre a complexidade do self e os dilemas sociais. Dilemas sociais consistem em situações nas quais os interesses do grupo estão em desacordo com os interesses individuais, ou seja situações nas quais existe um conflito percebido (Brewer & Roderick, 1986; Steensma & Vermunt, 1991; Van Lange, Joireman, Parks, & Van Dijk, 2013). É relevante que estudos futuros analisem como, em situações de escassez, a saliência contextual da complexidade do self influencia a resposta cooperativa (i.e., em prol do interesse do grupo), ou a resposta competitiva (i.e., em prol do interesse próprio) ao conflito percebido.

Sobre as medidas utilizadas nesta investigação, importa salientar que na mensuração a complexidade dos atributos usados para descrever alvos sociais, um dos alvos foi apresentado como Imigrante legal a residir em Portugal. Apresentamos o alvo desta forma para propositadamente orientar a perceção dos participantes. Caso o alvo tivesse sido apresentado apenas como Imigrante, sobretudo com a recolha de respostas fora do contexto laboratorial,

os participantes poderiam responder com base em crenças erradas e generalizadas de migrações, que mesclam imigrantes legais e ilegais ou mesmo os requerentes de asilo, o que diminuiria o controlo experimental sobre o estudo. Em investigações futuras, será pertinente analisar se o padrão de adaptações cognitivas verificado nesta investigação varia quando o alvo social a processar tem a etiqueta de imigrante ilegal, ou não documentado, e sobre requerentes de asilo. Um dos problemas de investigar a perceção sobre grupos externos consiste na apresentação do grupo imigrantes como algo geral, ignorando, ainda que sem consciência disso, que a categoria Imigrantes é complexa e composta por subgrupos e que as pessoas podem ter perceções e comportamentos diferentes para cada subgrupo de imigrantes. Levar em linha de conta esta diversidade da categoria imigrantes poderá ser frutífero para futuros estudos em psicologia social, permitindo uma melhor compreensão e previsão do comportamento sobre diferentes subgrupos de imigrantes.

Em termos de estudos futuros, será pertinente investigar como a indução de complexidade do self influencia a perceção de entitatividade. A entitatividade é definida como a perceção de um conjunto de indivíduos que possuem unidade e coerência, grupos sociais, sendo mais elevada para grupos de maior intimidade como a família e diminuindo em grupos de menor intimidade como os habitantes de uma cidade (Lickel, Hamilton, Wierzchowska, Lewis, Sherman, & Uhles, 2000).

Bernardo e Palma-Oliveira (2013, 2016), investigaram como a entitatividade e o apego ao local, bairros de Lisboa, predizem a discriminação do grupo externo. Este é um tema pertinente tanto para a psicologia social como para as migrações, uma vez que Lisboa concentra grande parte da população de imigrantes a residir em Portugal, e a entitatividade dos habitantes de bairros influenciará a perceção e discriminação de imigrantes que tenham como objetivo morar no mesmo bairro. Um estudo neste âmbito permitiria antecipar como variáveis psicológicas condicionariam ou promoveriam a integração de imigrantes, bem

como a recolha em momentos distintos da evolução da percepção dos habitantes dos bairros sobre os imigrantes.

Estudos futuros podem desenvolver e testar como a elaboração de textos que induzam as pessoas à maior complexidade cognitiva sobre imigrantes têm efeito na percepção intergrupala. Uma das preocupações de vários países centra-se na integração de imigrantes, sendo que o desenvolvimento deste tipo de mensagens poderá influenciar a comunicação sobre a integração de imigrantes, tanto a nível nacional como local, por exemplo, nos bairros. Por exemplo, a criação deste tipo de mensagens pode ser combinada com técnicas qualitativas (e.g., Método Delphi; Kaynak, Bloom, & Leibold, 1994) para diminuir a discriminação e promover a interação intergrupala, facilitando a integração de imigrantes.

### Bibliografia

- Aberson, C. L. (2010). Diversity experiences and intergroup attitudes. In R. J. Crisp (Ed.), *The psychology of social and cultural diversity* (pp. 171–189). Wiley Blackwell.  
<https://doi.org/10.1002/9781444325447.ch8>
- Abrams, D., & Hogg, M. A. (Eds.). (1990). *Social identity theory: Constructive and critical advances*. Springer-Verlag Publishing.
- Allison, S. T., & Messick, D. M. (1985). The group attribution error. *Journal of Experimental Social Psychology*, *21*(6), 563–579. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(85\)90025-3](https://doi.org/10.1016/0022-1031(85)90025-3)
- Alter, A. L., & Oppenheimer, D. M. (2009). Uniting the tribes of fluency to form a metacognitive nation. *Personality and Social Psychology Review*, *13*(3), 219–235.  
<https://doi.org/10.1177/1088868309341564>
- Aron, A., & Aron, E. N. (1996). Self and self-expansion in relationships. In G. J. O. Fletcher & J. Fitness (Eds.), *Knowledge structures in close relationships: A social psychological approach* (pp. 325–344). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Aron, A., Aron, E. N., Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Close relationships as including other in the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*(2), 241–253.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.2.241>
- Baganha, M., Marques, J., & Góis, P. (2004). Novas Migrações, Novos Desafios: A imigração do Leste Europeu. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, *69*, 95-115.  
<https://doi.org/10.4000/rccs.1340>.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, *117*(3), 497–529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>

- Ben-Ari, R., Kedem, P., & Levy-Weiner, N. (1992). Cognitive complexity and intergroup perception and evaluation. *Personality and Individual Differences, 13*(12), 1291–1298. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(92\)90171-K](https://doi.org/10.1016/0191-8869(92)90171-K)
- Benoit, R. G., Gilbert, S. J., Volle, E., & Burgess, P. W. (2010). When I think about me and simulate you: medial rostral prefrontal cortex and self-referential processes. *NeuroImage, 50*(3), 1340–1349. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2009.12.091>
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. (2013). Place identity, place attachment and the scale of place: The impact of place salience. *Psychology, 4*(2), 167-193.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J.-M. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology, 45*, 239–251. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.01.010>
- Bieri, J. (1955). Cognitive complexity-simplicity and predictive behavior. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, 51*(2), 263–268. <https://doi.org/10.1037/h0043308>
- Billig, M., & Tajfel, H. (1973). Social categorization and similarity in intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology, 3*(1), 27–52. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420030103>
- Bless, H., & Schwarz, N. (2010). Mental construal and the emergence of assimilation and contrast effects: The inclusion/exclusion model. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, Vol. 42, (pp. 319–373). Academic Press. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(10\)42006-7](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(10)42006-7)
- Blok, S. V., & Markman, A. M. (2005). Fluency in Similarity Judgements. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society, 27*. Retrieved from <https://escholarship.org/uc/item/0m82f7ps>
- Bodenhausen, G. V. (1993). Emotions, arousal, and stereotypic judgments: A heuristic model of affect and stereotyping. In D. M. Mackie & D. L. Hamilton (Eds.), *Affect,*

- cognition, and stereotyping: Interactive processes in group perception* (pp. 13–37). Academic Press.
- Bodenhausen, G. V., Todd, A. R., & Becker, A. P. (2007). Categorizing the social world: Affect, motivation, and self-regulation. In A. B. Markman & B. H. Ross (Eds.), *Categories in use* (pp. 123–155). Elsevier Academic Press.
- Bower, G. H., & Gilligan, S. G. (1979). Remembering information related to one's self. *Journal of Research in Personality, 13*(4), 420–432. [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(79\)90005-9](https://doi.org/10.1016/0092-6566(79)90005-9)
- Brauer, M., & Er-rafiy, A. (2011). Increasing perceived variability reduces prejudice and discrimination. *Journal of Experimental Social Psychology, 47*(5), 871–881. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2011.03.003>
- Brewer, M. B. (1979). In-group bias in the minimal intergroup situation: A cognitive-motivational analysis. *Psychological Bulletin, 86*(2), 307–324. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.86.2.307>
- Brewer, M. B. (1988). A dual process model of impression formation. In T. K. Srull & R. S. Wyer, Jr. (Eds.), *A dual process model of impression formation* (pp. 1–36). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Brewer, M. B. (1991). The social self: On being the same and different at the same time. *Personality and Social Psychology Bulletin, 17*(5), 475–482. <https://doi.org/10.1177/0146167291175001>
- Brewer, M. B. (1993). Social identity, distinctiveness, and in-group homogeneity. *Social Cognition, 11*(1), 150–164. <https://doi.org/10.1521/soco.1993.11.1.150>
- Brewer, M. B. (2010). Social identity complexity and acceptance of diversity. In R. J. Crisp (Ed.), *The psychology of social and cultural diversity* (pp. 11–33). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781444325447.ch2>

- Brewer, M. B., & Gardner, W. (1996). Who is this "We"? Levels of collective identity and self representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*(1), 83–93.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.1.83>
- Brewer, M. B., & Kramer, R. M. (1986). Choice behavior in social dilemmas: Effects of social identity, group size, and decision framing. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*(3), 543–549. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.3.543>
- Brewer, M. B., & Pickett, C. L. (1999). Distinctiveness motives as a source of the social self. In T. R. Tyler, R. M. Kramer, & O. P. John (Eds.), *The psychology of the social self* (pp. 71–87). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Brewer, M. B., & Pierce, K. P. (2005). Social Identity Complexity and Outgroup Tolerance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*(3), 428–437.  
<https://doi.org/10.1177/0146167204271710>
- Brewer, M. B., Gonsalkorale, K., & van Dommelen, A. (2013). Social identity complexity: Comparing majority and minority ethnic group members in a multicultural society. *Group Processes & Intergroup Relations*, *16*(5), 529–544.  
<https://doi.org/10.1177/1368430212468622>
- Brown, A. L. (1992). Design experiments: Theoretical and methodological challenges in creating in complex interventions in classroom settings. *Journal of the Learning Sciences*, *2*(2), 141–178.
- Bruner, J. S. (1957). On perceptual readiness. *Psychological Review*, *64*(2), 123–152.  
<https://doi.org/10.1037/h0043805>
- Cantor, N., & Kihlstrom, J. F. (1987). *Personality and social intelligence*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall
- Carli, L. L. (1990). Gender, language, and influence. *Journal of Personality and Social Psychology*, *59*(5), 941–951. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.941>

- Castles, S., de Haas, H., & Miller, M. J. (2014). *The age of migration: International population movements in the modern world* (5th ed.). Guilford Press.
- Clancey, WJ. (1997). *Situated Cognition: On Human Knowledge and Computer Representation*. New York: Cambridge University Press. doi:10.2277/0521448719
- Colman, A. M., Hargreaves, D. J., & Sluckin, W. (1981). Preferences for Christian names as a function of their experienced familiarity. *British Journal of Social Psychology*, 20(1), 3–5. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1981.tb00465.x>
- Correll, J., Judd, C., Park, B. & Wittenbrink, B. (2010). Measuring prejudice, stereotypes, and discrimination. In J. F. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick & V. M. Esses (Eds) *The SAGE handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination*, (pp. 45-62). London: SAGE .10.4135/9781446200919.n3.
- Craven, R. G., & Marsh, H. W. (2008). The centrality of the self-concept construct for psychological wellbeing and unlocking human potential: Implications for child and educational psychologists. *Educational and Child Psychology*, 25(2), 104–118.
- Crisp, R. J., & Hewstone, M. (2007). Multiple social categorization. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, Vol. 39, (pp. 163–254). Elsevier Academic Press. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(06\)39004-1](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(06)39004-1)
- Elio, R., & Anderson, J. R. (1981). The effects of category generalizations and instance similarity on schema abstraction. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, 7(6), 397–417. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.7.6.397>
- Ellemers, N., & Haslam, S. (2012). Social identity theory. In P. A. Van LangeA. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology*, (Vol. 2, pp. 379-398). SAGE Publications Ltd. <https://www.doi.org/10.4135/9781446249222.n45>

- Epstein, S. (1973). The self-concept revisited: Or a theory of a theory. *American Psychologist*, 28(5), 404–416. <https://doi.org/10.1037/h0034679>
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117–140. <https://doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Fiske, S. T., & Neuberg S. L. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-74). New York: Academic Press.
- Fiske, S. T., & Yamamoto, M. (2005). Coping with rejection: Core social motives across cultures. In K. D. Williams, J. P. Forgas, & W. von Hippel (Eds.), *The social outcast: Ostracism, social exclusion, rejection, and bullying* (pp. 185–198). Psychology Press.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878–902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.878>
- FFMS. (2017). *Retrato de Portugal: indicadores 2017*. Paris: PORDATA. Retirado de: [https://www.google.pt/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.pordata.pt/sites/default/files/2017-09/Portugal\\_Imigrantes-permanentes-por-nacionalidade.xlsx&ved=2ahUKEwiY4pCP09CMAxWiVqQEhd\\_4LMEQFnoECCEQAQ&usg=AOvVaw2MeBEYWqAzSUwM4Zxrzyed](https://www.google.pt/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.pordata.pt/sites/default/files/2017-09/Portugal_Imigrantes-permanentes-por-nacionalidade.xlsx&ved=2ahUKEwiY4pCP09CMAxWiVqQEhd_4LMEQFnoECCEQAQ&usg=AOvVaw2MeBEYWqAzSUwM4Zxrzyed)
- Forsyth, D.R. (2010). *Group dynamics* (5th ed.). Belmont, CA: Wadsworth/Thompson.
- Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (2000). "The Impact of Stereotype-Incongruent Information on Perceived Group Variability and Stereotype Change." Correction to Garcia-Marques and Mackie (1999). *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 736. <https://doi.org/10.1037/h0087887>

- Gecas, V. (1982). The self concept. *Annual Review of Sociology*, 8, 1–33.  
<https://doi.org/10.1146/annurev.so.08.080182.000245>
- Gecas, V. (2001). The self as a social force. In T. J. Owens, S. Stryker, & N. Goodman (Eds.), *Extending self-esteem theory and research: Sociological and psychological currents* (pp. 85–100). Cambridge University Press.  
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511527739.005>
- Gibson, J. J. (1986). *The ecological approach to visual perception*. Routledge.
- Haslam, HS. A., Oakes, P. J., Turner, J. C., & McGarty, C. (1995). Social categorization and group homogeneity: Changes in the perceived applicability of stereotype content as a function of comparative context and trait favourableness. *British Journal of Social Psychology*, 34(2), 139–160. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1995.tb01054.x>
- Haslam, S. A., & Platow, M. J. (2001). The Link between Leadership and Followership: How Affirming Social Identity Translates Vision into Action. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(11), 1469–1479. <https://doi.org/10.1177/01461672012711008>
- Haslam, S. A., Reicher, S. D., & Platow, M. J. (2011). *The new psychology of leadership: Identity, influence and power*. Psychology Press.
- Hatziprokopiou, P. (2006), *Globalisation, migration and socio-economic change in contemporary Greece*. Amsterdam: AUP.
- Hewstone, M., Islam, M. R., & Judd, C. M. (1993). Models of crossed categorization and intergroup relations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(5), 779–793.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.64.5.779>
- Higgins, E. T., King, G. A., & Mavin, G. H. (1982). Individual construct accessibility and subjective impressions and recall. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(1), 35–47. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.43.1.35>

- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Hogg, M. A., & Turner, J. C. (1987). Intergroup behaviour, self-stereotyping and the salience of social categories. *British Journal of Social Psychology*, 26(4), 325–340.  
<https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1987.tb00795.x>
- Hogg, M., Hohman, Z., & Rivera, J. (2008). Why Do People Join Groups? Three Motivational Accounts from Social Psychology. *Social and Personality Psychology Compass*, 2, 1269 - 1280. 10.1111/j.1751-9004.2008.00099.x.
- Hong, Y.-y., Morris, M. W., Chiu, C.-y., & Benet-Martínez, V. (2000). Multicultural minds: A dynamic constructivist approach to culture and cognition. *American Psychologist*, 55(7), 709–720. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.7.709>
- Howard, J. W., & Rothbart, M. (1980). Social categorization and memory for in-group and out-group behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(2), 301–310.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.2.301>
- Johnson, C., Gadon, O., Carlson, D., Southwick, S., Faith, M., & Chalfin, J. (2002). Self-reference and group membership: Evidence for a group-reference effect. *European Journal of Social Psychology*, 32(2), 261–274. <https://doi.org/10.1002/ejsp.83>
- Jones, E. E., Wood, G. C., & Quattrone, G. A. (1981). Perceived variability of personal characteristics in in-groups and out-groups: The role of knowledge and evaluation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7(3), 523–528.  
<https://doi.org/10.1177/014616728173024>
- Kaynak, E., Bloom, J., & Leibold, M. (1994). Using the Delphi Technique to Predict Future Tourism Potential. *Marketing Intelligence & Planning*, 12(7), 18-29.  
<https://doi.org/10.1108/02634509410065537>

- Kelly, G. A. (1955). *The psychology of personal constructs: A theory of personality*. London: Routledge
- Kitayama, S. (2002). Culture and basic psychological processes-Toward a system view of culture: Comment on Oyserman et al. (2002). *Psychological Bulletin*, *128*(1), 89–96. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.1.89>
- Kitayama, S., & Imada, T. (2010). Implicit independence and interdependence: A cultural task analysis. In B. Mesquita, L. F. Barrett, & E. R. Smith (Eds.), *The mind in context* (pp. 174–200). Guilford Press.
- Klein, S. B., Loftus, J., & Burton, H. A. (1989). Two self-reference effects: The importance of distinguishing between self-descriptiveness judgments and autobiographical retrieval in self-referent encoding. *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*(6), 853–865. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.6.853>
- Kling, K. C., Hyde, J. S., Showers, C. J., & Buswell, B. N. (1999). Gender differences in self-esteem: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *125*(4), 470–500. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.4.470>
- Latrofa, M., Vaes, J., Cadinu, M., & Carnaghi, A. (2010). The cognitive representation of self-stereotyping. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *36*(7), 911–922. <https://doi.org/10.1177/0146167210373907>
- Leonardelli, G. J., & Brewer, M. B. (2001). Minority and majority discrimination: When and why. *Journal of Experimental Social Psychology*, *37*(6), 468–485. <https://doi.org/10.1006/jesp.2001.1475>
- Lewicki, P. (1983). Self-image bias in person perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, *45*(2), 384–393. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.2.384>
- Lickel, B., Hamilton, D. L., Wierzchowska, G., Lewis, A., Sherman, S. J., & Uhles, A. N. (2000). Varieties of groups and the perception of group entitativity. *Journal of*

- Personality and Social Psychology*, 78(2), 223–246. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.2.223>
- Linville, P. W. (1982). The complexity–extremity effect and age-based stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(2), 193–211. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.2.193>
- Linville, P. W., & Carlston, D. E. (1994). Social cognition of the self. In P. G. Devine, D. L. Hamilton, & T. M. Ostrom (Eds.), *Social cognition: Impact on social psychology* (pp. 143–193). Academic Press.
- Linville, P. W., & Jones, E. E. (1980). Polarized appraisals of out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(5), 689–703. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.5.689>
- Linville, P. W., Fischer, G. W., & Salovey, P. (1989). Perceived distributions of the characteristics of in-group and out-group members: Empirical evidence and a computer simulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(2), 165–188. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.2.165>
- Linville, P. W., Fischer, G. W., & Yoon, C. (1996). Perceived covariation among the features of ingroup and outgroup members: The outgroup covariation effect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 421–436. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.421>
- Lord, C. G., Lepper, M. R., & Mackie, D. (1984). Attitude prototypes as determinants of attitude–behavior consistency. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(6), 1254–1266. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.46.6.1254>
- Mackie, D. M., & Hamilton, D. L. (Eds.). (1993). *Affect, cognition, and stereotyping: Interactive processes in group perception*. Academic Press.

- Macrae, C. N., & Quadflieg, S. (2010). Perceiving people. In S. T. Fiske, D. T. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (pp. 428–463). John Wiley & Sons, Inc.. <https://doi.org/10.1002/9780470561119.socpsy001012>
- Macrae, C. N., Bodenhausen, G. V., Milne, A. B., & Jetten, J. (1994). Out of mind but back in sight: Stereotypes on the rebound. *Journal of Personality and Social Psychology*, *67*(5), 808–817. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.5.808>
- Mair, G. (1986). Ethnic minorities, probation and the magistrates' courts: A pilot study. *British Journal of Criminology*, *26*, 147-155.
- Markus, H. (1977). Self-schemata and processing information about the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, *35*(2), 63–78. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.35.2.63>
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, *98*(2), 224–253. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.98.2.224>
- Markus, H., & Wurf, E. (1987). The dynamic self-concept: A social psychological perspective. *Annual Review of Psychology*, *38*, 299–337. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.38.020187.001503>
- Markus, H., Smith, J., & Moreland, R. (1985). Role of the self-concept in the perception of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, *49*, 1494-1512.
- Maurer, K. L., Park, B., & Rothbart, M. (1995). Subtyping versus subgrouping processes in stereotype representation. *Journal of Personality and Social Psychology*, *69*(5), 812–824. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.5.812>
- McConnell, A. R., & Strain, L. M. (2007). Content and structure of the self-concept. In C. Sedikides & S. J. Spencer (Eds.), *The self* (pp. 51–73). Psychology Press.

- McGarty, C., Bongiorno, R., & Bliuc, A. -M. (2010). Categorization. In J. M. Levine & M. A. Hogg (Eds.), *Encyclopedia of Group Processes and Intergroup Relations* (pp. 67-72). <https://doi.org/10.4135/9781412972017>
- McGarty, C., Yzerbyt, V. Y., & Spears, R. (Eds.). (2002). *Stereotypes as explanations: The formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511489877>
- Mead, G.H. (1934). *Mind, Self, and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist*. University of Chicago Press: Chicago.
- Meissner, C. A., and Brigham, J. C. (2001). Thirty years of investigating the own-race bias in memory for faces: a meta-analytic review. *Psychol. Public Policy Law* 7, 3–35. doi: 10.1037//1076-8971.7.1.3
- Morgan, A. (2014). Representations gone mental. *Synthese*, 191(2), 213–244. <https://doi.org/10.1007/s11229-013-0328-7>
- Mullen, B., Calogero, R. M., & Leader, T. I. (2007). A social psychological study of ethnonyms: Cognitive representation of the in-group and intergroup hostility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(4), 612–630. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.92.4.612>
- Murphy, G. L., & Brownell, H. H. (1985). Category differentiation in object recognition: Typicality constraints on the basic category advantage. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 11(1), 70–84. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.11.1.70>
- Myers, D. (2012). *Social Psychology*. The McGraw-Hill Companies.
- Neimeyer, G J. & Neimeyer, R. A. (1986). Personal constructs in relationship deterioration: A longitudinal study. *Social Behavior and Personality*, 14(2), 253-257.

- Nisbett, R. E., Peng, K., Choi, I., & Norenzayan, A. (2001). Culture and systems of thought: Holistic versus analytic cognition. *Psychological Review*, *108*(2), 291–310.  
<https://doi.org/10.1037/0033-295x.108.2.291>
- Park, B., & Hastie, R. (1987). Perception of variability in category development: Instance-versus abstraction-based stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, *53*(4), 621–635. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.53.4.621>
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, *42*(6), 1051–1068.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.6.1051>
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, *42*(6), 1051–1068.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.6.1051>
- Prunty, J. E., Jenkins, R., Qarooni, R., & Bindemann, M. (2023). Ingroup and outgroup differences in face detection. *British Journal of Psychology*, 1–18.  
<https://doi.org/10.1111/bjop.12588>
- Quattrone, G. A., & Jones, E. E. (1980). The perception of variability within in-groups and out-groups: Implications for the law of small numbers. *Journal of Personality and Social Psychology*, *38*(1), 141–152. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.1.141>
- Reber, R., Schwarz, N., & Winkielman, P. (2004). Processing Fluency and Aesthetic Pleasure: Is Beauty in the Perceiver's Processing Experience? *Personality and Social Psychology Review*, *8*(4), 364–382. [https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0804\\_3](https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0804_3)
- Rice, D. R., & Mullen, B. (2005). Cognitive Representations and Exclusion of Immigrants: Why Red-Nosed Reindeer Don't Play Games. In D. Abrams, M. A. Hogg, & J. M.

- Marques (Eds.), *The social psychology of inclusion and exclusion* (pp. 293–315). Psychology Press.
- Richards, Z., & Hewstone, M. (2001). Subtyping and subgrouping: Processes for the prevention and promotion of stereotype change. *Personality and Social Psychology Review, 5*(1), 52–73. [https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0501\\_4](https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0501_4)
- Roccas, S., & Brewer, M. (2002). Social identity complexity. *Personality and Social Psychology Review, 6*(2), 88–106. [https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602\\_01](https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602_01)
- Rogers, T. B., Kuiper, N. A., & Kirker, W. S. (1977). Self-reference and the encoding of personal information. *Journal of Personality and Social Psychology, 35*(9), 677–688. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.35.9.677>
- Rosch, E. H. (1973). Natural categories. *Cognitive Psychology, 4*(3), 328–350. [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90017-0](https://doi.org/10.1016/0010-0285(73)90017-0)
- Rosch, E., & Mervis, C. B. (1975). Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology, 7*(4), 573–605. [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(75\)90024-9](https://doi.org/10.1016/0010-0285(75)90024-9)
- Rosch, E., Mervis, C. B., Gray, W. D., Johnson, D. M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology, 8*(3), 382–439. [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(76\)90013-X](https://doi.org/10.1016/0010-0285(76)90013-X)
- Rosch, E., Simpson, C., & Miller, R. S. (1976). Structural bases of typicality effects. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance, 2*(4), 491–502. <https://doi.org/10.1037/0096-1523.2.4.491>
- Rosenberg, M. (1979). *Components of Rosenberg's self-esteem scale. Conceiving the self*. New York: Basic Books.

- Ross, M., Xun, W. Q. E., & Wilson, A. E. (2002). Language and the bicultural self. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 28(8), 1040–1050.  
<https://doi.org/10.1177/01461672022811003>
- Rothbart, M. (1981). Memory processes and social beliefs. In D. L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp. 145 – 181). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Rothbart, M., Evans, M., & Fulero, S. (1979). Recall for confirming events: Memory processes and the maintenance of social stereotypes. *Journal of Experimental Social Psychology*, 15(4), 343–355. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(79\)90043-X](https://doi.org/10.1016/0022-1031(79)90043-X)
- Rubin, M., & Badae, C. (2012). They're All the Same!. . . but for Several Different Reasons: A Review of the Multicausal Nature of Perceived Group Variability. *Current Directions in Psychological Science*, 21(6), 367–372.  
<https://doi.org/10.1177/0963721412457363>
- Schneider, W., & Shiffrin, R. M. (1977). Controlled and automatic human information processing: I. Detection, search, and attention. *Psychological Review*, 84(1), 1–66.  
<https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.1.1>
- Scott, W. A. (1962). Cognitive complexity and cognitive flexibility. *Sociometry*, 25(4), 405–414. <https://doi.org/10.2307/2785779>
- Sedikides, C., Gaertner, L., & O'Mara, E. M. (2011). Individual self, relational self, collective self: Hierarchical ordering of the tripartite self. *Psychological Studies*, 56(1), 98-107.  
[doi:10.1007/s12646-011-0059-0](https://doi.org/10.1007/s12646-011-0059-0).
- Sherif, M. (1954). *Experimental study of positive and negative intergroup attitudes between experimentally produced groups: robbers cave study*. Norman, OK: University of Oklahoma.

- Sherif, M., Harvey, O. J., White, B. J., Hood, W. R., & Sherif, C. W. (1961). *Intergroup conflict and cooperation: The Robbers Cave experiment* (Vol. 10). Norman, OK: University Book Exchange.
- Shrauger, J. S. (1975). Responses to evaluation as a function of initial self-perceptions. *Psychological Bulletin*, 82(4), 581–596. <https://doi.org/10.1037/h0076791>
- Simon, B., & Hamilton, D. L. (1994). Self-stereotyping and social context: The effects of relative in-group size and in-group status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(4), 699–711. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.4.699>
- Smith, E. R. (1998). Mental representation and memory. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 391–445). McGraw-Hill.
- Smith, E. R., & Mackie, D. M. (2005) *Social psychology* (4th edition). Philadelphia: Psychology Press.
- Sprecher, S., Brooks, J. E., & Avogo, W. (2013). Self-esteem among young adults: Differences and similarities based on gender, race, and cohort (1990–2012). *Sex Roles: A Journal of Research*, 69(5-6), 264–275. <https://doi.org/10.1007/s11199-013-0295-y>
- Steensma, H. & Vermunt, R. (1991). Social Justice in Human Relations Volume 2: Societal and Psychological Consequences of Justice and Injustice. Critical Issues in Social Justice. XVI, 290. Springer US. ISBN: 978-0-306-43626-0.
- Stets, J. E., & Burke, P. J. (2003). A sociological approach to self and identity. In M. R. Leary & J. P. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity* (pp. 128–152). The Guilford Press.
- Sui, J., & Humphreys, G. W. (2015). The Integrative Self: How Self-Reference Integrates Perception and Memory. *Trends in cognitive sciences*, 19(12), 719–728. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2015.08.015>

- Swann, W. B., Jr. (1990). To be adored or to be known? The interplay of self-enhancement and self-verification. In E. T. Higgins & R. M. Sorrentino (Eds.), *Handbook of motivation and cognition: Foundations of social behavior*, Vol. 2, pp. 408–448). The Guilford Press.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25(4), 79–97.  
<https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1969.tb00620.x>
- Tajfel, H. (1970). Experiments in Intergroup Discrimination. *Scientific American*, 223(5), 96–103. <http://www.jstor.org/stable/24927662>
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223, 96–102.
- Tajfel, H. (Ed.). (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. Academic Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33–37). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (2004). The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. In J. T. Jost & J. Sidanius (Eds.), *Political psychology: Key readings* (pp. 276–293). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203505984-16>
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P., & Flament, C. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 1(2), 149–178.  
<https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202>.
- Taylor, S. E. (1981). A categorization approach to stereotyping. In D. L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp. 83 – 114). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Taylor, S.E., & Fiske, S. (1978). Salience, Attention, and Attribution: Top of the Head Phenomena. *Advances in Experimental Social Psychology*, 11, 249-288.
- Tropp, L. R., & Wright, S. C. (2001). Ingroup Identification as the Inclusion of Ingroup in the Self. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(5), 585–600.  
<https://doi.org/10.1177/0146167201275007>
- Turner, J. C. (1975). Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 5(1), 5–34.  
<https://doi.org/10.1002/ejsp.2420050102>
- Turner, J. C., & Oakes, P. J. (1986). The significance of the social identity concept for social psychology with reference to individualism, interactionism and social influence. *British Journal of Social Psychology*, 25(3), 237–252. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1986.tb00732.x>
- Turner, J. C., & Onorato, R. S. (1999). Social identity, personality, and the self-concept: A self-categorizing perspective. In T. R. Tyler, R. M. Kramer, & O. P. John (Eds.), *The psychology of the social self* (pp. 11–46). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Turner, J. C., & Reynolds, K. J. (2012). Self-categorization theory. In P. Van Lange, A. Kruglanski, & T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 399–417). London: Sage.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- Turner, J. C., Oakes, P. J., Haslam, S. A., & McGarty, C. (1994). Self and collective: Cognition and social context. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20(5), 454–463. <https://doi.org/10.1177/0146167294205002>

- Turner, J.C. and Reynolds, K.J. (2010) The Story of Social Identity. In: Postmes, T. and Branscombe, N., Eds., *Rediscovering Social Identity: Core Sources* (pp. 13-32). Psychology Press, New York.
- Tversky, A., & Gati, I. (1978). Studies of similarity. In E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization* (pp. 79–98). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Urban, L. M., & Miller, N. (1998). A theoretical analysis of crossed categorization effects: A meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(4), 894–908.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.4.894>
- Van Lange, P. A. M., Joireman, J., Parks, C. D., & Van Dijk, E. (2013). The psychology of social dilemmas: A review. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 120, 125-141.
- Weber, R., & Crocker, J. (1983). Cognitive processes in the revision of stereotypic beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(5), 961–977.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.5.961>
- Werner, H. (1957). The concept of development from a comparative and organismic point of view. In D. Harris (Ed.), *The concept of development*. Minneapolis, Minn: University of Minnesota Press.
- Whittlesea, B. W. A. (1993). Illusions of familiarity. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 19(6), 1235–1253. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.19.6.1235>
- Wilder, D. A. (1981). Perceiving persons as a group: Categorization and intergroup relations. In D. L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp. 213-257). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Wright, S. C., Aron, A., Tropp, L. R. (2002). Including others (and groups) in the self: Self-expansion and intergroup relations. In Forgas, J. P., Williams, K. D. (Eds.), *The social*

*self: Cognitive, interpersonal and intergroup perspectives* (pp. 343-363).

Philadelphia, PA: Psychology Press.

Yuki, M., Maddux, W. W., Brewer, M. B., & Takemura, K. (2005). Cross-Cultural Differences in Relationship- and Group-Based Trust. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(1), 48–62. <https://doi.org/10.1177/0146167204271305>

## Anexos

### Anexo A - Pré-teste para grupos de imigrantes que integram os itens da medida da Complexidade da Identidade Social

#### *Materiais*

Dezoito grupos imigrantes a residir em Portugal, os mais expressivos em termos de percentagem à data do pré-teste (FFMS, 2017): Espanhóis; Franceses; Moldavos; Britânicos; Ucrainianos; Romenos; Cabo-Verdianos; Angolanos; Guineenses; Moçambicanos; São Tomenses; Brasileiros; Chineses; Indianos; Nepaleses.

#### *Medida*

Foi solicitado aos participantes que indicassem o mais rapidamente possível a sua identificação com cada um dos dezoito grupos de imigrantes, “Identifico-me com [nome do grupo de imigrantes]”. Escala de resposta de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). O

#### *Amostra*

Setenta e oito pessoas (45 mulheres e 33 homens) com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, todos portugueses e residentes em Lisboa responderam online ao pré-teste.

#### *Resultados*

Foi computada uma análise descritiva das respostas recolhidas Tabela 1.

#### **Tabela 1**

*Análise descritiva das respostas à identificação com cada um dos dezoito grupos de imigrantes*

<b>Grupo</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>IC -95%</b>	<b>IC 95%</b>	<b>n</b>
Espanhóis	3,820513	1,617627	1,397565	1,920589	78
Franceses	3,282051	1,467372	1,267751	1,742193	78
Moldavos	2,564103	1,190763	1,028771	1,413778	78

Britânicos	3,692308	1,470998	1,270884	1,746499	78
Ucranianos	2,615385	0,996497	0,860934	1,183130	78
Romenos	2,717949	1,091852	0,943317	1,296343	78
Cabo-Verdianos	3,358974	1,619479	1,399165	1,922788	78
Angolanos	3,153846	1,387111	1,198408	1,646900	78
Guineenses	2,769231	1,458723	1,260278	1,731924	78
Moçambicanos	3,256410	1,524142	1,316798	1,809596	78
São Tomenses	2,871795	1,332501	1,151227	1,582062	78
Brasileiros	3,794872	1,548849	1,338144	1,838931	78
Chineses	2,410256	1,178111	1,017841	1,398757	78
Indianos	2,538462	1,276077	1,102479	1,515071	78
Nepaleses	2,371795	1,228545	1,061414	1,458638	78

Dos dezoito grupos apresentados foram escolhidos os grupos Cabo-Verdianos, Romenos e Brasileiro. Estes três grupos por se encontrarem mais próximos do ponto médio de identificação o que permite eliminar potenciais enviesamentos dos participantes na medida de complexidade da identidade social, o que comprometeria os resultados obtidos.

## **Anexo B – Pré-teste traços utilizados na tarefa complexidade da descrição de alvos sociais**

### ***Materiais***

Foram adaptados 51 traços/características frequentemente utilizadas para descrever alvos sociais (McConnell, Rydell, & Leibold, 2002; McConnell & Strain, 2007).

### ***Procedimento***

Os cinquenta e um traços foram apresentados aos participantes, sendo solicitado que selecionassem os utilizariam para descrever um amigo ou familiar. O foco na descrição de amigo ou familiar próximo foi propositada, pois os indivíduos tendem a ser mais complexos na descrição de membros dos seus grupos internos, o que cumpre o nosso objetivo de encontrar o maior número possível de traços a incluir na tarefa da complexidade da descrição de alvos sociais.

### ***Amostra***

Trinta e sete participantes (25 mulheres e 12 homens) com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, todos portugueses.

### ***Resultados***

Da análise de frequência da escolha de cada um dos traços pelos participantes foram selecionados os traços: Imaginativo(a); Individualista; Relaxado(a); Tímido(a); Trabalhador(a); Competitivo(a); Rebelde; Assertivo(a); Afetuoso(a); Maduro(a); Ocioso(a); Cauteloso(a); Impulsivo(a); Ponderado(a); Introverso(a); Extroverso(a); Ansioso(a); Sincero(a); Atencioso(a); Organizado(a); Perspicaz; Tolerante; Teimoso(a); Culto(a); Desorganizado(a); Motivado(a); Desmotivado(a); Generoso(a); Fútil; Intolerante; Alegre; Criterioso(a).

Os restantes traços não foram excluídos da tarefa de complexidade da descrição de alvos sociais pois ou foram escolhidos por todos os participantes, ou por muito pouco

participantes, o que poderia originar enviesamentos nos estudos e condicionar a mensuração da complexidade cognitiva.

## **Tabela 2**

*Frequência da escolha de cada um dos traços pelos participantes*

<b>Característica/Traço</b>	<b>% de escolha de traço por participante</b>	<b>n</b>
Divertido	100,00	37
Flexível	48,65	37
Adaptável	48,65	37
Sério(a)	8,11	37
Paciente	100,00	37
Pacato(a)	97,30	37
Cortês	5,41	37
Desleixado(a)	100,00	37
Distinto(a)	2,70	37
Correto(a)	13,51	37
Esclarecido(a)	100,00	37
Calmo(a)	97,30	37
Fiável	13,51	37
Educado(a)	97,30	37
Útil	100,00	37
Inútil	100,00	37
Civilizado(a)	5,41	37
Estúpido	100,00	37
Inteligente	100,00	37
Imaginativo(a)	54,05	37
Individualista	67,57	37
Relaxado(a)	67,57	37
Tímido(a)	89,19	37
Trabalhador(a)	86,49	37
Competitivo(a)	70,27	37
Rebelde	72,97	37
Assertivo(a)	72,97	37
Afetuosos(a)	59,46	37
Maduro(a)	70,27	37

---

Ocioso(a)	67,57	37
Cauteloso(a)	72,97	37
Impulsivo(a)	75,68	37
Ponderado(a)	78,38	37
Introvertido(a)	81,08	37
Extrovertido(a)	78,38	37
Ansioso(a)	78,38	37
Sincero(a)	81,08	37
Atencioso(a)	78,38	37
Organizado(a)	81,08	37
Perspícaz	81,08	37
Tolerante	75,68	37
Teimoso(a)	75,68	37
Culto(a)	81,08	37
Desorganizado(a)	75,68	37
Motivado(a)	54,05	37
Desmotivado(a)	56,76	37
Generoso(a)	59,46	37
Fútil	70,27	37
Intolerante	81,08	37
Alegre	78,38	37
Criterioso(a)	81,08	37

---

## **Anexo C – Instruções Estudo I**

### ***Consentimento informado***

O Núcleo de Cognição Social Aplicada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a realizar um estudo com o objetivo de compreender qual a sua perceção sobre os vários grupos sociais.

Ser-lhe-á pedido que responda a algumas perguntas sobre o tópico. As suas respostas serão mantidas em confidencialidade e anonimato.

O estudo demora cerca de 15 a 20 minutos a concluir.

A sua participação nesta investigação é voluntária. Tem o direito de se retirar em qualquer momento durante o estudo, por qualquer razão e sem qualquer prejuízo. Se deseja entrar em contacto com o Investigador Principal do estudo para discutir esta investigação, envie um e-mail para *ncristino@campus.ul.pt*.

Ao clicar no botão abaixo, reconhece que a sua participação no estudo é voluntária, que tem 18 anos de idade e que tem conhecimento que pode escolher terminar a sua participação neste estudo em qualquer momento e por qualquer razão.

Aceito participar: \_\_\_\_\_

Não aceito participar: \_\_\_\_\_

***Tarefa indução de complexidade do self – Seis atributos***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características de produtos que quotidianamente avaliamos nos supermercados.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **seis** características do leite e **cinco** tipos de leite vegetal.

Pedimos que avalie cada tipo de leite apenas com base nas seis características apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada tipo de leite.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

***Tarefa indução de complexidade do self – Dois atributos***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características de produtos que quotidianamente avaliamos nos supermercados.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **duas** características do leite e **cinco** tipos de leite vegetal.

Pedimos que avalie cada tipo de leite apenas com base nas seis características apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada tipo de leite.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

## **Instrução complexidade da descrição de alvos sociais**

### *Introdução à tarefa*

Na próxima tarefa procuramos compreender como cada pessoa pensa sobre outras pessoas, através de agrupamentos de características individuais.

**Pedimos que seleccione os atributos que considera serem pertinentes para descrever cada uma das pessoas apresentadas, em cada agrupamento criado por si.**

Pedimos que:

- Utilize apenas os atributos que, para si, fazem sentido pertence ao mesmo conjunto;
- Forme apenas agrupamentos que tenham significado para si;
- Não necessita de usar todos os atributos listados.
- Não necessita de preencher todos os agrupamentos.
- Pode repetir características em diferentes agrupamentos.
- Esta tarefa não tem tempo limite de resposta.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

### *Apresentação dos tipos de alvos sociais*

Pense num indivíduo **português**.

Em seguida agrupe as características que formam agrupamentos, coerentes e com sentido para si, para caracterizar um **português**.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

Pense num indivíduo imigrante legal a residir em Portugal.

Em seguida agrupe as características que formam agrupamentos, coerentes e com sentido para si, para caracterizar um **imigrante legal a residir em Portugal**.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

### **Introdução à medida Complexidade da identidade social**

Na próxima fase do estudo faremos algumas perguntas sobre diferentes associações em categorias sociais estão relacionados.

Por exemplo, muitos engenheiros são fãs de desporto, e, alguns fãs de desporto também são engenheiros.

Deste modo pedimos, que, em seguida indique a sua perceção sobre quantas pessoas do grupo A também são membros do grupo B.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte parra iniciar

#### ***Itens que compõem a medida***

- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos de Portugal.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos de Portugal.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos de Portugal.

## **Anexo D – Pré-teste alvos sociais**

### ***Materiais***

**Atributos do alvo:** atencioso, ambicioso, divertido, tímido, assertivo, amigável

**Comportamentos do alvo:** O João venceu um campeonato de xadrez; O João jogou bowling com os amigos; O João participou numa discussão sobre diferenças de género; O João evitou discutir política com os vizinhos; O João organizou uma festa familiar.

### ***Procedimento***

Nas condições alta complexidade do self foram criadas 36 combinações com 6 atributos, nas condições baixa complexidade do self foram geradas 24 combinações com 2 atributos. Nas duas condições apenas foi apresentada uma combinação por participante. Com base na combinação de atributos apresentada, os participantes avaliaram cinco comportamentos do alvo social, utilizando uma escala de 12.7 pontos (0 - avaliação Desfavorável do comportamento; 12.7 indica a avaliação Favorável do comportamento do alvo). Os comportamentos foram apresentados em ordem aleatória, e os participantes dispunham de 40 segundos para indicar a avaliação de cada comportamento.

### ***Amostra***

Quarenta participantes (25 mulheres e 15 homens) entre os 20 e os 26 anos, todos portugueses e residentes na área metropolitana de Lisboa.

### ***Resultados***

Os resultados do pré-teste validam os materiais utilizados para a indução de complexidade do self. A avaliação final dos participantes sobre os atributos e os comportamentos utilizados corroboram a validação dos materiais.

#### ***Verificação indução de complexidade***

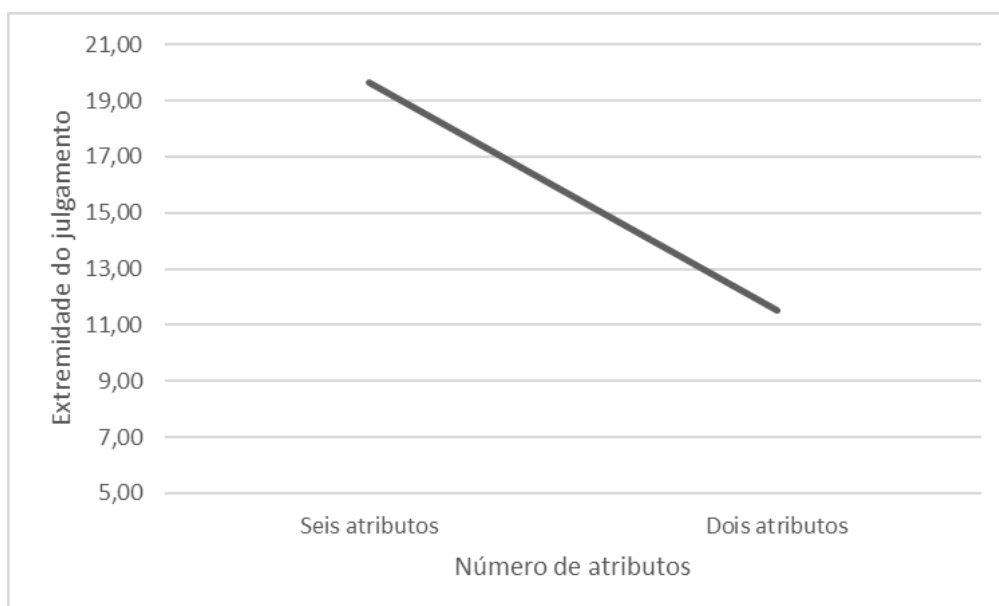
No sentido de verificar se os materiais utilizados nas condições experimentais induzem a variações na complexidade do self, foi computada uma análise de variância 2

Número de atributos (Seis vs. Dois) para analisar o efeito das condições experimentais na variável dependente extremidade do julgamento.

Os resultados indicam efeito principal do Número de atributos,  $t(1,38) = 3.20$ ,  $p < .05$ ,  $n = 40$ , na extremidade do julgamento (Figura 21). Deste modo, os participantes da condição Seis atributos são menos extremos e mais complexos nas avaliações realizadas ( $M = 19.67$ ,  $DP = 9.33$ ,  $n = 20$ ), enquanto os participantes da condição Dois atributos são mais extremos e cognitivamente menos complexos na avaliação dos estímulos ( $M = 11.52$ ,  $DP = 6.56$ ,  $n = 20$ ).

### Figura 21

*Efeito do Número de atributos (Seis vs. Dois) na extremidade do julgamento*



### *Complexidade da identidade social*

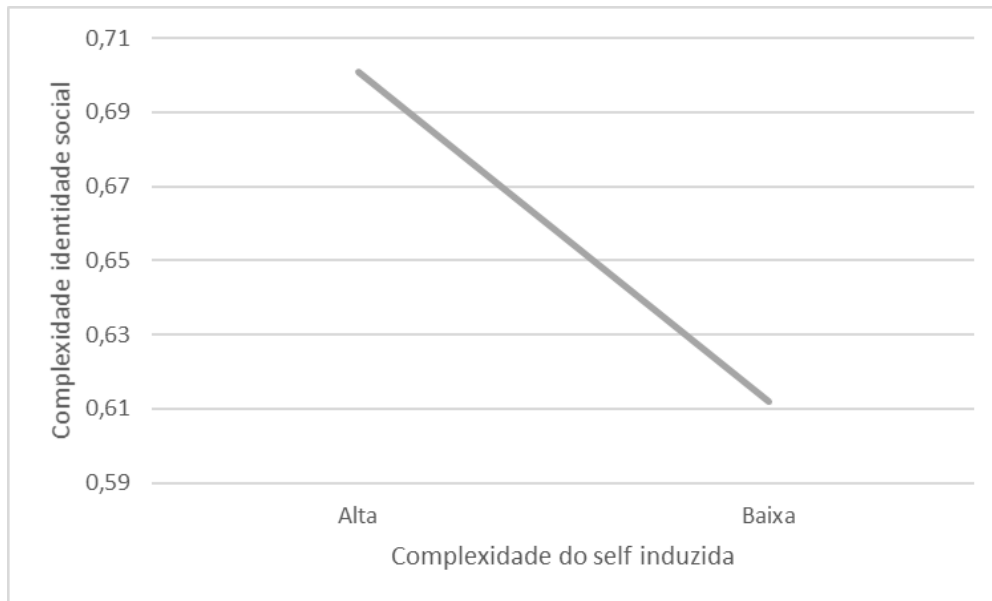
Foi computada uma análise de variância 2 Complexidade do Self Induzida (CSI) (Alta vs. Baixa) para analisar o efeito das condições experimentais na variável Complexidade da Identidade Social.

Os resultados indicam efeito principal do Número de atributos,  $t(1,38) = 2.27$ ,  $p < .05$ ,  $n = 40$ , na Complexidade da identidade social (Figura 22). Deste modo, os participantes induzidos à Alta CSI evidenciam uma representação mental mais complexa, diferenciada, dos seus grupos internos ( $M = .70$ ,  $DP = .14$ ,  $n = 20$ ), e os participantes induzidos à Baixa CSI

evidenciam uma representação mais simples, menos diferenciada, dos seus grupos internos (M = .61, DP = .11, n = 20).

### Figura 22

*Efeito da Complexidade do Self Induzida (CSI) (Alta vs. Baixa) na Complexidade da Identidade Social*



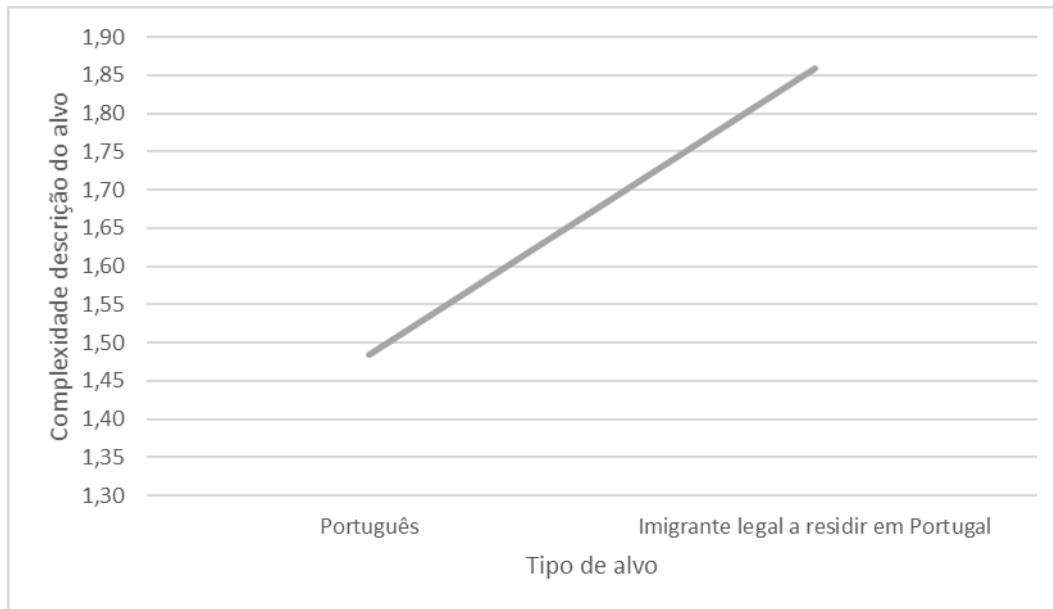
### *Complexidade da descrição de alvos sociais*

Foi computada uma análise de variância de amostras emparelhadas 2 Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante legal a residir em Portugal), para verificar efeitos na variável dependente Complexidade da descrição de alvos sociais.

Os resultados indicam a existência de diferenças significativas,  $t(1, 38) = 3.49$ ,  $p < .05$ ,  $n = 40$  (Figura 23). Deste modo os participantes foram mais complexos na descrição do tipo de alvo Imigrante legal a residir em Portugal (M = 1.86, DP = .68,  $n = 40$ ), e menos complexos na descrição do tipo de alvo Português (M = 1.48, DP = .74,  $n = 40$ ).

### Figura 23

*Efeito do Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante legal a residir em Portugal) na Complexidade da descrição de alvos sociais*



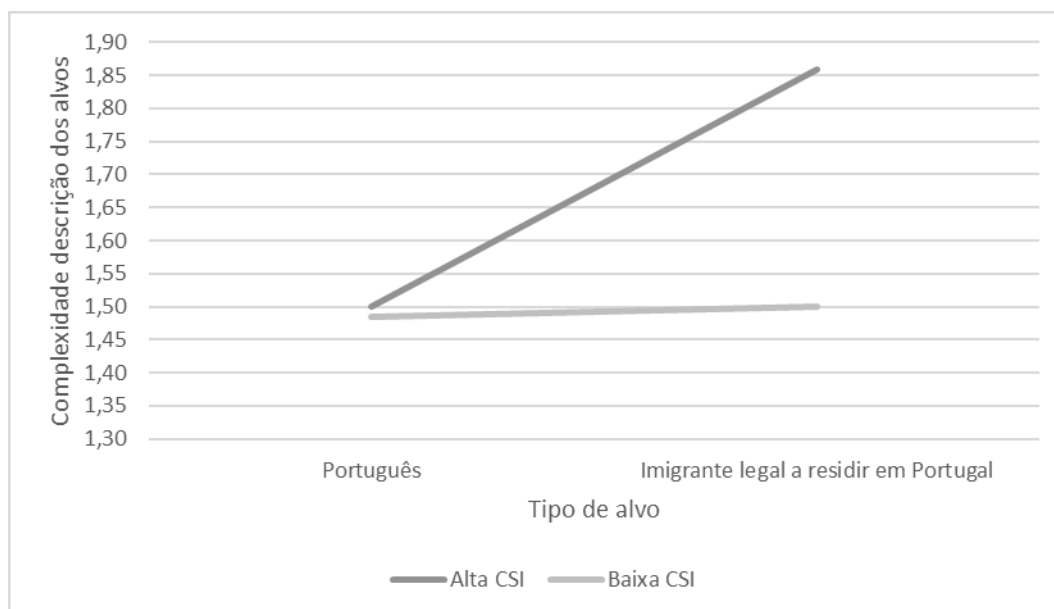
Foi computada uma análise de variância 2 Complexidade do Self Induzida (Alta vs. Baixa) x 2 Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante legal a residir em Portugal), para verificar efeitos na variável dependente Complexidade da descrição de alvos sociais.

Os resultados indicam a ausência de efeito entre a Complexidade do Self Induzida e a complexidade da descrição do tipo de alvo Português.

Os resultados indicam a existência de efeito da Complexidade do Self Induzida (CSI),  $t(1,78) = 2.67$ ,  $p < .05$ ,  $n = 40$  (Figura 24), na complexidade da descrição do tipo de alvo Imigrante legal a residir em Portugal. Deste modo, os participantes em Alta CSI foram mais complexos na descrição do tipo de alvo imigrante legal a residir em Portugal ( $M = 1.86$ ,  $DP = .68$ ,  $n = 20$ ), enquanto os participantes em Baixa CSI forma menos complexos na descrição do tipo de alvo imigrante legal a residir em Portugal ( $M = 1.50$ ,  $DP = .51$ ,  $n = 20$ ).

## Figura 24

*Efeito da Complexidade do Self Induzida (Alta vs. Baixa) e do Tipo de Alvo (Português vs. Imigrante legal a residir em Portugal) na variável Complexidade da descrição de alvos sociais*



### *Verificação dos materiais utilizados na tarefa de indução da complexidade do self*

No final do pré-teste solicitamos aos participantes que avaliassem se atributos que utilizaram para avaliar o alvo social, na tarefa de indução de complexidade do self, permitiam a avaliação de uma pessoa real. A avaliação dos participantes foi indicada numa escala de resposta Sim/Não. 100% dos participantes indicaram que os atributos utilizados permitiam a avaliação de uma pessoa real.

Solicitamos ainda que os participantes a sua avaliação sobre os comportamentos avaliados na tarefa de indução de complexidade do self, indicando se os comportamentos apresentados refletiam os comportamentos de uma pessoa real. A avaliação dos participantes foi indicada numa escala de resposta Sim/Não. 95% dos participantes indicaram que os apresentados refletiam os comportamentos de uma pessoa real, apenas 5% dos participantes não indicaram a sua avaliação.

## **Anexo E – Instruções Estudo II**

### ***Consentimento informado***

O Núcleo de Cognição Social Aplicada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a realizar um estudo com o objetivo de compreender qual a sua perceção sobre os vários grupos sociais.

Ser-lhe-á pedido que responda a algumas perguntas sobre o tópico. As suas respostas serão mantidas em confidencialidade e anonimato.

O estudo demora cerca de 20 a 25 minutos a concluir.

A sua participação nesta investigação é voluntária. Tem o direito de se retirar em qualquer momento durante o estudo, por qualquer razão e sem qualquer prejuízo. Se deseja entrar em contacto com o Investigador Principal do estudo para discutir esta investigação, envie um e-mail para *ncristino@campus.ul.pt*.

Ao clicar no botão abaixo, reconhece que a sua participação no estudo é voluntária, que tem 18 anos de idade e que tem conhecimento que pode escolher terminar a sua participação neste estudo em qualquer momento e por qualquer razão.

Aceito participar: \_\_\_\_\_

Não aceito participar: \_\_\_\_\_

## **Instruções tarefa indução de complexidade do self**

### ***Seis atributos e Alvo Abdel***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características que percebemos em outras pessoas e que quotidianamente avaliamos.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **seis** características pessoais do Abdel e **cinco** comportamentos do Abdel.

Pedimos que avalie cada comportamento com base **apenas** nas **seis** características pessoais apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada comportamento.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

### ***Dois atributos e Alvo Abdel***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características que percebemos em outras pessoas e que quotidianamente avaliamos.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **duas** características pessoais do Abdel e **cinco** comportamentos do Abdel.

Pedimos que avalie cada comportamento com base **apenas** nas **duas** características pessoais apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada comportamento.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

### ***Seis atributos e Alvo João***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características que percebemos em outras pessoas e que quotidianamente avaliamos.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **seis** características pessoais do João e **cinco** comportamentos do João.

Pedimos que avalie cada comportamento com base **apenas** nas **seis** características pessoais apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada comportamento.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar.

### ***Dois atributos e Alvo João***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características que percebemos em outras pessoas e que quotidianamente avaliamos.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **duas** características pessoais do João e **cinco** comportamentos do João.

Pedimos que avalie cada comportamento com base **apenas** nas **duas** características pessoais apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada comportamento.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar.

## **Instrução complexidade da descrição de alvos sociais**

### ***Introdução à tarefa***

Na próxima tarefa procuramos compreender como cada pessoa pensa sobre outras pessoas, através de agrupamentos de características individuais.

**Pedimos que selecione os atributos que considera serem pertinentes para descrever cada uma das pessoas apresentadas, em cada agrupamento criado por si.**

Pedimos que:

- Utilize apenas os atributos que, para si, fazem sentido pertence ao mesmo conjunto;
- Forme apenas agrupamentos que tenham significado para si;
- Não necessita de usar todos os atributos listados.
- Não necessita de preencher todos os agrupamentos.
- Pode repetir características em diferentes agrupamentos.
- Esta tarefa não tem tempo limite de resposta.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

**Instrução dos tipos de alvos sociais**

Pense num indivíduo **português**.

Em seguida agrupe as características que formam agrupamentos, coerentes e com sentido para si, para caracterizar um **português**.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte parra iniciar

Pense num indivíduo **imigrante legal a residir em Portugal**.

Em seguida agrupe as características que formam agrupamentos, coerentes e com sentido para si, para caracterizar um **imigrante legal a residir em Portugal**.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte parra iniciar

**Instrução medida Complexidade da identidade social**

Na próxima fase do estudo faremos algumas perguntas sobre diferentes associações em categorias sociais estão relacionados.

Por exemplo, muitos engenheiros são fãs de desporto, e, alguns fãs de desporto também são engenheiros.

Deste modo pedimos, que, em seguida indique a sua perceção sobre quantas pessoas do grupo

A também são membros do grupo B.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte parra iniciar

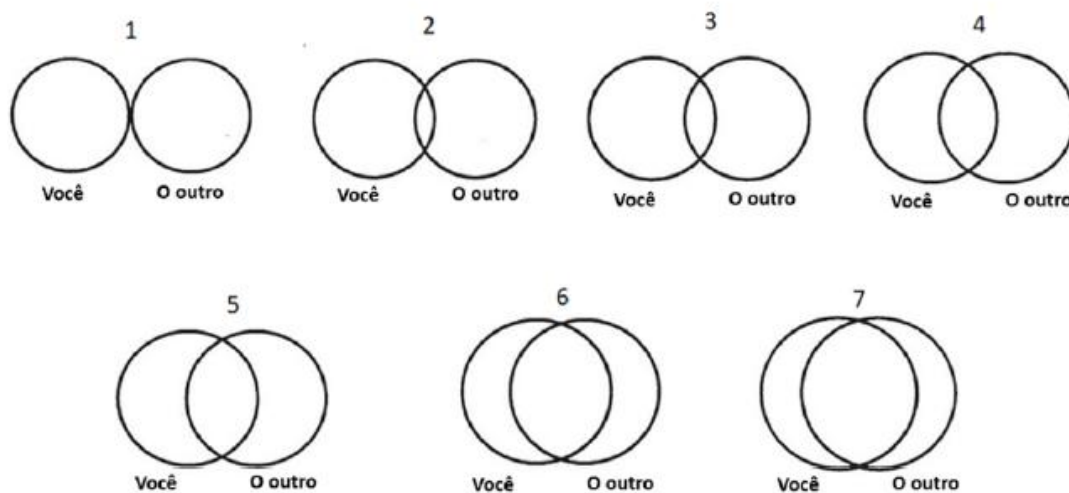
***Itens que compõem a medida***

- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos de Portugal.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos de Portugal.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos de Portugal.

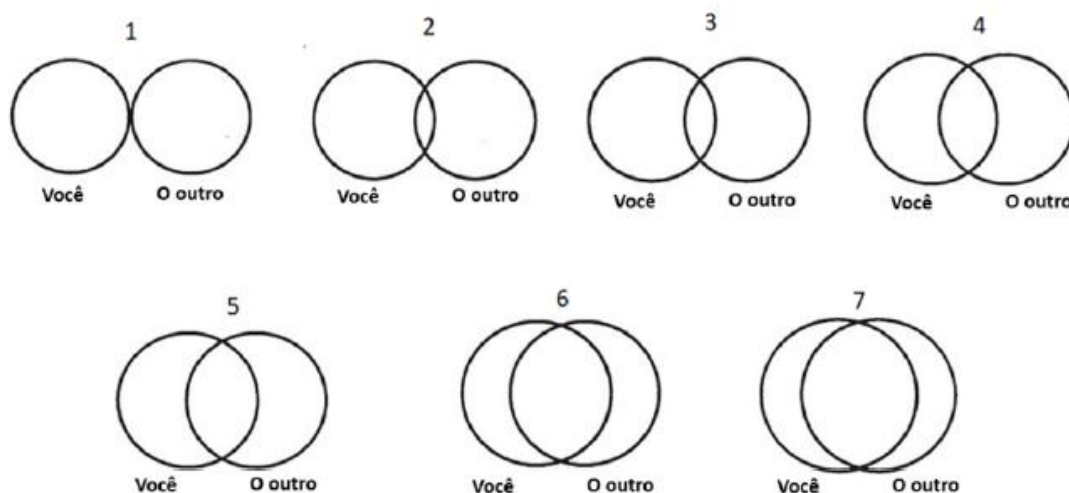
### Instrução à medida Inclusão do outro no self

Pedimos-lhe agora que pense em si e nas suas características pessoais.

Dos diagramas abaixo, qual representa melhor as características que você considera partilhar com um **português nascido em Lisboa?**



Dos diagramas abaixo, qual representa melhor as características que você considera partilhar com o **filho de imigrante nascido em Lisboa?**



## **Anexo F – Instruções e materiais Estudo III**

### ***Consentimento informado***

O Núcleo de Cognição Social Aplicada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a realizar um estudo com o objetivo de compreender qual a sua perceção sobre os vários grupos sociais.

Ser-lhe-á pedido que responda a algumas perguntas sobre o tópico. As suas respostas serão mantidas em confidencialidade e anonimato.

O estudo demora cerca de 20 a 25 minutos a concluir.

A sua participação nesta investigação é voluntária. Tem o direito de se retirar em qualquer momento durante o estudo, por qualquer razão e sem qualquer prejuízo. Se deseja entrar em contacto com o Investigador Principal do estudo para discutir esta investigação, envie um e-mail para *ncristino@campus.ul.pt*.

Ao clicar no botão abaixo, reconhece que a sua participação no estudo é voluntária, que tem 18 anos de idade e que tem conhecimento que pode escolher terminar a sua participação neste estudo em qualquer momento e por qualquer razão.

Aceito participar: \_\_\_\_\_

Não aceito participar: \_\_\_\_\_

## **Instruções tarefa indução de complexidade do self**

### ***Seis atributos e Alvo João***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características que percebemos em outras pessoas e que quotidianamente avaliamos.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **seis** características pessoais do João e **cinco** comportamentos do João.

Pedimos que avalie cada comportamento com base **apenas** nas **seis** características pessoais apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada comportamento.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião. Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar.

### ***Dois atributos e Alvo João***

Neste estudo procuramos compreender a percepção individual sobre as características que percebemos em outras pessoas e que quotidianamente avaliamos.

Em seguida serão apresentados conjuntos de **duas** características pessoais do João e **cinco** comportamentos do João.

Pedimos que avalie cada comportamento com base **apenas** nas **duas** características pessoais apresentadas. Ser-lhe-ão solicitadas cinco avaliações, uma para cada comportamento.

Tem **40 segundos**, no máximo, para indicar cada avaliação.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos conhecer a sua opinião.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar.

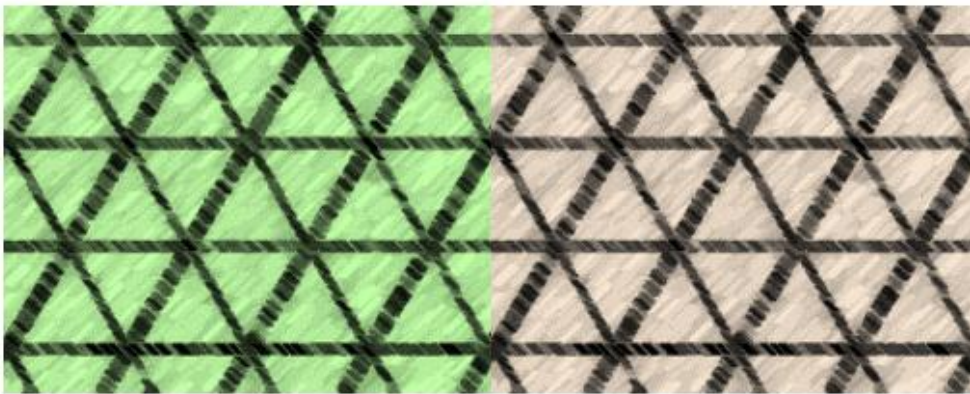
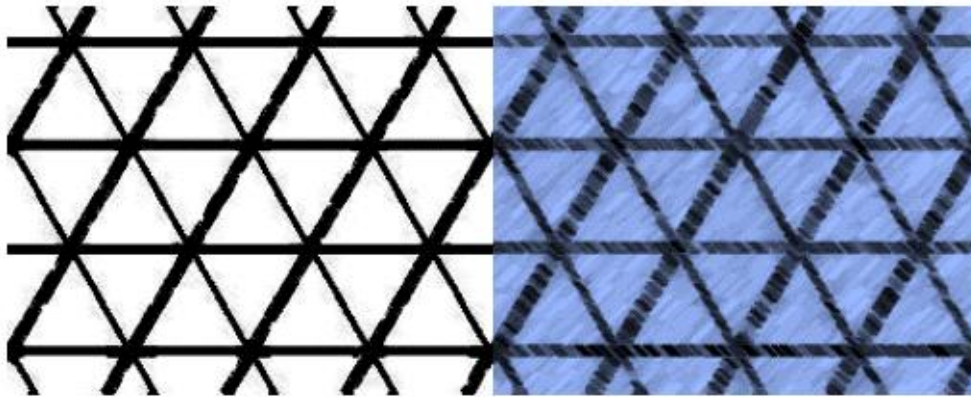
### Instruções categorização social em grupos de tamanho relativo diferentes

Na tarefa seguinte surgirão no seu ecrã imagens contendo figuras geométricas. Cada imagem será exibida por **15 segundos**, e, a imagem desaparecerá automaticamente.

Em seguida pediremos que **estime** quantas figuras geométricas observou na imagem.

Pedimos que esteja atento(a).

Quando se sentir preparado(a), clique em Seguinte para iniciar.



### **Instrução categorização grupo minoritário**

O teste que acabou de fazer examinou as habilidades subjacentes à estimativa de pontos. A estimativa de pontos tem sido neste teste relacionada à acuidade perceptiva e ao estilo pré-consciente, duas habilidades importantes da mente que são usadas para classificar as pessoas como superestimadoras e subestimadoras.

Os resultados do seu teste indicam que você é um **subestimador**, fazendo parte de uma parcela minoritária da população de estudantes do Ensino Superior, mais especificamente os Estudantes do Programa Erasmus.

Muitos estudantes do Ensino Superior superestimam, na verdade 75-80% dos estudantes portugueses do Ensino Superior superestimam.

Considerando os seus resultados no teste: você enquadra-se no grupo minoritário que representa 20-15% desta população, onde se enquadram os estudantes do Programa Erasmus.

### **Instrução categorização grupo maioritário**

O teste que acabou de fazer examinou as habilidades subjacentes à estimativa de pontos. A estimativa de pontos tem sido neste teste relacionada à acuidade perceptiva e ao estilo pré-consciente, duas habilidades importantes da mente que são usadas para classificar as pessoas como superestimadoras e subestimadoras.

Os resultados do seu teste indicam que você é um **superestimador**, fazendo parte de uma parcela maioritária da população de estudantes do Ensino Superior.

Muitos estudantes do Ensino Superior superestimam, na verdade 75-80% dos estudantes portugueses do Ensino Superior superestimam.

Poucas pessoas são subestimadores; na verdade, apenas 20-25% dos estudantes no Ensino Superior subestimam, onde se enquadram os estudantes do Programa Erasmus.

Considerando os seus resultados no teste: você enquadra-se no grupo maioritário que representa 75-80% desta população, onde se enquadram os estudantes portugueses do Ensino Superior.

## **Instrução complexidade da descrição de alvos sociais**

### ***Introdução à tarefa***

Na próxima tarefa procuramos compreender como cada pessoa pensa sobre outras pessoas, através de agrupamentos de características individuais.

**Pedimos que seleccione os atributos que considera serem pertinentes para descrever cada uma das pessoas apresentadas, em cada agrupamento criado por si.**

Pedimos que:

- Utilize apenas os atributos que, para si, fazem sentido pertence ao mesmo conjunto;
- Forme apenas agrupamentos que tenham significado para si;
- Não necessita de usar todos os atributos listados.
- Não necessita de preencher todos os agrupamentos.
- Pode repetir características em diferentes agrupamentos.
- Esta tarefa não tem tempo limite de resposta.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

## **Instrução dos tipos de alvos sociais**

### ***Português***

Pense num indivíduo **português**.

Em seguida agrupe as características que formam agrupamentos, coerentes e com sentido para si, para caracterizar um **português**.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar

### ***Imigrante legal a residir em Portugal***

Pense num indivíduo imigrante legal a residir em Portugal.

Em seguida agrupe as características que formam agrupamentos, coerentes e com sentido para si, para caracterizar um imigrante legal a residir em Portugal.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte para iniciar.

**Instrução medida Complexidade da identidade social**

Na próxima fase do estudo faremos algumas perguntas sobre diferentes associações em categorias sociais estão relacionados.

Por exemplo, muitos engenheiros são fãs de desporto, e, alguns fãs de desporto também são engenheiros.

Deste modo pedimos, que, em seguida indique a sua perceção sobre quantas pessoas do grupo A também são membros do grupo B.

Quando se sentir preparado(a), por favor, clique em Seguinte parra iniciar

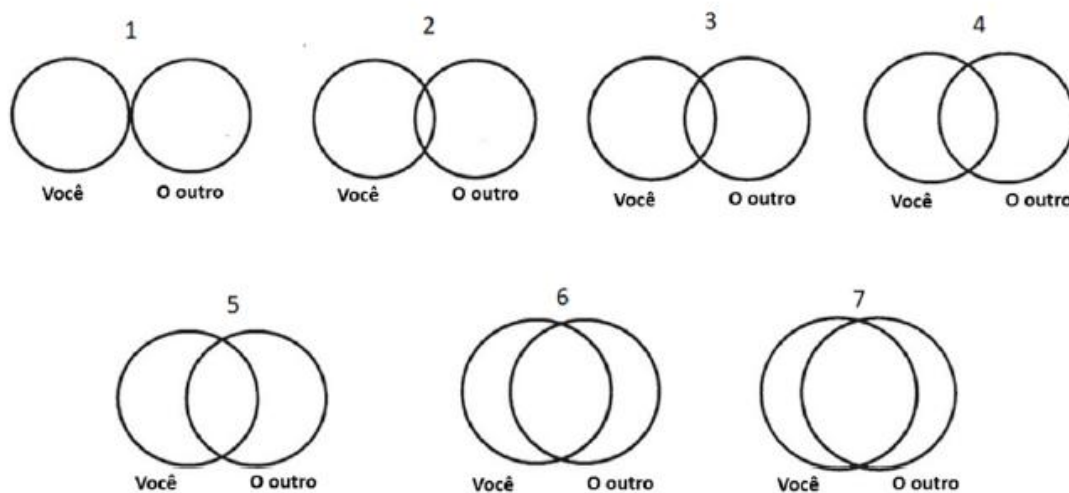
***Itens que compõem a medida***

- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos do Brasil e indivíduos oriundos de Portugal.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos de Cabo-Verde e indivíduos oriundos de Portugal.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos de Portugal e indivíduos oriundos da Roménia.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos do Brasil.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos de Cabo-Verde.
- Indivíduos oriundos da Roménia e indivíduos oriundos de Portugal.

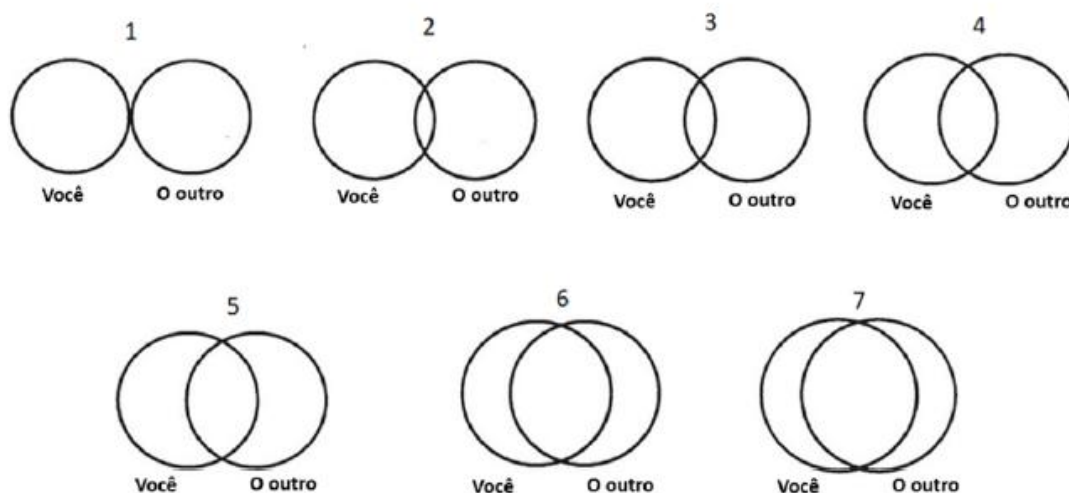
### Instrução à medida Inclusão do outro no self

Pedimos-lhe agora que pense em si e nas suas características pessoais.

Dos diagramas abaixo, qual representa melhor as características que você considera partilhar com um **português nascido em Lisboa?**



Dos diagramas abaixo, qual representa melhor as características que você considera partilhar com o **filho de imigrante nascido em Lisboa?**



**Consentimento informado pós engano experimental**

Para verdadeiramente analisar as variáveis de interesse deste estudo houve três aspetos que não lhe pudemos revelar inicialmente.

Não foi utilizado nenhum teste que avalie/relacione a estimação de figuras geométricas em imagens e o grupo em que você ficou, o resultado foi totalmente fictício. O objetivo do presente estudo consiste em compreender como ao pertencermos a grupos fictícios, de maiores ou menores dimensões, influencia a nossa percepção de variabilidade de grupos sociais.

Asseguramos que as suas respostas serão mantidas em confidencialidade e anonimato.

Para indicar que autoriza, ou não, a utilização dos dados recolhidos para o objetivo deste estudo por favor indique:

Autorizo que as minhas respostas a este estudo sejam usadas para fins estatísticos:

\_\_\_\_\_

Não autorizo que as minhas respostas a este estudo sejam usadas para fins estatísticos:

\_\_\_\_\_